

I ENCONTRO REGIONAL ANTIRRACISTA DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO

IX Semana de Geografia
V Seminário de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Geografia
I Seminário de Educação Multicultural
I Encontro de Práticas Pedagógicas de
Educação Básica Antirracista



I ERAGE

Universidade Federal Fluminense - UFF

Rua José do Patrocínio, 71,
Campos dos Goytacazes - RJ

26 A 29 DE
MAIO 2025

PARCEIROS:



Livros de Resumos

"Por uma Geografia Antirracista e seus Desafios"





I ENCONTRO REGIONAL ANTIRRACISTA DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO (01 : 2025 : Campos dos Goytacazes-RJ).

Anais do I ENCONTRO REGIONAL ANTIRRACISTA DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO (ERAGE), 26 a 29 de maio de 2025, Campus dos Goytacazes [recurso eletrônico]: educação em geografia, antirracismo, ensino / organizado por Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFF. [realização POSGEO/UFF: ESC. 2024

CD-ROM. ; il. 4 3/4 pol.

Disponível em www.sisgeenco.com.br/anais/erage/2025

ISBN: 978-65-81033-87-3

DOI: 10.46849/erage2025

1. Geografia, Educação, Antirracismo - Encontro. 01. Pesquisa em Geografia e Educação Antirracista org. I. Mota, E. A., org. II. Peixoto, D.F., org. III. Cintra. D.P., org. IV. Junior. R.A.L., TÍTULO: Por uma Geografia Antirracista e seus Desafios.

Online CDD - 370



Sobre o Evento

ERAGE | Encontro Regional Antirracista de Geografia e Educação

A primeira edição do ERAGE representa os envidados esforços para se reunir: universidade, educação básica e sociedade civil, para trazer para o centro do debate o racismo estrutural desfavorável aos povos indígenas e afro-brasileiros, que tem se perpetuado desde o Brasil Colônia, por meio de dispositivos sociais na ciência e na educação com desumanização e invisibilidade de corpos indígenas e negros. De base escravocrata, a educação jesuítica no Brasil foi fio condutor na produção desigual socioespacial, que contribuiu na reprodução de códigos culturais para a manutenção do privilégio da branquitude em detrimento ao reconhecimento humano a indígenas e negros durante a Colônia brasileira, e permaneceu durante o Brasil Império e está ainda hoje em vigor no Brasil republicano mesmo depois da Constituição Cidadã de 1988. É estrutural a desigualdade entre brancos, indígenas e negros.

Após pelo menos cinco séculos da máquina colonial de desumanização de corpos indígenas e negros, a Universidade Federal Fluminense, campus Campos dos Goytacazes, cidade cuja presença indígena está apenas no topônimo, pela primeira vez o Programa de Pós-Graduação em Geografia juntamente com a graduação licenciatura e bacharel em Geografia assumem o desafio para promover o primeiro encontro para debater o racismo estrutural e pensar estratégias antirracistas através da educação juntamente com a sociedade civil. O evento acolhe também quatro eventos do departamento de Geografia: 1. V Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Geografia; 2. IX Semana de Geografia; 3. I Encontro de Práticas Pedagógicas de Educação Básica Antirracista na Perspectiva da Lei 10639/03 das Regiões do Norte e Noroeste Fluminense e da Zona da Mata Mineira; e, 4. I Seminário de Educação Multicultural: Por uma Geografia Antirracista e seus Desafios.

O ERAGE nasceu do desejo do inconsciente de professores e alunos, pretos, pardos e brancos, de quatro instituições de ensino superior e periféricas, imbuídos para a transformação do tempo-espacó para construir uma sociedade antirracista em que busca a igualdade social. Para promover esse encontro a escala regional foi o dispositivo estratégico determinante para se criar a integração regional da periferia, baixadas e interior do Estado do Rio de Janeiro com a Zona da Mata Mineira interior do Estado de Minas Gerais. Nesse pleito regional foram reunidas as instituições de ensino superior e respectivos cursos: curso



de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, UERJ-Caxias; curso de pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert – ISEPAM e Programa de Pós-Graduação em Geografia, mais a graduação de Licenciatura e Bacharel em Geografia, da UFF, ambas as instituições em Campos dos Goytacazes; e na divisa do Estado do Rio com Minas Gerais, na Zona da Mata Mineira, curso de graduação em Geografia em Carangola – UEMG.

Como Angela Davis afirma: "Numa sociedade racista, não basta não ser racista". "É necessário ser antirracista". É neste sentido de inconformidade com o racismo, que durante quatro dias, na cidade de Campos dos Goytacazes, no interior do Estado do Rio de Janeiro, será realizado o primeiro ERAGE que tem como propósito, promover o debate racial sobre o recorte da Geografia e da Educação e áreas afins, para pensar e propor mudanças estruturais que levem à igualdade de oportunidade para indígenas e negros, e que, pelas vias institucionais do Estado de Direito e democrático, se possa construir uma sociedade com justiça distributiva e equidade. Assim, o evento está estruturado para:

- Promover o encontro de pesquisadores e pesquisadoras das universidades públicas das cinco regiões brasileiras, estudantes de doutorado, mestrado, graduação, representantes de religiões de matriz afro-brasileira, Babolorixá, pessoa com deficiência (PcD), LGBTQIAPNA+ para debater o efeito deletério do racismo na sociedade hoje.
- Ofertar 4 palestras, 7 painéis de debates, 3 Grupos de Trabalhos com comunicação oral, 3 sessões de pôster, 5minicursos, 1 oficina.



Coordenação Geral

Edimilson Antônio Mota

Comunicação social

Danielle Faria Peixoto
Maria Carla Barreto Santos Martins

Logística

Gustavo Henrique Naves Givisiez

Infraestrutura

Cláudio Henrique Reis

Assessoria de Imprensa

Elaine Guimarães Godinho
Saulo Barbosa
Mariana Mallet Gomes

Comitê Científico

Vera Lucia Vasconcelos
Ives da Silva Duque Pereira
Gabriel Romagnose Fortunato De Freitas Monteiro
Ricardo Abrate Luigi Junior
Maria Carla Barreto Santos Martins
Gustavo Henrique Naves Givisiez
Luane Bento dos Santos
Cláudio Henrique Reis
Danielle Faria Peixoto
Maria Carla Barreto Santos Martins
Elaine Guimarães Godinho
Micheli Marques Borowsky



SUMÁRIO

GT1	8
Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica e nas Licenciaturas de Pedagogia, Geografia, História e Ciências Sociais	8
GT2	45
Ensino de Geografia e educação das Relações Étnico-Raciais Afro-brasileiras e Indígenas	
GT3	78
Geografia, Desigualdades Sociorraciais e Desafios Ambientais	



GT1

Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica e
nas Licenciaturas de Pedagogia, Geografia, História e
Ciências Sociais



| 54 | DEBATES SOBRE RACISMO AMBIENTAL E SEUS IMPACTOS

Millena Gomes Oliveira(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

millenagmsss02@gmail.com

Licencianda em Geografia pelo Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Campus Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Bolsista de extensão – (2021-2025). Participa Grupo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Educação

Ana Claudia Ramos Sacramento(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

ana.sacramento@uerj.br

Ana Claudia Ramos Sacramento - Professora Doutora do Departamento de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Pós-doutora em Geografia pelo PPGGEO (UFRRJ). Desenvolve pesquisas nas áreas de Ensino

Este trabalho visa o estudo da importância de introduzir no ensino de Geografia a problemática do racismo ambiental como uma proposta para compreender as desigualdades socioespaciais e seus impactos na vida de populações das periferias. As condições ambientais precárias, ausência de infraestrutura adequada e vulnerabilidade dessa parcela da sociedade a desastres naturais, resultam na continuação de injustiças históricas. Através da metodologia de pesquisa-ação foi produzida a oficina “Debates sobre Racismo ambiental e seus impactos” com crianças do sexto ano do ensino fundamental na Escola Municipal Aurelina Dias Cavalcanti em São Gonçalo- RJ. Trazendo a relação entre racismo ambiental e o direito à cidadania evidencia como o gerenciamento do espaço urbano e das vidas é feito de maneira desigual, restringindo o acesso a um ambiente seguro e saudável para determinados grupos.



| 71 | NOSSAS RAÍZES AFRICANAS FLORESCEM NA CULTURA BRASILEIRA

Odilon Augusto Rêgo de Lima(UERJ - FFP) - odilon.lima6@gmail.com
Graduado em Tecnologia em Gestão Ambiental pela IFPA e Graduando em Geografia pela UERJ - FFP

Roberta do Nascimento Ozório(UERJ - FFP) - robertanozorio.uerj@gmail.com
Graduanda em Geografia pela UERJ - FFP

Ana Claudia Ramos Sacramento(UERJ - FFP) - ana.sacramento@uerj.br
Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Faculdade de Formação de Professores (2002), Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP (2007), Doutora em Geografia Física pela DG-FFLCH-USP (201

A educação geográfica é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, especialmente ao abordar relações étnico-raciais. A Lei 10.639/03 fortalece a necessidade de uma educação antirracista, e a Geografia, ao analisar o espaço geográfico como reflexo das relações sociais e históricas, pode contribuir significativamente no processo de ensino e aprendizagem através do diálogo na sala de aula entre professores e alunos a partir das ações afirmativas. A população negra foi historicamente marginalizada, refletindo-se na segregação territorial, tanto urbana quanto rural. A abordagem crítica da Geografia deve evidenciar essas desigualdades e promover o protagonismo negro na construção do espaço geográfico. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma possibilidade de educação antirracista com estudantes com turma de Pré II da Educação Infantil na Escola Municipal Professora Aurelina Dias Cavalcanti localizada na Cidade de São Gonçalo-RJ. Por meio da pesquisa qualitativa, através da metodologia de oficinas pedagógicas foram usados o livro paradidático Meu Avô Africano e o jogo tipo quebra-cabeça com representação cartográfica de África e Brasil para que os estudantes percebessem a trajetória de povos africanos para nosso continente, trazendo saberes, cultura, língua, religiosidade tão presente no cotidiano. Desta maneira, pensando, ensinando e construindo para além do sofrimento da escravidão. Como resultados, os estudantes prestaram atenção à literatura no qual identificaram palavras usadas no dia a dia e a colaboração entre eles para confecção e montagem da atividade.



| 167 | (POSTER) RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, AÇÕES AFIRMATIVAS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE O CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NO ISEPAM

Karina Ribeiro Soares Reis(ISEPAM) - teste de escrita de minicurriculo
teste de escrita de minicurriculo

Vera Lúcia Vasconcelos (orientadora)(SEPAM) - veralvasconcelos866@gmail.com
Doutora em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Professora do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert -ISEPAM. Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Br

A educação para o Século XXI no Brasil, em suas diretrizes atuais, é pautada na inclusão. Um conceito social, educacional e político (Freire, 2008), que engloba diversos grupos, um deles é o negro. A pesquisa tem por objetivo apresentar as diferentes medidas de ações afirmativas, implantadas no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM), nos últimos dez anos. Todavia, pretende-se identificar as disciplinas relacionadas à educação étnico-racial no currículo do curso. Busca-se também, enfatizar a importância da política de cota racial adotada pela instituição desde 2009, no ingresso e permanência do discente. E por último, apontar o Olhares África-Brasil, um evento acadêmico tradicional do instituto, como uma importante ferramenta educacional na luta antirracista e para a formação do futuro pedagogo. Pretende-se utilizar a metodologia de base qualitativa, composta pelas etapas de revisão bibliográfica, documental e entrevistas semi-estruturadas. O trabalho possui as seguintes questões norteadoras: O conjunto de ações afirmativas executadas pela instituição corrobora para uma educação que inclui o discente negro e o integra socialmente? As medidas auxiliam na formação de um profissional com preparo para atuar na perspectiva decolonial e antirracista? Atualmente a maior parte da população brasileira é composta por pretos e pardos (IBGE, 2022), muitos sofrem o racismo estrutural e encontram-se excluídos da sociedade, devido ao passado escravista e eurocentrista que gerou uma dívida histórica com o grupo. É preciso construir desde a formação inicial do pedagogo bases sólidas para uma educação inclusiva, antirracista e equânime.



| 140 | :RACISMO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UM DOCUMENTÁRIO PRODUZIDO POR ESTUDANTES

RODRIGO WANDERLEY GONZALEZ(Universidade Estadual do Rio de Janeiro) -

digogonzalezw@yahoo.com.br

Formado em Geografia pela UFRJna modalidades de Bacharel e Licenciatura, Bacharel em Direito pela UNESA, Especialização em Docência em Geografia pela UCAM e mestrando em Geografia pela UFRJ.

O artigo analisa a aplicação de uma metodologia antirracista no ensino médio por meio da produção de um documentário denúncia, realizado por alunos do 3º ano de uma escola pública em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. O projeto teve como foco o racismo ambiental, explorando as experiências dos estudantes em relação aos impactos ambientais e sociais que afetam a comunidade em que vivem. Utilizando o audiovisual como ferramenta pedagógica e de conscientização, os alunos foram capacitados em todas as etapas de produção, desde o roteiro até a gravação e edição do documentário. Os resultados indicam que o documentário permitiu a expressão de relatos pessoais e promoveu debates significativos em sala de aula, evidenciando o impacto do racismo ambiental na região.



| 22 | A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DOS MORADORES DE CAMPO GRANDE, RIO DE JANEIRO, E A (I)MOBILIDADE URBANA COMO UM ESTUDO DE CAMPO AOS ALUNOS

Ciça Kaline Cruz Rosa(Programa de Engenharia de Transportes (P) -

ckalinecruz@gmail.com

Ciça Kaline Cruz Rosa, Formada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), com Licenciatura em Geografia pela Universidade Cidade Verde (UniCV), Mestre em Urbanismo pelo Programa de Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduaçã

Este artigo tem como objetivo analisar a Educação das Relações Étnico-Raciais na educação básica dos moradores de Campo Grande, Rio de Janeiro, e sua interseção com a (i)mobilidade urbana no currículo das escolas, fazendo assim com que haja aulas de campo para os estudantes e o senso crítico dos mesmos a partir da aula-campo. A pesquisa destaca como metodologia o estudo dos desafios da implementação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da geografia, da história e da cultura afro-brasileira, e aponta como a precariedade do transporte impacta o acesso à educação e a permanência dos alunos. Propõe-se ainda que a mobilidade urbana como um estudo de campo, utilizando assim as metodologias de mapeamento de deslocamentos e a cartografia digital em conjunto com os alunos para uma maior reflexão dos mesmos. Com isso, é possível chegar a uma conclusão de que a articulação entre educação étnico-racial e mobilidade amplia a consciência crítica dos estudantes sobre desigualdades socioespaciais e raciais, promovendo reflexões para transformações sociais.



| 35 | A HISTÓRIA DA ARTE COMO EQUIPAMENTO DE TRANSFORMAÇÃO DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA: ESTRATÉGIAS DE SENSIBILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Ney Alves de Arruda(UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso) -

neyarruda@gmail.com

Doutor em História pela Universidad Pablo Olavide (Sevilha - Espanha), Mestre em Filosofia pela UFSC, professor associado da UFMT

Como introdução, o proponente é docente da disciplina História da Arte no Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, onde verifica por experiência prática em sala de aula, que se trata de conteúdo programático o qual poderia assumir um protagonismo, ainda mais voltado ao processo de lapidação cultural das massas estudantis. Em especial, no recorte aqui pretendido do Cursos de Licenciatura em História. Nisso, objetiva-se constatar o caráter estratégico de uma abordagem específica intensamente voltada para destacar mulheres e homens pintores, escultores, arquitetos, músicos, poetas e cineastas negros e negras. Que estejam construindo suas carreiras profissionais ou que já tenham obtido notoriedade histórica em suas trajetórias e respectivas produções artísticas. Discute-se a necessidade de inclusão certeira dessa cristalina perspectiva estética negra demonstrando a diversidade do conjunto de obras de arte com essa estatura social de intensa relevância educativa e sensibilizadora. Publicações táticas que poderiam inclusive atingir a educação básica do ensino fundamental. Conclui-se preliminarmente acerca de uma esperada mudança nas relações étnico-raciais, talvez uma radical alteração paulatina e progressiva da cultura humanista no Brasil. A partir de uma educação antirracista militante e engajada que exalte o multiculturalismo como bandeira no sentido de ofertar uma guinada epistemológica para disciplinas de formação como é a História da Arte nos currículos dos cursos de Licenciatura em História.



| 52 | A LITERATURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA ETNICO-RACIAL: UMA ANÁLISE DO ACERVO DE LIVROS UTILIZADOS NO SUBPROJETO ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO PIBID

Matheus Martins Ramos Rangel(Instituto Superior de Educação Professor) -

matheus.rangel.aluno@isepam.edu.br

Licenciando do curso de Pedagogia e Bolsista do Subprojeto Alfabetização PIBID/CAPES/ISEPAM.

Analyce Viana Souza(Instituto Superior de Educação Professor) -

analyce.viana123@gmail.com

Licencianda do curso de Pedagogia e Bolsista do Subprojeto Alfabetização PIBID/CAPES/ISEPAM.

Mariana Monteiro Soares Crespo de Alvarenga(Instituto Superior de Educação Professor) - mariana.alvarenga@isepam.edu.br

Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF. Licencianda em Pedagogia pelo Centro Claretiano e Ciências Biológicas pela UENF. Docente do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM-FAETEC) e Supervisora do Subprojeto Alfabetização PIBID/CA

Caio Roberto Siqueira Lamego(Instituto Superior de Educação Professor) -

caiolamego@gmail.com

Doutor em Ciências pelo IOC-Fiocruz e Mestre em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade pela UERJ. Licenciado em Pedagogia pela UNIRIO e Ciências Biológicas pela UERJ. Docente do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM-FAETEC) e Co

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar obras literárias que dialogam com a perspectiva étnico-racial, a partir de uma abordagem sobre a História e Cultura Afro-Brasileira. Foram tomados como corpus da pesquisa os livros de literatura infantojuvenil que compõe o acervo do Subprojeto Alfabetização PIBID/CAPES. Entendendo que as obras literárias são passíveis de análise, por serem consideradas documentos que “registram” uma intencionalidade, o instrumento de construção de dados contou com a análise documental proposta por Cellard (2020). Para o autor, comprehende-se como documento todo material, disponível em diferentes suportes, que ainda não foi submetido a análise. Sendo assim, foram analisados um total de 353 obras literárias do acervo supracitado. Após a análise das obras literárias infantojuvenis, atendendo aos objetivos da pesquisa, foram identificados 24 exemplares que dialogam com a temática étnico-racial, representando 6,8 % do total de livros que compõem o acervo do Subprojeto de Alfabetização. Do total apresentado, apenas 15 obras literárias se enquadram em uma ou mais categorias elaboradas, ou seja, totalizando 4,2 % do total de livros que compõem o acervo. Sendo assim, se faz necessário investir em aquisição de obras literárias que problematizem a questão étnico-racial para o processo de ensino e aprendizagem. Não foi realizada uma análise referente as obras de autoria negra, sendo necessário que outros estudos sejam realizados a fim de identificar tais autores e diferenciar teoricamente literatura africana da literatura afro-brasileira.



| 48 | A OFICINA “JOGO DA MEMÓRIA DAS INTELECTUAIS NEGRAS” COMO RECURSO DIDÁTICO ANTIRRACISTA

Lucas Almeida Azevedo Detoni(UFRRJ) - lucasdetoni@ufrj.br

Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e atual Graduando em Bacharel pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Gilmar de Oliveira Machado(UFRRJ) - gilmardeo.machado@gmail.com

Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar e bolsista do Programa de Educação Tutorial PET - Geografia/UFRRJ-IM

Cecília Alejandra Estepa Ortiz(UFRRJ) - cecilia01alejandra@ufrj.br

Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar e bolsista do Programa de Educação Tutorial PET - Geografia/UFRRJ-IM cecilia01alejandra@ufrj.br

Anita Loureiro de Oliveira(UFRRJ) - anitaloureiro@ufrj.br

Docente do Departamento de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar e do Programa de Pós- Graduação em Geografia da UFRRJ. Bolsista MEC Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Geografia/UFRRJ

A oficina "Jogo da Memória das Intelectuais Negras: Uma Perspectiva Geográfica" foi concebida como um recurso didático que promove a valorização e reconhecimento das contribuições de intelectuais negras. Em sua primeira edição, o jogo abordou mulheres negras de diversas áreas do saber, enquanto na segunda edição focou especificamente em intelectuais negras do campo da Geografia. O jogo educativo permite conhecer sobre a vida, obra e realizações de algumas das mais influentes intelectuais negras sob uma perspectiva geográfica, combatendo estereótipos prejudiciais associados às mulheres negras intelectuais. A metodologia do jogo foi apresentada pela primeira vez durante a 1ª Jornada de Geografia Antirracista realizada pela UFRRJ-IM em setembro de 2022 e tem sido eficaz para promover valorização e reconhecimento das contribuições destas importantes figuras históricas. O uso do Jogo da Memória das Intelectuais Negras possibilita uma educação antirracista, incentivando os estudantes à aprendizagem sobre suas trajetórias enquanto pensadoras relevantes para nosso tempo presente. A evolução para uma segunda edição com foco geográfico reforça o compromisso com a representatividade no campo específico da Geografia e o diálogo com pesquisadoras cujos trabalhos cruzam com nossas linhas de pesquisa.



|36| A PRESENÇA DA LITERATURA INFANTIL AFROCENTRADA EM COLEÇÕES E ACERVOS: DISCUTINDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Thales Miller Paulo Marini(IFF - Instituto Federal de Educação, Ciê) -

thalesmarini@gmail.com

Formado em História e Pedagogia pela UNIRIO. Especialista em Orientação e supervisão pedagógica

Érica Luciana de Souza Silva(IFF - Instituto Federal de Educação, Ciê) -

ericavascoprod@gmail.com

Doutora em Estudos Literários e Professora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias - IFF Campos Campus Centro

A pesquisa intitulada "A presença da literatura infantil afrocentrada em coleções e acervos: discutindo as relações étnico-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental" tem como foco investigar a contribuição das narrativas africanas e afro-brasileiras para a desconstrução do racismo e a promoção de uma educação antirracista, em conformidade com a Lei nº 10.639/03. Seu objetivo principal é identificar e desenvolver práticas pedagógicas que incorporem a literatura infantil afrocentrada de forma representativa e significativa no cotidiano escolar, promovendo uma educação que valorize a diversidade étnico-racial. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza aplicada, com caráter exploratório-descritivo, utilizando como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica e documental, a análise do acervo literário disponível na escola, o exame do Projeto Político-Pedagógico (PPP), a aplicação de questionários e a análise de obras literárias infantojuvenis por meio da Análise Textual Discursiva. Entre os resultados esperados, destaca-se a ampliação do repertório literário afrocentrado, catalogado e disponibilizado à comunidade escolar, bem como a ressignificação da biblioteca como espaço de localização psicológica, cultural e social, contribuindo para o processo de enegrecimento curricular. O referencial teórico dialoga com autores fundamentais para a discussão sobre racismo, colonialidade e educação, incluindo Frantz Fanon (1961), Aimé Césaire (1950), Aníbal Quijano (2000), Eliane Cavalleiro (2001), Nilma Lino Gomes (2012), Molefi Kete Asante (2009) e Eliane Debus (2017). Ao centrar-se na literatura infantojuvenil, a pesquisa busca fortalecer a centralidade epistemológica africana, promovendo a relocalização e a agência histórica dos saberes afrodiáspóricos como estratégia de enfrentamento às desigualdades raciais institucionalizadas no âmbito educacional.



| 61 | AÇÕES TERRITORIALIZADAS DO MUSEU DA VIDA FIOCRUZ: AFETO E RESISTÊNCIA

Gilmar de Oliveira Machado(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) -

gilmardeo.machado@gmail.com

Graduando em Licenciatura em Geografia integrante do Programa de Educação Tutorial PET - Geografia/UFRRJ-IM, bolsista do Programa de Educação e Popularização da Ciência (PROPAT) no Museu da Vida Fiocruz, na Ações Territorializadas

Victória Laísa Madeira Ferreira(Universidade Estadual do Rio de Janeiro) -

vicotorialmferreira@gmail.com

Graduanda em Licenciatura em Ciências Sociais integrante do Projeto Extensão Ações Afirmativas e Políticas Públicas - PEAP. Bolsista do Programa de Educação e Popularização da Ciência (PROPAT) no Museu da Vida Fiocruz, na Ações Territorializadas.

André da Cruz Oliveira(Universidade Federal do Rio de Janeiro) - andre.cruz@fiocruz.br

atua como educador nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz.

Celso Cândido de Almeida.(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

celcandido.almeida12@gmail.com

Comunicador popular pela UNICEF e BemTv, Bolsista do Programa de Educação e Popularização da Ciência (PROPAT) no Museu da Vida Fiocruz, na Ações Territorializadas

Renata de Oliveira Rodrigues(Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz) -

renata.deoliveira@fiocruz.br

Licenciada em História pelo, cursando Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência pela Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruzatua como educador nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz

Ana Carolina Santos de Jesus(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

anacarolina-sj@live.com

Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pedagoga formada pela UERJ, bolsista do programa institucional de iniciação à docência do Núcleo Interdisciplinar: História,literatura e Matemática) Bolsista do Programa

Este trabalho apresenta uma experiência de educação das relações étnico-raciais desenvolvida no Museu da Vida Fiocruz (MVF), por meio das Ações territorializadas (AT) e da exposição Manguinhos Território em Transe: Novos Encontros e Diálogos. A iniciativa busca promover reflexões críticas sobre identidade, memória e ancestralidade, alinhadas às diretrizes da Lei 10.639/03 e 11.645/08. A proposta se insere no campo da educação antirracista, utilizando o lúdico como ferramenta de ensino para ampliar o acesso de estudantes da educação básica a narrativas plurais sobre história, cultura e resistência dos povos negros e indígenas. Através de atividades interativas, atividades educativas e visitas mediadas, a exposição confronta o apagamento histórico e promove o reconhecimento dos territórios periféricos como espaços de produção de conhecimento. O artigo discute os desafios e potencialidades dessas práticas no ensino de Geografia, Ciências Sociais, História, Pedagogia e Letras e suas conexões com currículos escolares, apontando caminhos para fortalecer uma formação docente comprometida com a equidade racial. Essa discussão é atravessada pelas experiências dos integrantes do grupo, que atuam a partir dessas áreas e construindo práticas pedagógicas que desafiem estruturas coloniais na educação.



| 65 | ANÁLISE DA INTERSECCIONALIDADE NOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA DO CURRÍCULO DE MATO GROSSO DO SUL: GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Alessandra Alves Pereira(Universidade Federal de Mato Grosso do S) -

aleehalvesp@gmail.com

Mestranda em Geografia do Programa de Pós Graduação Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Três Lagoas - MS (2023/2) Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2021). Professora da Rede Estad

Valéria Rodrigues Pereira(Universidade Federal de Mato Grosso do S) -

valeriaufms@gmail.com

Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá-UEM. Graduação e Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. Atualmente, docente no Curso de Geografia, UFMS, Campus Três Lagoas, atuando na coordenação do curso

Este trabalho é resultado da monografia intitulada “A interseccionalidade no ensino de geografia em Mato Grosso do Sul: uma análise dos conteúdos curriculares no ensino fundamental” defendida no ano de 2021 no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. Trata-se de uma análise das categorias identitárias de gênero, raça e classe no ensino de geografia com base no Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul (2019).



| 13 | CARTOVIVÊNCIAS NAS PERIFERIAS DA CIDADE: AS RELAÇÕES RACIAIS DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Ricardo Barbosa da Silva(Instituto das Cidades, Campus Zona Leste) - teste de escrita de minicurriculo
teste de escrita de minicurriculo

A proposta metodológica de cartovivências baseia-se na articulação entre cartografia social e escrevivência para refletir sobre as vivências e experiências nas periferias de São Paulo, com foco nas relações raciais. A iniciativa ocorrerá em abril de 2025, por meio de três oficinas voltadas a estudantes do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA). A metodologia abrange três etapas: narrativas, cartografia social e escrita literária, permitindo que os participantes expressem suas histórias por meio da oralidade, de mapas e de minicontos. Entre os resultados esperados estão o estímulo à leitura e escrita das periferias, a reflexão sobre segregação espacial, mobilidades e acessos desiguais, preconceito racial e a desmistificação da produção cartográfica e literária.



| 125 | CONHECENDO AS PRÁTICAS E OS SABERES DAS BENZEDEIRAS E BENZEDORES DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA EM CAPARAÓ-MG

Fernanda Guedes Frigues Lacerda(Universidade do Estado de Minas Gerais) -

fernandafrigues94967@gmail.com

Graduanda em geografia na Universidade do Estado de Minas Gerais.

Este presente trabalho faz parte do desenvolvimento inicial de uma pesquisa de conclusão de curso de graduação em Geografia, que investiga a importância cultural e socioespacial das benzedeiras e benzedores na comunidade São Sebastião da Boa Vista em Caparaó-MG. Estes curadores, reconhecidos na comunidade como portadores de conhecimento e sabedoria ancestrais, transmitidos oralmente, realizam práticas e rituais de oração, para o bem-estar mental ou físico dos que os procuram. Diante de um cenário de invisibilidade e apagamento de grupos de tradições populares brasileiras, objetiva-se compreender como esses curadores se adaptam e resistem, resgatando a ancestralidade e memória presentes nestas práticas dos interiores de Minas Gerais. A partir da perspectiva da geografia cultural e por meio de uma abordagem qualitativa, que inclui observação participante e entrevistas semiestruturadas, o trabalho analisa a transmissão de saberes, os objetos e rituais utilizados no benzimento. Como resultados, identificou-se sete curadores na comunidade, indicando uma preservação da cultura através da transmissão de práticas – mesmo que fragmentadas – entre membros da mesma família. Sendo assim, infere-se que ao valorizar a cultura imaterial e contribuir para a preservação das tradições de cura, reforça-se elementos essenciais como a identidade e coesão social da comunidade. Ao investigar as práticas de benzimento, a pesquisa não apenas documenta técnicas e rituais, mas também reflete sobre a ligação entre essas práticas e a identidade cultural local, enfatizando o papel das benzedeiras e benzedores como agentes de pertencimento e resistência cultural e a importância de preservar saberes tradicionais em um mundo em constante transformação.



| 148 | CORPOS NEGROS EM DISPUTA: A VIOLÊNCIA E DESUMANIZAÇÃO ATRAVÉS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO DO HOMEM NEGRO

IGOR DA SILVA OLIVEIRA(Universidade do Estado de Minas Gerais) -

igor.1294088@discente.uemg.br

Formado em História pela UEMG - Carangola, Professor do Pré-Vestibular Social, Discente de Geografia pela UEMG - Carangola

O presente trabalho visa discutir o desenvolvimento histórico da imagem e do estereótipo hipersexualizado do homem negro na sociedade. Consideramos a construção histórica do negro e como que uma sociedade imersa pela “supremacia branca” desenvolve e perpetua uma imagem do homem negro hipersexualizado. Portanto, nos debruçaremos em referencias teóricos correspondentes ao tema e a conceitos como “hipersexualização”, “supremacia branca” e “objetificação”. Por fim, discutiremos como que a sociedade e algumas indústrias, como a fonográfica e a pornográfica, se valem desses estereótipos para lucrar e perpetuar tal imagem.



| 75 | EDUCAÇÃO POPULAR NEGRA E CURSINHOS COMUNITÁRIOS: A EXPERIÊNCIA DA EDUCAFRO E O NÚCLEO CELESTE ESTRELA EM CARANGOLA - MG.

Pedro Henrique Pereira Venancio(UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS) - venanciotv@outlook.com

Graduando em História pela UEMG, unidade Carangola. Professor voluntário da rede Educafro Minas. Militante da Frente Estudantil do Levante Popular da Juventude e da União Nacional dos Estudantes.

Helena Azevedo Paulo Almeida(UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS) -

helenoca@gmail.com

Professora da UEMG. Historiadora, mestra e doutora pela UFOP.

Este trabalho analisa a atuação da Educação Popular Negra no Brasil por meio dos cursinhos comunitários, com foco na experiência da EDUCAFRO e, em especial, no núcleo Celeste Estrela, localizado na cidade de Carangola (MG). Parte-se da concepção de que a Educação Popular é uma prática pedagógica crítica e emancipadora, voltada para a transformação social e o enfrentamento das desigualdades raciais e educacionais. A metodologia adotada é a pesquisa-ação-participante, na qual o pesquisador se insere ativamente na prática educativa, colaborando com a organização, execução e reflexão sobre o funcionamento do cursinho. Os instrumentos metodológicos incluem observação participante, entrevistas com educadores e coordenadores, bem como análise documental. A pesquisa encontra-se em andamento, com resultados parciais que apontam para a importância do núcleo Celeste Estrela na construção de um espaço de valorização da identidade negra, fortalecimento comunitário e preparação para o acesso ao ensino superior. Ainda que enfrente desafios como a falta de recursos e o reconhecimento institucional limitado, o cursinho demonstra potencial transformador tanto para os educandos quanto para os educadores envolvidos. Esses dados iniciais indicam que a Educação Popular Negra, quando construída de forma coletiva e participativa, contribui significativamente para a democratização do conhecimento e para a afirmação dos direitos da população negra. A continuidade da pesquisa buscará aprofundar essas análises e propor caminhos para a sustentabilidade e ampliação de iniciativas semelhantes.



| 64 | FORMAÇÃO DO DOCENTE EM GEOGRAFIA E OS DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO

Rayssa Paixão França(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) - rayssa10@ufrrj.br
Estudante de Geografia pela UFRRJ. Bolsista de Iniciação Científica na disciplina Educação das Relações étnicos-Raciais

Este trabalho pretende apresentar um mapeamento sobre a formação dos professores de geografia das universidades públicas do Rio de Janeiro. O objetivo é analisar a preparação das licenciaturas para o atendimento do Artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi alterada pela Lei nº 10.639/2003, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e privadas do país. Foram analisados os Projetos Político-pedagógicos, Planos de Curso e/ou Fluxogramas das faculdades de Geografia de 11 instituições, observando não só a preocupação quanto ao atendimento às questões étnico-raciais, mas também o oferecimento de disciplinas – obrigatórias, optativas ou eletivas – direcionadas a formação para a educação das relações étnico-raciais na área. Compreendemos o currículo de Geografia como tem poder de promover quebra de estereótipos que permeiam a vida social cotidiana e as representações de poder, atingindo a base da organização socioeconômica do país: o racismo estrutural (Almeida, 2015, p.32.), que reforça a crença em uma formação para a diversidade. Os dados iniciais da pesquisa nos indicam que ainda há muito trabalho a ser desenvolvido para que o currículo forme profissionais de Geografia aptos a aplicar as Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, pois as disciplinas voltadas a essa finalidade são absoluta minoria.



| 73 | ILÊ ÈKÓ, CONHECIMENTO É PODER

Sara Cristina de Almeida Santos(UFF/IEAR) - saraalmeida@id.uff.br

Coordenadora do Pré-Vestibular Social ILÊ ÈKÓ UNEAFRO Brasil desde (2023), bolsista do Projeto Redes Anti Racistas do Ministério da Igualdade Racial(2025). Interessada pelas pesquisas relacionadas à educação escolar quilombola, educação popular e geo-graf

Victor Leonardo Silva Santos(UFF/IEAR) - vleonardo@id.uff.br

Formado em Técnico em Enfermagem, tendo atuado 2 anos no Centro Cirúrgico de Ortopedia. Graduando Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal Fluminense. Atuante no Plano Municipal de Redução de Risco de Angra dos Reis, concluinte de bolsa PIBIC de

Talison Santos(UFF/IEAR) - talisonsantos@id.uff.br

Graduando de licenciatura em Pedagogia na UFF/IEAR. Coordenador do Pré-Vestibular Social ILÊ ÈKÓ UNEAFRO Brasil desde 2023, bolsista do Projeto JACA VERDE: Cozinha escola e laboratório de segurança alimentar e nutricional. Bolsista de extensão do projeto

Maria Eduarda Gomes(UFF/IEAR) - Megsilva@id.uff.br

Graduando em bacharelado em Políticas Públicas na UFF/IEAR. Coordenadora do Pré-Vestibular Social ILÊ ÈKÓ UNEAFRO Brasil desde do final de 2023, e atualmente sou bolsista de extensão do Pré.

Mario Sergio Soares(UFF/IEAR) - marios@id.uff.br

Graduando em Pedagogia (Universidade Federal Fluminense), Articulador Territorial, Produtor Cultural Afro diaispórico, Fundador/Coordenador Pré Vestibular Social ILÊ ÈKÓ UNEAFRO BRASIL,, bolsista do Projeto de Extensão Processos Formativos e Pedagógicos An

Luiza Nathalia Jesus de Lima(UFF/IEAR) - luizanathalialima@id.uff.br

Graduanda em Políticas Públicas pela Universidade Federal Fluminense. Integrante do Núcleo de estudos em agroecologia, bolsista do projeto Cozinha escola: laboratório de segurança alimentar e nutricional. Coordenadora do Pré - vestibular Social ILÊ ÈKÓ UN

Resumo

O Projeto de Pré-Vestibular Social ILÊ ÈKÓ, vinculado ao Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF), emerge como um fruto da luta do movimento negro, UBUNTUFF e da UNEafro Brasil. Sua proposta central é oferecer a estudantes negros, uma educação de qualidade cuja base central é equidade racial, promovendo suporte educacional e preparando-os para os exames de vestibulares. Sua metodologia pedagógica inclui o acompanhamento contínuo dos estudantes por meio de oficinas de estudos dirigidos, realização de exercícios e fóruns de discussão, promovendo um ensino crítico e emancipatório. O movimento negro, conforme destacado por Nilma Lino Gomes, desempenha um papel fundamental na reeducação da sociedade, desafiando estruturas racistas e reivindicando políticas públicas eficazes para garantir direitos e combater desigualdades. Pôde-se compreender o projeto, como uma ação que enfrenta as assimetrias de poder presentes no espaço geográfico e social, visto que os espaços educacionais são disputados de forma desigual. A partir da perspectiva de Milton Santos, o território é um espaço de disputa, onde as relações de dominação e resistência se manifestam. Assim, o projeto não apenas promove o acesso à educação, mas também desafia os processos de exclusão historicamente construídos, que reforçam desigualdades socioespaciais. Além disso, a iniciativa atua no contexto da cidadania territorial, garantindo que os estudantes negros e periféricos tenham o direito de ocupar os espaços acadêmicos que foram negados. O Pré-Vestibular, portanto, representa um instrumento de transformação social que questiona privilégios estruturais e reafirma a educação como um direito fundamental.

Abstract

The ILÊ ÈKÓ Social Pre-Vestibular Project, linked to the Angra dos Reis Education Institute (IEAR) of the Fluminense Federal University (UFF), emerged as the fruit of the struggle of the black movement, UBUNTUFF and UNEafro Brasil. Its central proposal is to offer black students a quality



education based on racial equity, providing educational support and preparing them for university entrance exams. Its pedagogical methodology includes the continuous monitoring of students through directed study workshops, exercises and discussion forums, promoting critical and emancipatory teaching. The black movement, as highlighted by Nilma Lino Gomes, plays a fundamental role in re-educating society, challenging racist structures and demanding effective public policies to guarantee rights and combat inequalities. The project can be understood as an action that confronts the asymmetries of power present in geographical and social space, given that educational spaces are contested unequally. From Milton Santos' perspective, territory is a space of dispute, where relations of domination and resistance are manifested. Thus, the project not only promotes access to education, but also challenges the historically constructed processes of exclusion, which reinforce socio-spatial inequalities. In addition, the initiative acts in the context of territorial citizenship, ensuring that black and peripheral students have the right to occupy academic spaces that have been denied to them. Pre-Vestibular, therefore, represents an instrument of social transformation that questions structural privileges and reaffirms education as a fundamental right.



| 69 | O TRABALHO DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DE COMBATE AO RACISMO NO CONTEXTO NEOLIBERAL

Caio Camilo da silva(UERJ) - caiocamilogeo22@outlook.com

graduando em geografia

Jonathan Costa Falcão(UERJ MARACANÃ) - jonathan.c.falcao@gmail.com

graduando em geografia

Gabriela Oliveira Araujo Silva(UERJ FEBF) - 13gabrielaaraujo@gmail.com

Gislane Neves de Almeida(UERJ MARACANÃ) - gislanelwalker11@gmail.com

graduanda em geografia

Lucas Venancio dos Santos Ferreira(UERJ MARACANÃ) -

l.venancio.academico@gmail.com,

graduando em geografia

Fabiano Oliveira dos Santos(UERJ MARACANÃ) - fabianortt@gmail.com

Graduando em geografia

Este artigo analisa o trabalho de campo como instrumento de combate ao racismo, através de roteiros como o da "Pequena África" no centro do Rio de Janeiro. Serão discutidos os impactos de como o racismo se espacializa, e através de signos e símbolos como o racismo se inscreve no espaço. Iniciamos nossos percursos pela "Pequena África", lugar habitado por negros escravizados e assim denominado por Heitor dos Prazeres, à zona portuária do Rio de Janeiro, mais especificamente começando pelo Museu de História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB) indo até a região da Pedra do Sal e Largo de São Francisco da Prainha. Nesse sentido, discutiremos a valorização, permanência e vitalidade da presença negra. Desse modo iremos trazer uma metodologia teórica de Roberto Lobato Corrêa e uma metodologia temática de Charles W. Mills, além disso disputas cartográficas e tensões que também embasam uma luta política, econômica e geográfica sobre a região.



| 49 | OFICINAS PEDAGÓGICAS COMO ESTRATÉGIA PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA FORMAÇÃO DOCENTE.

Alessandra de Souza rangel(Instituto Federal de Educação, Ciência e) -

rangelsouzalessandra@gmail.com

Licenciada em História. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela PUC-Rio.

Mestranda em Ensino e suas Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (MPET/IFFluminense).

Érica Luciana de Souza Silva(Instituto Federal de Educação, Ciência e) -

ericaicprof@gmail.com

Doutora e Mestra em Letras pela UFJF. Professora do Instituto Federal Fluminense (IFF), atuando no Mestrado em Ensino e na Especialização em Literatura. Integra os grupos de pesquisa NECEL e GEED. Atua nas áreas de literatura afrodescendente, literaturas

Este trabalho investiga o uso de oficinas pedagógicas como estratégia interdisciplinar para promover uma educação antirracista e decolonial na formação docente. Fundamentado na Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares, este estudo busca compreender os desafios de sua implementação na formação de professores de todas as disciplinas, conforme estabelece a Lei 10.639/03. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica e aplicação de oficinas pedagógicas para aferir sua eficácia na capacitação docente. Como produto educacional, foi desenvolvido a OficinAfrô, uma oficina pedagógica voltada à formação de professores, com ênfase na valorização da diversidade cultural e no combate ao racismo sistêmico. Os resultados preliminares indicam a necessidade de formação continuada dos docentes e a importância de metodologias dinâmicas e interdisciplinares para a efetiva implementação da lei. Diferentemente das abordagens tradicionais, que frequentemente se limitam à transmissão teórica e conteudista, essas metodologias privilegiam a participação ativa dos professores, promovendo um aprendizado baseado na reflexão crítica, na experimentação e na construção coletiva do conhecimento.



| 15 | PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA REGIÃO DO CAPARAÓ-ES

Mateus Augusto Almeida Martins(Universidade Estadual do Norte Fluminense) -

m_ateusaugusto@hotmail.com

Doutorando em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), com Mestrado em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), financiado pelo programa Nossa Bol

O racismo no Brasil manifesta-se de forma estrutural e institucional, tornando essencial o investimento em educação para que as escolas se tornem ambientes inclusivos e acolhedores. Para isso, é necessário debater criticamente o papel do racismo na sociedade brasileira. Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência realizada em uma escola pública da região do Caparaó, no sul do estado do Espírito Santo, que buscou contribuir para a implementação da Lei nº 10.639/2003 no currículo escolar, introduzindo práticas antirracistas sob uma perspectiva decolonial no cotidiano escolar. Adotam-se como referencial teórico Gomes e Munanga, cujas contribuições são fundamentais para os debates sobre relações raciais e educação antirracista. Este relato de experiência reforça a importância da implementação de práticas antirracistas nos ambientes escolares, colaborando para a redução das desigualdades raciais na sociedade. Além de denunciar o racismo estrutural no Brasil, que sustenta o mito da democracia racial, busca-se também anunciar possibilidades e estimular a introdução desse debate nas escolas, promovendo a formação de educadores(as) e demais profissionais para a construção de espaços verdadeiramente antirracistas e inclusivos, erradicando práticas discriminatórias e discursos racistas que ainda se perpetuam na sociedade.



| 118 | QUESTÕES RACIAIS E GEOGRAFIA ESCOLAR: TENSÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO SEMIÁRIDO CEARENSE

ARNOBIO RODRIGUES DE SOUSA JUNIOR(Universidade Estadual Vale do Acaraú) -

teste de escrita de minicurriculo

teste de escrita de minicurriculo

Esta pesquisa apresenta discussões parciais relacionadas a aplicabilidade da lei nº 10.639/03 no ensino da geografia escolar a partir da realidade da escola pública estadual no semiárido cearense, do convívio docente entre os pares e das vivências e experiências docente na rede de ensino. Nesse sentido, o objetivo principal do trabalho é analisar alguns avanços, permanências e retrocessos em relação a aplicabilidade da lei e de maneira secundária o modo como os educadores lidam com as questões étnico-raciais em suas práticas pedagógicas. Além disso, analisamos em breves notas como o estado do Ceará no âmbito da Secretaria da Educação do Estado (SEDUC-CE) tem fomentado a discussão sobre a diversidade étnico-racial nas escolas e instituições educacionais. Utilizou-se a pesquisa de natureza qualitativa de cunho bibliográfica e as vivências e experiências na docência como pressupostos metodológicos. Portanto, o trabalho oferece aos leitores, estudantes, comunidade e espectadores uma compreensão crítica e reflexiva a respeito da lei nº 10.639/03 no ensino da geografia escolar no estado do Ceará além de ensejar a reflexão no que diz respeito as ações da Secretaria da Educação na tentativa de fortalecer a luta antirracista e promover a equidade racial.



| 129 | RACIONAIS, MILTON SANTOS, CONHECIMENTO COMPLEXO, LUGAR E DEMOCRACIA COGNITIVA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL.

Demetrius Silva Gomes(PUC- RIO.) - demetriusgomes@mymail.yahoo.com

Formado em Geografia pela FEUC, mestre em Relações Etnico Raciais no CEFET RJ. Doutorando em Geografia pela PUC-RIO.

A Intenção do artigo é estabelecer a um diálogo a partir da obra do grupo de Hap Racionais onde a sub categoria geográfica "Lugar" e a teoria da complexidade de "Morin" com o foco na "Democracia Cognitiva, e a possibilidade de entrelaçamento desses saberes contribuindo para a "Educação Geográfica". O lugar a partir da abordagem do geógrafo Milton Santos e a obra do Racionais enquanto multiplicadores de conhecimento.



| 39 | SENTIDOS DE ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO BRASILEIRO: PROPOSIÇÃO DIDÁTICA PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR DO CANDOMBLÉ

Caê Garcia Carvalho(Universidade Federal de Roraima) - cae_garcia@hotmail.com

Graduado, Mestre e Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Roraima, Coordenador do PIBID-Geografia pela referida Universidade. Tem experiência na área de Geografia, com ênfases

Bruno Sobral Barrozo(UNICAMP) - b252502@dac.unicamp.br

Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Atualmente é doutorando em Geografia no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase no Ensino de Geog

Este texto problematiza o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Geografia Escolar brasileira, tensionando a Lei 10.639/03 a partir das fissuras que atravessam sua implementação. Assim, partimos do seguinte questionamento: De que modo os discursos curriculares sobre História e Cultura Afro-Brasileira produzem regimes de verdade que (des)legitimam o Candomblé como conhecimento geográfico na escola? Em um contexto de disputas discursivas, propomos o Candomblé não apenas como objeto espacial de ensino, mas como chave epistemológica para repensar os modos de produção do conhecimento geográfico escolar. A proposta metodológica se ancora na Sequência Didática de Castellar e Vilhena (2010), explorando o conceito de território-territorialidade para problematizar a espacialização da fé e suas intersecções com disputas raciais e coloniais. Nesta proposta, o Ensino Médio é tomado como lócus para essa experimentação pedagógica, em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, mesmo atravessada por contradições, oferece brechas para práticas de insurgência curricular.



| 23 | VOZES SILENCIADAS: A MIGRAÇÃO NEGRA E A SUA HISTÓRIA EM SÃO GONÇALO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Lucas Domingos da Silva(UERJ-FFP) - aeoza91@gmail.com

Licenciando em Geografia pela UERJ-FFP

Davi Laurentino da Silva(UERJ-FFP) - davilaurentinogeo@gmail.com

Licenciando em Geografia pela UERJ-FFP

Ana Claudia Ramos Sacramento(UERJ-FFP) - ana.sacramento@uerj.br

Professora do curso de Geografia e do curso de Pós graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Campus Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo -RJ, Pós doutorado em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pes

A migração de população negra, especialmente durante o período colonial, é um aspecto que marcou a história, com os negros sendo obrigados a deixar suas terras de origem e sendo escravizados. No Brasil, a falta de políticas públicas para integrar os ex-escravizados gerou marginalização e a formação de favelas. Em São Gonçalo-RJ, o processo de urbanização e a migração interna, especialmente de nordestinos, acentuaram a desigualdade social e a segregação. O racismo estrutural continua afetando as condições de vida dos negros na cidade, com a periferia sendo predominantemente habitada por essa população. A pesquisa qualitativa tendo como metodologia a oficina sobre migração negra na cidade sendo desenvolvida com alunos do 7º ano finais do ensino fundamental da EM Professora Aurelina Dias Cavalcanti na mesma cidade, teve como objetivo refletir sobre o impacto dessas migrações e os desafios enfrentados pelas comunidades negras. Os alunos participaram de discussões sobre migração, racismo e condições de vida em áreas periféricas, acompanhando a persistência de desigualdades históricas.



| 62 | "CAMINHAR COM OS OLHOS DE VER": O PROJETO NEGRO MURO COMO POSSIBILIDADE PARA UMA LEITURA AFIRMATIVA DO ESPAÇO URBANO CARIOWA

Luana Ferreira Correia(Pontifícia Universidade Católica do Rio) -

luanacorreia88@gmail.com

Formada em Geografia pela UFF. Doutoranda em Geografia pela PUC-Rio. Professora da educação básica - redes pública e privada - do Rio de Janeiro.

Considerando a importância do trabalho de campo enquanto instrumento metodológico para o ensino de Geografia, tanto na prática cotidiana das escolas quanto na formação de professores, o presente trabalho tem como objetivo apresentar duas propostas de roteiros geográficos pelo centro da cidade do Rio de Janeiro. A primeira proposta, desenvolvida na perspectiva antirracista, foi apresentada aos estudantes da educação básica da rede estadual do Rio de Janeiro, e buscou responder à questão "o que podemos saber a respeito das experiências daqueles que escapam à representação?". Baseado na teoria da deriva, de Guy Debord, a segunda proposta foi desenvolvida para os estudantes do curso de graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Trata-se de um dos procedimentos utilizados pelos situacionistas para pensar a cidade e o urbano. As propostas em tela partem de um objeto comum – os murais produzidos pelo Projeto NegroMuro, iniciativa que atua no mapeamento da memória negra através da arte urbana. Ao ressignificar os percursos formativos e desafiar narrativas eurocentradas ainda predominantes no ensino de Geografia, as referidas propostas se configuram como um esforço coletivo para promover uma formação alinhada às diretrizes da Lei 10.639/03, reconhecendo a centralidade das experiências afrodescendentes na produção do espaço urbano carioca.



| 79 | RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, AÇÕES AFIRMATIVAS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE O CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NO ISEPAM

Karina Ribeiro Soares Reis(ISEPAM) - karinathaynaribeiro@gmail.com
Negra, Mestranda em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP-UFF), Psicopedagoga Clínica e Institucional (IMES), Especialista em Educação de Jovens e Adultos (IFRO), Docência em EPT, Educação Inclusiva (IFMG), e Cidades e suas Tecno

Vera Lúcia Vasconcelos (orientadora)(ISEPAM) - veralvasconcelos866@gmail.com
Doutora em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Professora do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muyaert -ISEPAM. Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Br

A educação para o Século XXI no Brasil, em suas diretrizes atuais, é pautada na inclusão. Um conceito social, educacional e político (Freire, 2008), que engloba diversos grupos, um deles é o negro. A pesquisa tem por objetivo apresentar as diferentes medidas de ações afirmativas, implantadas no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muyaert (ISEPAM), nos últimos dez anos. Todavia, pretende-se identificar as disciplinas relacionadas à educação étnico-racial no currículo do curso. Busca-se também, enfatizar a importância da política de cota racial adotada pela instituição desde 2009, no ingresso e permanência do discente. E por último, apontar o Olhares África-Brasil, um evento acadêmico tradicional do instituto, como uma importante ferramenta educacional na luta antirracista e para a formação do futuro pedagogo. Pretende-se utilizar a metodologia de base qualitativa, composta pelas etapas de revisão bibliográfica, documental e entrevistas semi-estruturadas. O trabalho possui as seguintes questões norteadoras: O conjunto de ações afirmativas executadas pela instituição corrobora para uma educação que inclui o discente negro e o integra socialmente? As medidas auxiliam na formação de um profissional com preparo para atuar na perspectiva decolonial e antirracista? Atualmente a maior parte da população brasileira é composta por pretos e pardos (IBGE, 2022), muitos sofrem o racismo estrutural e encontram-se excluídos da sociedade, devido ao passado escravista e eurocentrista que gerou uma dívida histórica com o grupo. É preciso construir desde a formação inicial do pedagogo bases sólidas para uma educação inclusiva, antirracista e equânime.



| 40 | A INFLUÊNCIA DO RAP NA SOCIEDADE

Talison Santos de Oliveira(Universidade Federal Fluminense) - talisonsantos@iduff.br
Graduanda em Pedagogia na UFF/IEAR

O presente trabalho consiste em descrever a influência na vida cotidiana de um jovem periférico preto periférico, oriundo de um território rural da comunidade do campo belo em Angra dos reis, região sul fluminense do estado do Rio de Janeiro, onde teve em sua adolescência o contato com o movimento Hip Hop porém especificamente o Rap (Ritmo e poesia) e a partir da inserção houve um despertar mais amplo de consciência no qual não havia no meio escolar muito precário e inserido no contexto de violência advindas do estado e pelo poder paralelo. O intuito deste resumo é expressar como a influência do Rap muda/salva vidas trazendo um outro olhar para sociedade como um todo transformando-se em um instrumento principal para consciência racial e política na vida de jovens e adultos das diversas periferias brasileiras.



| 44 | A LEI Nº 10.639/2003 E AS OFICINAS ANTIRRACISTAS: AS AÇÕES DO NETEN NAS ESCOLAS

Daniella Anatalicio Pereira da Fonseca(UERJ/FFP) - anatalicio96@gmail.com

Graduanda em Pedagogia pela UERJ. Integrante do NETEN.

Bruna Machado da Rocha(UERJ/FFP) - iamddbruna@gmail.com

Mestra em Geografia pela FFP/UERJ. Licenciatura e bacharel em Geografia pela UFF. Integrante do NETEN.

Isabella Fagundes Mendes(UERJ/FFP) - isabellafagundes@id.uff.br

Licenciatura em Geografia pela UFF/Niterói, mestrandna em Geografia pelo PPGGEO da FFP/UERJ. Integrante do NETEN .

Thamyres Celestino de Oliveira(UERJ/FFP) - oliveira.thamyres@graduacao.uerj.com

Graduando em Geografia Licenciatura pela UERJ/FFP. Integrante do NETEN.

Thayná Melo Chavão(UERJ/FFP) - thayna.profgeografia@gmail.com

Licenciatura em Geografia pela FFP/UERJ, mestrandna em Geografia pelo PPGGEO da FFP/UERJ. Integrante do NETEN e GEPGEC.

Este trabalho se propõe a analisar a relevância das oficinas enquanto um projeto de extensão de ação nas escolas para trabalhar a aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003 atrelado ao currículo de Geografia, especificamente no ensino fundamental (anos finais), na Escola Municipal Doutor Mário Pinheiro localizada em Santa Dalila, Magé e no Centro Educacional Paulo Freire localizada em Nova Cidade, São Gonçalo, ambos no estado do Rio de Janeiro. As oficinas fazem parte de uma agenda política de combate ao racismo e de educação das relações étnico-raciais (ERER) vinculada ao Núcleo de Estudos em Territorialidades Negras e Ensino de Geografia (NETEN), um grupo de pesquisa interdisciplinar da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Serão expostas quatro experiências pedagógicas realizadas no ano de 2024 na semana do 13 de maio, refletindo de modo crítico e antirracista nas escolas sobre a abolição da escravidão no Brasil e a formação do território e identidade nacional. Concluímos que tais iniciativas de ERER são cruciais para a formação de docentes por incentivar a reflexão teórica e prática enquanto educadoras(es) e pesquisadoras(es) e disputar no calendário letivo escolar a obrigatoriedade dos conteúdos da história e cultura afro-brasileira.



| 112 | A PRINCESA MONONOKE FRENTE AO COLONIALISMO, MARGINALIZAÇÃO DAS MULHERES E NEGAÇÃO DAS CULTURAS INDÍGENAS

Júlia Marianna Lucas Silva(UEMG-Carangola) - Julia.1216217@discente.uemg.br
teste de escrita de minicurriculo

Helena Azevedo Paulo de Almeida(Universidade do Estado de Minas Gerais) -
helena.almeida@uemg.br

Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais, coordenadora do curso de história, membra integrante do Grupo de Pesquisa em História Ética e Polica (GHEP/UFOP).

O presente trabalho discute o filme Princesa Mononoke (1997), de Hayao Miyazaki, como uma representação simbólica da cultura espiritual originária japonesa e das tensões provocadas pelo avanço da modernidade. O colonialismo se mostra em personagens como Lady Eboshi e seu grupo, que desencadeiam uma disputa de valores com os espíritos, fazendo uma referência à colonização europeia e à sociedade atual. A história foca em Ashitaka, um jovem amaldiçoado por um espírito da floresta, que o leva ao encontro de San, uma menina criada por lobos, e também como San se relaciona com a "Cidade de Ferro", liderada pela Lady Eboshi. O filme apresenta o respeito dos povos originários pela natureza em comparação à lógica de progresso destrutivo dos humanos, traçando paralelos com a colonização europeia nas Américas. A "Cidade de Ferro", embora acolha mulheres marginalizadas e pessoas doentes, evoca o que Silvia Federici discute em "Calibã e a Bruxa" (2022), mostrando muito de como mulheres marginalizadas podem ir ao limite da sociedade, buscando novos pontos para criar, e recriar, sua vida. O trabalho também estabelece um diálogo com autores como Davi Kopenawa, além de Silvia Federici, para mostrar como o colonialismo, a destruição ambiental e a negação das culturas indígenas ainda existente nos dias de hoje, afinal, o filme é um documento produzido em nossa contemporaneidade. O trabalho propõe uma reflexão sobre coexistência, respeito à natureza, o modo de vida de povos originários, conexão desses povos ao mundo natural, além da falta de conexão presente na sociedade atual.



|34| A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA DO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE A DISCIPLINA SOCIEDADE, ESPAÇO E ETNIA DA UERJ/FFP

Rammon Vitor de Paula Silva(UERJ/FFP) - r.vitor1999@gmail.com

Mestrando pelo Programa de Pós Graduação de Geografia da UERJ-FFP

Gabriel Siqueira Corrêa(UERJ/FFP) - gabrielgeo@hotmail.com.br

Professor adjunto do departamento de Geografia da UERJ/FFP (Faculdade de Formação de Professores).

A lei 10.639/03 tornou obrigatória a inclusão do ensino da História e Cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, visando combater a invisibilização na formação da sociedade brasileira pelo povo negro, promovendo assim, uma educação antirracista e decolonial. No ensino superior, particularmente na Geografia, sua implementação enfrentou desafios. A disciplina eletiva "Sociedade, Espaço e Etnia", oferecida pelo departamento de Geografia da UERJ/FFP, representa um estudo de caso significativo dessa inserção. Estruturada a partir da dissertação de mestrado professor Andrelino Campos, essa disciplina abordava as dinâmicas sociais, raciais e espaciais, mesmo que no período ainda o currículo fosse permeado por bibliografias eurocentradas, desta maneira interpretamos, a partir de uma reflexão crítica, a relação desta eletiva com a agenda política do Andrelino atrelada ao Movimento Negro Educador. Segundo a análise de Silva (2024) da ementa curricular foi revelado que o debate étnico-racial estava ausente nas disciplinas obrigatórias, consolidando a disciplina eletiva "Sociedade, Espaço e Etnia" como uma exceção pioneira. Seu programa abordava temas como racismo, segregação espacial e violência urbana, articulando diferentes áreas do conhecimento ainda que inicialmente houvesse um foco maior nas questões urbanas atreladas ao trabalho previamente já desenvolvido pelo professor Andrelino em seu Observatório Geográfico do Leste Metropolitano do Rio de Janeiro (OBGEO-LMRJ). A disciplina demonstrou o potencial da Geografia para discutir questões étnico raciais, ampliando o currículo tradicional e analisar a Lei 10.639/03 no ensino superior.



| 122 | ANÁLISE A PARTIR DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPECIAL NO MUNICÍPIO DE ANGRA DOS REIS, NO ÂMBITO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Milene Rosa Vicente Luiz(Universidade Federal Fluminense) - milener@id.uff.br

Cursando Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentro do ambito da universidade foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) no Quilombo do Bracui na Escola Aurea Pires da Gama. Estagiária na Secretaria de

A escola onde o estágio supervisionado foi desenvolvido está localizada no central de Angra dos Reis, cercada por uma diversidade de comunidades como: Morro da Glória I e II, Sapinhatuba I e III, e comunidades vizinhas, que apresentam contrastes significativos em termos de infraestrutura e condições socioeconômicas e que influenciam diretamente o desempenho dos alunos. O planejamento e a escolha do tema "Segregação Socioespacial" foi baseada na relevância para a realidade local dos alunos e na conexão com o conteúdo de Geografia que estava sendo trabalhado. A proposta foi de integrar teoria e prática por meio de uma aula campo, em que os alunos pudessem analisar criticamente as diferenças existentes de lazer e serviços básicos dentro das comunidades, visava não apenas transmitir um conceito acadêmico, mas também sensibilizar os alunos para a importância de compreenderem sua realidade socioeconômica e geográfica. A atividade foi dividida em três momentos sendo o primeiro uma apresentação do tema, o segundo a observação do bairro e o terceiro a realização de um jornal do bairro. Cavalcanti (2010) enfatiza que é possível observar os fenômenos presentes nos conteúdos geográficos por meio das vivências dos alunos nos lugares que frequentam, mostrando as problemáticas que eles enfrentam direta ou indiretamente. O objetivo principal desta aula foi que os alunos compreendessem o que é a segregação e como ela se aplica em Angra dos Reis, além da reflexão crítica sobre as desigualdades sociais, como elas afetam e a observação das diferenças entre seus bairros e o bairro da escola.



| 93 | GEOGRAFIA NEGRA ESCOLAR: ESCREVIVÊNCIAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

Simone Antunes Ferreira(Doutoranda - PPGEO/UFF) - profgeo.simoneaf@gmail.com
Formada em Geografia pela FFP/UERJ. Mestrado em Geografia UFF. Doutoranda em Geografia pela UFF.

Julliana Alves Gonçalves(Graduação - UFF) - siaferreiraa@gmail.com
Graduanda em Geografia na UFF.

Kauã Almeida da Cruz(Graduação UFF) - cruzkaua@id.uff.br
Graduando em Geografia.

Este trabalho reúne relatos de experiências sobre o estágio supervisionado realizado no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho por estudantes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Os relatos expressam a importância do currículo praticado a partir da leitura afroreferenciada da Geografia. Os estagiários acompanharam turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio (curso normal, formação de professores em nível médio), nas quais puderam ter acesso à diversos temas, atividades e avaliações que prezavam pelos valores civilizatórios afrobrasileiros arquitetados pela Azoilda Loretto da Trindade, quando defendia uma educação para as relações étnico-cultural a partir referenciais de comunidade, ancestralidade, oralidade, ludicidade, memória e corporeidade. As escrevivências d(n)esses relatos demarcam a raça como elemento central para leitura crítica do contexto de formação docente e do chão da escola como possibilidade de construir dinâmicas antirracistas interdisciplinares, tendo a Geografia como fio condutor deste processo.



| 115 | GEOGRAFIAS DO AFETO: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM MAPA AFETIVO PELAS CRIANÇAS DO BAIXO GLICÉRIO, NA CIDADE DE SÃO PAULO

Carina Zacarias Barros(Universidade Estadual de São Paulo - UNE) -

carina.zacarias@unesp.br

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo (2019) e Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu (2010), possui especialização (lato sensu) em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2013). Mestr

Este estudo objetiva analisar o registro de um mapa afetivo organizado pelo Projeto Criança Fala na Comunidade – Escuta Glicério em forma de um documento intitulado O Glicério por suas crianças, publicado em 2015, como resultado das experiências vividas pelas crianças do território na construção de um outro imaginário para a região. O Baixo Glicério localiza-se na região central da cidade de São Paulo, identificada por alta vulnerabilidade social, e reconhecida pelos órgãos públicos como bolsão de pobreza. Metodologicamente, optou-se por uma análise documental do material combinada com uma revisão bibliográfica acerca das temáticas: geografia e mapas afetivos, assim como das questões sobre cartografia, educação infantil, territórios urbanos e relações de poder. Espera-se com esta pesquisa, ainda em fase preliminar, contribuir para atualização de conceitos relacionados à geografia crítica, conferindo aos estudos da área outras perspectivas, sobretudo aquelas que alcancem abordagens antirracistas. Considera-se também como parte deste estudo a possibilidade de uma educação definida pelo afeto e pelas percepções dos sujeitos que ocupam aquele território. Desta forma, este estudo se estabelece como um documento para induzir ações que visam a memória daquele território refletida por seus sujeitos, indicando assim a participação coletiva na construção de um planejamento urbano democrático.



| 146 | O CURRÍCULO DE GEOGRAFIA COMO MEIO PARA O FORTALECIMENTO DA CONSTRUÇÃO POSITIVA DA IDENTIDADE NEGRA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Yasmin Costa Leite(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

yasminleite.prof@gmail.com

Mestranda em ensino de Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProfGeo/UERJ) com dissertação sobre o tema: " A Formação Continuada de Professores de Geografia como Método para a Educação Antirracista: Estratég

A contemporaneidade no âmbito educacional apresenta para os professores de Geografia tanto a esperança de transformação geracional quanto o desafio de adaptar práticas pedagógicas às demandas da atualidade. A própria natureza da Geografia, enquanto disciplina que promove a reflexão sobre a historicidade da sociedade e dos espaços, bem como sobre os contextos presentes, enfrenta o desafio de descolonizar pensamentos eurocêntricos e legados colonizadores. A urgência dessa descolonização se intensifica ao observarmos a persistência de ambientes escolares onde o ódio e o repúdio à diversidade se manifestam, impelindo a busca por meios e formas de mitigar essas problemáticas. Nesse contexto, o currículo de Geografia emerge como um espaço fundamental – com potencialidades e desafios – para o fortalecimento da construção positiva da identidade negra nos espaços escolares. E a escola, sendo um espaço de resistência e articulações, precisa estar alinhado e atualizado para promover a segurança, a autoestima e o bem estar de nossos estudantes. Dessa forma, este trabalho analisa teorias de currículo e relatos vivenciados que apontam a emergência da descolonização da didática e cuidado com os estudantes negros. Objetiva-se apresentar uma análise do currículo de Geografia para promover seu uso favorável nas práticas pedagógicas, explorando a interdisciplinaridade e ressignificando a transmissão do conhecimento, tendo a construção positiva da identidade negra como objetivo transversal ao longo do ano letivo.



| 155 | ORIXÁS, OS ESPELHOS E O SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE UMA EXPERIÊNCIA ARTE PEDAGÓGICA NO C. E. STELLA MATUTINA

Luciano Pires de Almeida(PPFEN - CEFET) - luciano.lpa@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9582866710608163>

O recorte escolhido foi o mito do Espelho de Oxum Apará (PRANDI, 2001), juntamente com esta narrativa ancestral apresentamos a obra Órixas de Djanira da Motta e Silva. Estimulamos os jovens com a dinâmica do espelho, com a qual abordamos a temática da identidade e produzimos objetos artísticos em sala de aula. Assim, procuramos pensar e repensar nosso caminho histórico, repleto de contradições, que possibilitou a emergência do estudante periférico, negro, indígena, Lgbtqia+, e quaisquer outros que possuam sinais adscritos, estigmas cravados em seus corpos, tornando suas existências carregadas de lutas e lutos. Estes fazem ecoar um grito reivindicatório dentro e fora dos muros das instituições de educação básica e trazem em seu discurso a musicalidade e as experiências de um saber que nasce nos espaços populares.



| 78 | RAP COMO TERRITÓRIO ANTIRRACISTA

Denis Vitor de Souza Vilela(UFMS - CPTL) - teste de escrita de minicurriculo
teste de escrita de minicurriculo

Patricia Helena Milani(UFMS - CPTL) - patriciah.milani@gmail.com
Possui Graduação (2009) e Mestrado (2012) em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Presidente Prudente (2016), com a realização do Do

Este trabalho parte de uma perspectiva de pesquisador participante e ativista do movimento hip-hop, com base em vivências pessoais e trajetórias no movimento, que é político, cultural e também espacial. A pesquisa teve início na monografia sobre as batalhas de rima na cidade de Três Lagoas, no Estado de Mato Grosso do Sul e se estende à investigação de mestrado, que analisa o movimento hip-hop como uma expressão contra-hegemônica em um território marcado pela predominância do agronegócio, também tendo como recorte espacial a cidade de Três Lagoas, sem desconsiderar as relações escalares. O hip-hop, enquanto movimento sócio-espacial, nasceu no seio do movimento negro nos Estados Unidos na década de 1970, atua como ferramenta de ressignificação dos espaços urbanos, sobretudo espaços públicos, e de fortalecimento da identidade negra frente à estrutura racista que alicerça a sociedade ocidental moderna. A cultura hip-hop — especialmente por meio do RAP — promove a elevação da autoestima de populações historicamente marginalizadas, criando territórios de resistência por meio da arte e da educação. Em Três Lagoas, as batalhas de rima ocupam espaços públicos como praças e parques, onde ocorrem rodas culturais e encontros diversos, promovendo a conscientização política, o respeito mútuo e o combate aos vários tipos de preconceitos. Expressões como "Fogo nos racistas", entoada pelo público em referência à música do rapper Djonga, evidenciam o caráter coletivo e engajado do movimento. Assim, o hip-hop se mostra como uma poderosa ferramenta de transformação social, educação e afirmação indenitária.



GT2

Ensino de Geografia e educação das Relações Étnico-Raciais
Afro-brasileiras e Indígenas



| 70 | O TERREIRO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

João Fábio Barros Feliciano Barbosa(UERJ - FFP) - barrosjoaof@gmail.com

Graduando em Geografia na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPQ: Margear - Culturas, Políticas e Geografias Marginais e bolsista PIBIC. Desenvolve pesquisa relacionando Geografia e Filosofia, com ênfase nas cult

Neste ensaio, buscamos refletir sobre uma perspectiva da Educação partindo dos saberes do Terreiro de Candomblé, pois além de pensar a epistemologia e os conceitos geográficos, analisamos como aplicar esses saberes na Educação Geográfica. Tendo como base experiências e espacialidades não hegemônicas, sentimos a necessidade política de tratar desse tema, tendo em vista a alta quantidade de racismo religioso praticada nos espaços educativos. Sendo assim, analisamos nesse texto como a possibilidade de pensar as Geograficidades de Terreiro, o ser-estar espacialmente, partindo dos saberes Filosóficos do Terreiro não somente é possível como também seria uma forma de contribuir para uma Pedagogia Engajada, visando a importância do debate Étnico-Racial e de Gênero nos processos educativos, sobretudo no Ensino Geográfico.



| 32 | A UTILIZAÇÃO DO CINEMA INDÍGENA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA.

Guilherme Garcia Pereira Pires(Universidade Federal Fluminense) - teste de escrita de minicurriculo
teste de escrita de minicurriculo

Os povos indígenas vêm sendo alvo de análises éticas e comportamentais desde o início da colonização. No entanto, o olhar eurocêntrico, influenciado pela doutrina católica, qualificou o modo de vida originário como promíscuo e de pouco valor, um ideal cristalizado no imaginário brasileiro até hoje. Com o passar dos anos, a descrição dos costumes indígenas sofreu alterações, reforçando o estereótipo do “bom selvagem” na literatura romântica, até chegar à ruptura de visões racistas a partir do modernismo. Ao longo de 486 anos, a história e os costumes dos povos tradicionais sofreram alterações ao serem contados por não indígenas, uma realidade que começou a mudar com o projeto “Vídeo nas Aldeias” (1986), idealizado por Vincent Carelli, que visa a autonomia dos povos originários de registrar e propagar sua oralidade, permitindo-lhes, pela primeira vez, o domínio de sua própria história. A autoetnografia filmica indígena nos ajuda a compreender não apenas o modo de vida no campo, mas também a relação do homem com a natureza. Neste trabalho, será analisada a aplicação desse material no processo de ensino-aprendizagem em geografia, tal qual os métodos de acordo com a BNCC.



| 77 | CARTOGRAFIAS PARTICIPATIVAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE SANTA RITA DO BRACUÍ

thainá moreira de souza(UFF- Universidade Federal Fluminense) -

thaina_moreira@id.uff.br

Discente em Geografia pela UFF- IEAR

Lucas Celestrini Merovil da Silva(UFF- Universidade Federal Fluminense) -

lucascelestrini@id.uff.br

Discente em Geografia pela UFF-IEAR

Cláudia Ramos da Silva Ferreira(UFF- Universidade Federal Fluminense) -

claudiaramos@id.uff.br

Discente em Geografia pela UFF-IEAR

Marcos Vinicius de Souza Leu(Teresa/ UFF) - marcvin.leu@gmail.com

Formado pela UFF. Professor de geografia na EMAPG, Pós-graduando do curso de Gestão de Territórios e Saberes (Teresa/UFF)

Monika Richter(DGP - UFF- IEAR) - mrichter@id.uff.br

Formada em

A Educação Escolar Quilombola, conforme a Resolução CNE/CEB nº 8/2012, visa garantir um ensino diferenciado, contextualizado e comprometido com as especificidades culturais, históricas e sociais das comunidades quilombolas. No entanto, ainda há desafios na construção de currículos que valorizem a identidade e a cultura quilombola e promovam a participação comunitária. Nesse contexto, a cartografia participativa se apresenta como ferramenta pedagógica essencial, permitindo integrar saberes tradicionais e conhecimentos científicos, além de fortalecer a apropriação territorial. A presente pesquisa foi desenvolvida com a comunidade de Santa Rita do Bracuí, localizada em Angra dos Reis, e teve como objetivo o desenvolvimento de material didático para a divulgação de aspectos históricos, geográficos e culturais do quilombo de Santa Rita do Bracuí, e promover um ensino territorializado por meio de práticas pedagógicas. As atividades foram realizadas na Escola Quilombola Municipal Áurea Pires da Gama, em uma turma de 6 ano e nas aulas de geografia, sendo estruturadas em três eixos principais: participação comunitária na construção do conhecimento, uso de geotecnologias e cartografia participativa, e estudo do meio físico local. Foram promovidas aulas abertas com moradores, que compartilharam saberes sobre o uso sustentável da terra, agroflorestal e manejo de recursos naturais, bem como utilizou-se ferramentas digitais para mapear o território e visualizar elementos (curvas de nível) em realidade aumentada. A cartografia participativa, nesse processo, destacou-se como instrumento de valorização dos saberes locais, promovendo uma educação crítica, territorializada e voltada para a autonomia e resistência das comunidades quilombolas.



| 94 | CONFLUÊNCIAS GEO-HISTÓRICAS: PERCURSOS DE MEMÓRIAS NEGRAS EM NITERÓI

Simone Antunes Ferreira(Doutoranda - PPGEO/UFF) - profgeo.simoneaf@gmail.com
Formada em Geografia pela FFP/UERJ. Mestrado em Geografia UFF. Doutoranda em Geografia.
Pesquisadora e Coordenadora do NEGRA/UERJ.

Este artigo tem como objetivo apresentar o projeto “Percorso de memórias negras de Niterói”, idealizado e coordenado pelo grupo NEGRA-UERJ (Núcleo de estudos e pesquisa em geografia da regional da África e da diáspora) que aborda a interlocução entre Geografia e Patrimônio Cultural por meio das marcas históricas da presença negra inscritas nas paisagens urbanas. As memórias da diáspora africana na cidade de Niterói são pouco visibilizadas, abafando, dessa forma, como o período escravista estruturou a cidade. Para interpretar as ações desse tempo no espaço, utilizamos as dimensões de tempo defendida por Roberto Lobato Corrêa (2016), além dos conceitos de afrografias de Leda Maria Martins (2005); dos valores civilizatórios de Azoilda Loretto da Trindade (2005); da Amefricanidade de Lélia Gonzalez (1988) também se torna útil a pesquisa e revisão bibliográfica e de fontes históricas, para construção e execução dos roteiros para os trabalhos de campo no centro histórico da cidade. O intuito da caminhada é reconhecer e apresentar territórios e territorialidades negras pretéritas e atuais na cidade e compreender o contexto geo-histórico em que foram/são formadas.



| 6 | EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: ESTRATÉGIAS PARA A SALA DE AULA

Érica Luciana de Souza Silva, Marcele Corrêa Ribeiro, Matheu(Instituto Federal Fluminense) - ericavascoprop@gmail.com

Formada em Letras pela UFJF. Doutora em Letras pela UFJF. Professora do IFF.

Marcele Corrêa Ribeiro(Instituto Federal Fluminense) - marcelecorrea15@gmail.com

Aluna do curso em licenciatura em Letras no IFF. Aluna bolsista em projeto de iniciação científica coordenado pela professora Dra. Érica Luciana de Souza Silva.

Matheus Ribeiro Neto dos Santos(Instituto Federal Fluminense) -

matheusneto140505@gmail.com

Aluno do curso em licenciatura em Letras no IFF. Aluno voluntário em projeto de iniciação científica coordenado pela professora Dra. Érica Luciana de Souza Silva.

O presente trabalho apresenta o projeto de iniciação científica desenvolvido no Instituto Federal Fluminense para formação docente, elaboração de um material de apoio pedagógico e proposta de atividades que poderão ser utilizadas em aulas. O trabalho busca um diálogo com os docentes quanto a necessidade de inserção do assunto relações étnico-raciais em suas aulas. O objetivo é despertar a reflexão e apoiar os professores em suas aulas, buscando sanar as lacunas referentes à execução das leis 10.639/03 e 11.645/08, as quais determinam a obrigatoriedade do ensino das culturas africanas, afrodescendente e indígena nas escolas brasileiras, na construção de uma educação que seja antirracista, inclusiva e crítica. O aporte teórico que embasará o trabalho é constituído por Achille Mbembe, Adir Casaro Nascimento, Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo, Carlos Magno Naglis Vieira, Eliane Cavalleiro, Frantz Fanon, José Antonio Marçal, Kabenguele Munanga, Nilma Lino Gomes, Silvia Maria Amorim Lima e Tânia Mara Pedroso Müller.\r\n\r\n



| 91 | EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA ANTIRRACISTA NA ESCOLA PÚBLICA: DESAFIOS E PRÁTICAS NO ENSINO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL E ÉTNICA BRASILEIRA

Júlio Cézar Ramos de Souza(Universidade Federal Fluminense) -

juliocezarramosdesouza@gmail.com

Mestrando do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Geografia da Universidade Federal Fluminense

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância de uma Geografia antirracista na Educação Básica pública, considerando os conteúdos "Formação Territorial Brasileira" e "Formação Étnica da População Brasileira", ministrados no 7º ano do Ensino Fundamental II nas redes municipais de Saquarema (RJ) e São Pedro da Aldeia (RJ). Com base nas diretrizes da Lei no 10.639/2003, o estudo parte da experiência docente para demonstrar como a prática pedagógica pode contribuir para o enfrentamento do racismo estrutural, valorizando a diversidade étnico-racial e promovendo a consciência histórica e geográfica dos alunos. A abordagem antirracista se dá por meio da revisão crítica dos processos de colonização, escravidão e miscigenação, destacando as contribuições dos povos indígenas e africanos na formação territorial, cultural e populacional do Brasil. O currículo flexível permite integrar os conteúdos de forma crítica, promovendo discussões sobre identidade, território e resistência. Conclui-se que a construção de uma Geografia escolar antirracista requer não só reformulações curriculares, mas também o comprometimento docente com práticas inclusivas e emancipadoras.



| 109 | ENSINO DE GEOGRAFIA E CINECLUBISMO

BRUNO DE LIMA ALVES(UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE) -

brunolimaalvesgeo@gmail.com

Formado em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores - UERJ. Mestre em Geografia pela UFF

O artigo "Geografia, Cinema e Cineclubismo: um diálogo possível no espaço escolar" propõe uma reflexão sobre a integração entre a Geografia, o cinema e o cineclubismo como ferramentas pedagógicas no ambiente educacional. Destacamos, o potencial do cinema como linguagem discursiva e artefato cultural, capaz de ampliar a compreensão do espaço geográfico e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. A abordagem enfatiza a importância de planejamento e curadoria na seleção de filmes, evitando práticas meramente ilustrativas ou excludentes.

O texto contextualiza historicamente o cineclubismo no Brasil, desde o Chaplin Club, no Rio de Janeiro, até iniciativas contemporâneas como o Cineclube Atlântico Negro (CAN), que combina produção audiovisual com discussões políticas e pedagógicas, especialmente sobre questões raciais. O autor também menciona a Lei Federal nº 13.006/14, que obriga a exibição de filmes nacionais nas escolas, destacando os desafios estruturais enfrentados por muitas instituições de ensino.

Como proposta prática, o artigo apresenta um plano de aula baseado no filme *A Padroeira* (2020), de Clementino Júnior, que aborda os impactos ambientais da mineração em comunidades negras. A atividade inclui debates, análise de mapas e campanhas informativas, visando conscientizar os estudantes sobre as desigualdades socioambientais.

Por fim, o trabalho reforça a necessidade de diálogos interdisciplinares e a valorização do cinema como instrumento crítico e transformador no espaço escolar, desde que articulado com os conteúdos curriculares e as realidades locais.



| 24 | GEOGRAFIAS DO CORPO NEGRO: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Danieli Gomes Cordeiro(Universidade Federal de Minas Gerais) -

danieligomescordeiro@outlook.com

Formada em Geografia pela UEMG- Carangola. Mestranda em geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de educação básica do Estado de Minas Gerais.

Esta pesquisa trata-se de uma análise proveniente de uma pesquisa em andamento de mestrado e investiga as representações das mulheres negras nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II, com foco nos materiais aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) atual. A pesquisa, que ainda está em andamento, fundamenta-se nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Utilizando os conceitos de interseccionalidade, gênero e raça, a pesquisa busca identificar estereótipos, ausências e formas de representação das mulheres negras nesses materiais. A hipótese central é que essas representações contribuem para a invisibilização e reprodução de estereótipos. A metodologia adotada combina análises qualitativa e quantitativa de textos, imagens e atividades, revelando uma frequente sub-representação e estereotipação das mulheres negras, associadas a papéis subalternos e figuras marginalizadas. Além disso, observa-se a persistência de uma abordagem eurocêntrica nos materiais didáticos, dificultando a promoção de uma educação antirracista. A pesquisa destaca ainda a necessidade de uma abordagem crítica na produção e seleção dos livros didáticos, com ênfase no papel do PNLD e das políticas públicas na construção de um material mais inclusivo. O estudo visa contribuir para o debate sobre a valorização da diversidade e a promoção da equidade racial no ensino de Geografia.



| 171 | MATERIAIS DIDÁTICOS EM GEOGRAFIA E AS LEIS 10.639/03 E 11.645/08: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Adriani Lameira Theophilo de Ameida(Universidade Federal Fluminense) -

adrianitheophilo@id.uff.br

Formada em Geografia pela UFF. Mestre em Geografia pela UERJ/FFP. Doutoranda em Geografia pela UFF. Professora da SEE-MG

Danielle Faria Peixoto(Universidade do Estado de Minas Gerais) -

danielle.peixoto@uemg.br

Formada em Geografia pela UFRJ. Mestre em Geografia pela UFRJ. Doutoranda em Geografia pela UFF. Professora da UEMG.

Gabriel Romagnose Fortunato de Freitas Monteiro(Universidade Federal

Fluminense) - gabriel.romagnose21@gmail.com

Formado em Geografia pela UERJ/FFP. Mestre em Geografia pela UFF. Doutor em Geografia pela UFF. Professor Adjunto da UFF.

Este artigo é fruto de uma oficina realizada durante a III Semana Afro-Carangolense, em novembro de 2023, promovida na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, unidade de Carangola. A atividade teve como objetivo apresentar concepções teóricas e propor a confecção de materiais didáticos voltados para o ensino de Geografia, com enfoque nas Relações Étnico-Raciais na escola. A proposta foi pensada para estudantes do curso de licenciatura em Geografia, como uma forma de contribuir para a formação docente crítica, comprometida com uma educação antirracista e plural. O trabalho, apresentado aqui sob a forma de relato de experiência, busca compartilhar as reflexões, os métodos utilizados e os produtos elaborados durante a oficina, destacando a importância de abordagens didáticas que integrem o debate étnico-racial ao conteúdo geográfico. Além disso, evidencia-se a relevância de ações formativas que incentivem os futuros professores a problematizar questões históricas, sociais e culturais da população negra e indígena no Brasil, promovendo práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras. A atividade proporcionou um espaço de diálogo coletivo, construção de saberes e valorização da diversidade, reafirmando o papel da universidade pública como promotora de debates necessários à superação das desigualdades raciais e sociais no ambiente escolar.



| 46 | O ENSINO ANTIRRACISTA DE GEOGRAFIA COMO CONTRIBUINTE NA CRIAÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR E DE PERTENCIMENTO DE ESTUDANTES PRETOS DO RIO DE JANEIRO

Rafaela Aparecida Miguel de Araujo(Universidade Federal do Rio de Janeiro) -

Formada em Geografia, licenciatura e bacharelado, pela PUC- Rio. Mestr
teste de escrita de minicurriculo

A raça como um conceito criado com a colonização das Américas para a diferenciação dos seres humanos, no século XVIII é tomada como conhecimento científico objetivando estabelecer graus de humanidade aos diferentes grupos humanos como justificativa para as violências cometidas pelo colonizar aos colonizados. Após 5 séculos é possível observar as consequências desse processo, de maneira que o elemento raça está presente e afeta diferentes âmbitos da vida de uma pessoa preta e a discussão dessa problemática também se faz presente no ambiente escolar. Nesse sentido, o ensino antirracista de Geografia representa uma forma de romper com o eurocentrismo da educação e proporcionar aos alunos pretos uma outra forma de experienciar o espaço da cidade e constituição de seus sentidos de lugar.

Assim, ao longo do trabalho busca-se elucidar se o ensino antirracista de Geografia pode auxiliar na construção do sentido de lugar para estudantes pretos, através da investigação acerca do que é definido como ensino antirracista; da identificação da presença de referências ao ensino antirracista na BNCC e no currículo escolar do ensino fundamental 2 público do município do Rio de Janeiro; da identificação de iniciativas de professores que contemplam uma proposta de ensino antirracista de Geografia; e, por fim, compreensão da correlação que pode ser feita entre ensino antirracista de Geografia e a construção de sentido de lugar e de pertencimento para os estudantes pretos.



| 102 | O USO DE LITERATURA DE CORDEL INDÍGENA NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA A COMPREENSÃO DA IDEIA DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO.

Julia Gabriela Lessa de Queiroz(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

julialedq@gmail.com

Estudante e pesquisadora do Núcleo de pesquisa Viageoliterária

Guilherme Gonçalves de Souza Miranda(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

guui.souza30@gmail.com

Estudante e pesquisador do Núcleo de pesquisa Viageoliterária

Este trabalho propõe o uso da literatura de cordel indígena intitulada “Coração na aldeia pés no mundo” da autora Auritha Tabajara como um meio possível da compreensão dos alunos sobre o conceito de identidade e pertencimento atrelado a categoria de território a partir de suas práticas cotidianas. Além disso, objetiva-se analisar como professores podem integrar a literatura de cordel indígena nas aulas de Geografia para sensibilizar os alunos sobre a importância da diversidade cultural, ajudando-os a entender a relação entre identidade, pertencimento e o espaço geográfico. Para tanto, foi realizada uma atividade com a leitura da obra e orientada a criação de cordel inspirado na leitura e com os conceitos já citados. A atividade aconteceu em uma turma de correção de fluxo do CIEP 495 Alberto Da Veiga Guignard, localizado no Município de Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro. Após a análise destas atividades pode-se compreender como os corpos daqueles estudantes estão atrelados ao território de forma existencial (pertencimento) e que há elementos presentes nesse espaço que foram importantes para moldar suas identidades.



| 82 | “QUARTO DE DESPEJO” E A EDUCAÇÃO GEOLITERÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA A PARTIR DA NARRATIVA DE CAROLINA MARIA DE JESUS.

Clara Marcelle Dias de Leles Albuquerque(UERJ-FFP) - geoclarinhad@gmail.com
Graduada em Geografia pela UERJ-FFP. Mestranda em Geografia pela UERJ-FFP. Professora da Educação Básica.

O diálogo entre a Geografia e a Literatura na escola constitui um importante caminho para a reflexão dos estudantes a respeito da sua condição no mundo. Neste trabalho, a narrativa de Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo” foi o ponto de partida para a discussão sobre os problemas socioeconômicos, como moradias precárias, a falta de acesso a serviços básicos e o racismo, com estudantes de oitavo ano da Escola Municipal Guilherme de Miranda Saraiva, no município de Itaboraí (RJ). A oficina consistiu na leitura de trechos do livro com os alunos, roda de conversa e realização de entrevistas com os responsáveis pelos estudantes sobre o que vivenciavam no cotidiano e no espaço em que habitam. Ao abordar a realidade vivida por Carolina Maria de Jesus e provocar os alunos a expressarem sua vivência e dialogarem sobre o racismo presente nos espaços em que circulam e sobre os problemas socioeconômicos que neles se encontram, a oficina consistiu em um instrumento de intervenção para a formação de sujeitos críticos em relação aos espaços que ocupam como cidadãos.



| 45 | A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE GUARANI MBYA NO CONTEXTO DO COLÉGIO INDÍGENA ESTADUAL GUARANI KARAI KUERY RENDA

Vinicius Guimarães Ribeiro(UFF/IEAR) - teste de escrita de minicurriculo
teste de escrita de minicurriculo

Victor Leonardo Silva Santos(UFF/IEAR) - vleonardo@id.uff.br
Formado em Técnico em Enfermagem, tendo atuado 2 anos no Centro Cirúrgico de Ortopedia. Graduando Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal Fluminense. Atuante no Plano Municipal de Redução de Risco de Angra dos Reis, concluinte de bolsa PIBIC de

Daniel Pinto Costa(UFF/IEAR) - daniel_c@id.uff.br
Técnico em Automação Industrial pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Volta Redonda, Cursando a graduação de licenciatura em geografia. Ex-Bolsista PIBITI/PIBINOVA 2022 - 2024. Pesquisador com enfoque no trabalho (entregadores por aplicativo) e

Gabriel Santana Costa Ambrosio(UFF/IEAR) - gambrosio@id.uff.br
Formando em Licenciatura em Geografia, foi bolsista do Núcleo de Estudos em Agroecologia AIPIM (NEA), com bolsas da Fundação Euclides da Cunha (FEC) e do PIBITI. Também foi bolsista do PIBID, atuando no quilombo do Bracuí, na Escola Áurea Pires da Gama. A

Milene Rosa Vicente Luiz(UFF/IEAR) - milener@id.uff.br
Cursando Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentro do âmbito da universidade foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) no Quilombo do Bracuí na Escola Áurea Pires da Gama. Estagiária na Secretaria de

Sara Cristina de Almeida Santos(UFF/IEAR) - saraalmeida@id.uff.br
Sara Almeida, graduanda de licenciatura em geografia. Coordenadora do Pré-Vestibular Social ILÊ ÈKÓ UNEAFRO Brasil desde 2023, bolsista do Projeto Redes Anti Racistas do Ministério da Igualdade Racial 2025. Interessada pelas pesquisas relacionadas à educa

Tratando-se da maior terra Indígena do Estado do Rio de Janeiro, demarcada em 1992 e homologada em 1995, este trabalho retrata o desdobramento da ocupação Indígena Guarani Mbya na cidade de Angra dos Reis - RJ. Abordando o histórico da comunidade, sua trajetória e suas lutas, sobretudo no que diz respeito pela demanda educacional diferenciada, construção e estruturação do Colégio Indígena Estadual Guarani Karai Kuery Renda. Além disso, busca-se, também, discutir aspectos da formação e a construção de um currículo escolar diferenciado, assim como seu papel, tanto para a perpetuação da identidade, como a valorização e a afirmação da identidade existente no território. O Colégio, por estar inserido em um contexto de uma comunidade tradicional, se coloca em um local de importância para estruturação social e dinâmica da mesma. Portanto, é impactada pelas transformações e dinâmicas da comunidade, ao mesmo modo em que está neste contexto como elemento articulador e dinamizador das relações espaciais na Terra Indígena do Bracuí, Aldeia Sapukai. Tratando-se de uma Escola Indígena e, sobretudo de um povo que ainda preserva sua língua, a importância da existência de um currículo diferenciado dá-se para que, através da unidade escolar, seja possível preservar uma das principais coisas que fortalecem a cultura. Trazendo, matérias como a Língua Guarani, ministrado pelo Cacique Algemiro Karai Mirim, graduado mestre pelo Museu Nacional. A Escola Guarani busca pensar a educação sempre através do Nhande Rekó (modo de ser Guarani) como eixo central, devendo, deste modo, estar sempre presente na escola.

Palavras-chave: Currículo diferenciado; Guarani Mbya; Educação Indígena.

Abstract

As the largest indigenous land in the state of Rio de Janeiro, demarcated in 1992 and ratified in 1995, this work portrays the unfolding of the Guarani Mbya indigenous occupation in the city of Angra dos Reis - RJ. It looks at the history of the community, its trajectory and its struggles, especially with regard to differentiated educational demands and the construction and structuring of the Guarani Karai Kuery Renda State Indigenous College. It also seeks to discuss aspects of the formation and construction of a differentiated school curriculum, as well as its role both in perpetuating identity and in valuing and affirming the identity that exists in the territory. As the school is part of the context of a traditional community, it is an important place for its social



structure and dynamics. Therefore, it is impacted by the transformations and dynamics of the community, at the same time as it is in this context as an articulating and dynamic element of spatial relations in the Bracuí Indigenous Land, Sapukai Village. As this is an indigenous school and, above all, a people who still preserve their language, it is important to have a differentiated curriculum so that, through the school unit, it is possible to preserve one of the main things that strengthens culture. It includes subjects such as the Guarani language, taught by Cacique Algemiro Karai Mirim, who has a master's degree from the National Museum. The Guarani School always tries to think of education through the Nhande Rekó (Guarani way of being) as the central axis, and it must therefore always be present in the school.

Keywords: Differentiated curriculum; Guarani Mbya; Indigenous education.



| 98 | A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE GUARANI MBYA NO CONTEXTO DO COLÉGIO INDÍGENA ESTADUAL GUARANI KARAI KUERY RENDA

Vinicio Guimarães Ribeiro(UFF/IEAR) - vgribeiro@id.uff.br

Cursando a graduação de licenciatura em geografia. Bolsista do Programa Escolas do Território atuando com a Educação Escolar Indígena Guarani Mbya. Membro do Coletivo de Apoio a Educação Diferenciada de Mangaratiba do FCT (Fórum de Comunidades Tradicionais)

Victor Leonardo Silva Santos(UFF/IEAR) - vleonardo@id.uff.br

Formado em Tec em Enfermagem, Graduando em Licenciatura, concluinte de bolsa PIBID e PIBIC em ensino diferenciado quilombola, integrando o Plano Municipal de Redução de Risco de Angra dos Reis

Daniel Pinto Costa(UFF/IEAR) - daniel_c@id.uff.br

Cursando a graduação de licenciatura em geografia. Ex-Bolsista PIBITI/PIBINOVA 2022 - 2024. Pesquisador com enfoque no trabalho (entregadores por aplicativo) em cidades médias, mais especificamente, na cidade de Volta Redonda - RJ.

Milene Rosa Vicente Luiz(UFF/IEAR) - milener@id.uff.br

Cursando Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentro do âmbito da universidade foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) no Quilombo do Bracuí na Escola Áurea Pires da Gama. Estagiária na Secretaria de

Gabriel Ambrosio(UFF/IEAR) - gambrosio@id.uff.br

Formando em Licenciatura em Geografia, foi bolsista do Núcleo de Estudos em Agroecologia AIPIM (NEA), com bolsas da Fundação Euclides da Cunha (FEC) e do PIBITI. Também foi bolsista do PIBID, atuando no quilombo do Bracuí, na Escola Áurea Pires da Gama

Sara Cristina de Almeida Santos(UFF/IEAR) - saraalmeida@id.uff.br

Sara Almeida, graduanda de licenciatura em geografia. Coordenadora do Pré-Vestibular Social ILÊ ÉKÓ UNEAFRO Brasil desde 2023, bolsista do Projeto Redes Anti Racistas do Ministério da Igualdade Racial 2025.

Tratando-se da maior terra Indígena do Estado do Rio de Janeiro, demarcada em 1992 e homologada em 1995, este trabalho retrata o desdobramento da ocupação Indígena Guarani Mbya na cidade de Angra dos Reis - RJ. Abordando o histórico da comunidade, sua trajetória e suas lutas, sobretudo no que diz respeito pela demanda educacional diferenciada, construção e estruturação do Colégio Indígena Estadual Guarani Karai Kuery Renda. Além disso, busca-se, também, discutir aspectos da formação e a construção de um currículo escolar diferenciado, assim como seu papel, tanto para a perpetuação da identidade, como a valorização e a afirmação da identidade existente no território. O Colégio, por estar inserido em um contexto de uma comunidade tradicional, se coloca em um local de importância para estruturação social e dinâmica da mesma. Portanto, é impactada pelas transformações e dinâmicas da comunidade, ao mesmo modo em que está neste contexto como elemento articulador e dinamizador das relações espaciais na Terra Indígena do Bracuí, Aldeia Sapukai. Tratando-se de uma Escola Indígena e, sobretudo de um povo que ainda preserva sua língua, a importância da existência de um currículo diferenciado dá-se para que, através da unidade escolar, seja possível preservar uma das principais coisas que fortalecem a cultura. Trazendo, matérias como a Língua Guarani, ministrado pelo Cacique Algemiro Karai Mirim, graduado mestre pelo Museu Nacional. A Escola Guarani busca pensar a educação sempre através do Nhande Rekó (modo de ser Guarani) como eixo central, devendo, deste modo, estar sempre presente na escola.



| 137 | A CONSTRUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DE RECURSOS ANTIRRACISTAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Francimar Lourenço dos Santos Penha(UFF CAMPOS) - francimarlourenco@id.uff.br

Mestre em Geografia pela UFF (2025)

Maria Carla Barreto Santos Martins(UFF CAMPOS) - maria_carla@id.uff.br

Doutora em Geociências com ênfase em Geoquímica Ambiental pela UFF (2015)

A Geografia, enquanto campo de estudo, possibilita ao indivíduo compreender o mundo em que habita e suas dinâmicas socioespaciais. Atrelada a esse debate, a ação de reconhecer-se e situar-se socialmente exige desses atores a busca por sua própria história de vida, seu contexto geográfico e de seus antepassados. A relação histórico-cultural, socialmente vivida e experienciada pelos seres humanos no espaço geográfico, carrega consigo o enraizamento do racismo em diferentes níveis, através das normas e condutas historicamente impostas. Utilizando um olhar antropológico, é possível compreender que o espaço escolar representa um recorte das sociedades em cada tempo histórico, carregando suas contradições, divergências ideológicas e subjetividades. Por esse motivo, o presente texto representa um recorte de uma pesquisa de Mestrado desenvolvida de 2023 a 2024 e aprovada em abril de 2025, que tem como objetivo apresentar uma possibilidade de recurso didático antirracista a ser utilizado por professores(as) durante o processo de ensino-aprendizagem escolar. A dialética foi utilizada como método filosófico para apontar a contribuição do uso do lúdico durante a aprendizagem dos conteúdos. Os resultados trazidos pelo estudo demonstraram o interesse de futuros professores(as) em ampliar o debate e o uso de ferramentas dinâmicas em sua prática. Concluiu-se, com a pesquisa desenvolvida, que a produção de atividades pedagógicas pode contribuir para a construção do conhecimento escolar dos estudantes e para o aperfeiçoamento do planejamento educativo docente. Além disso, o recurso desenvolvido apoia-se em uma metodologia multidisciplinar, podendo ser utilizado em diferentes contextos e temáticas abordadas dentro da disciplina.



| 66 | A PAISAGEM RACIALIZADA NO RASTRO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Ivaldo Gonçalves de Lima(Universidade Federal Fluminense) - ivaldolima@id.uff.br
teste de escrita de Graduado e mestre em geografia pela UFRJ. Doutor em geografia pela UFF, com estância doutoral na Universität de Barcelona/UB. Estágio de pós-doutoramento na Universität Autònoma de Barcelona/ UAB. Ex-professor de geografia das redes pú

Na Educação Básica, o letramento da paisagem, como esquema de método, preenche uma lacuna do processo de ensino-aprendizagem em geografia. A análise da paisagem visual concebida como materialidade urbana, construção social e fato artístico-cultural, permite aos sujeitos didáticos – docentes e discentes – o desenvolvimento da imaginação geográfica, visando ao aprimoramento da formação de cidadãos críticos. O objetivo é empreender uma abordagem crítica por meio do desenvolvimento da noção de paisagem racializada em sala de aula tendo em vista as geografias negras. Assim, traspassar os saberes e os conhecimentos por um filtro paisagístico é pensar a própria instituição da sociedade como um projeto territorial eticamente situado. Isto porque, as questões do território são relativas à paisagem e vice-versa. O horizonte de desejo é a construção de um mundo comum no qual os atores sociais ativam o diálogo necessário entre identidade e alteridade, tornando-os sujeitos históricos de geografias criativas expressas nas paisagens. A racialidade que informa um dos marcadores sociais mais prementes da contemporaneidade e a racialização, como o processo sociológico de que lhe dá forma, conteúdo e sentido, estão introjetadas, por conseguinte, na construção social das circunstâncias, do entorno, da paisagem. Acionando chaves da análise e da interpretação paisagística, trazemos à baila a afirmação do antirracismo na sua dupla condição de desafio ético-político incontornável e de móvel indispensável à construção de uma democracia de alta intensidade. No Brasil, vis-à-vis o seu passado escravista, os persistentes regimes de opressão vinculados à bio-necropolítica que afeta, vigia e pune ostensivamente os corpos negros produzem, a contrapelo, paisagens racializadas. Logo, a racialização da paisagem constitui tema de alta relevância teórica e prática à espera de reflexões que denunciem, decifrem e combatam a branquitude, esta última considerada como antítese político-ideológica operacional do antirracismo e seus efeitos perversos de exclusão social. Ativando as possibilidades de desconstrução do mito da democracia racial e as condições da luta contra as hostilidades, humilhações e violências – tanto físicas quanto simbólicas –, propomos um letramento racial estendido à interpretação da arte pública do grafite.



| 47 | A PROBLEMATIZAÇÃO DO RACISMO NO CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA PREVISTA NO REFERENCIAL CURRICULAR DE ITABORAÍ

Peter da Silva Rosa(Secretaria Municipal de Educação de Itab) -

prof peterrosa@gmail.com

Formado em Geografia pela FFP-UERJ. Mestre em Educação pela UFF. Professor de Geografia (SEMED-Itaboraí e SEEDUC-RJ)

Heloisa de Souza(PROFLETRAS/UERJ-FFP) - heloisaprofessor@gmail.com

Formada em Letras pela UFF. Mestranda (PROFLETRAS UERJ-FFP). Professora de Língua Portuguesa e Literatura (SEMED-Itaboraí e SEEDUC-RJ). Escritora.

Luiza Rodrigues de Oliveira(Universidade Federal Fluminense) - luizaoliveira@id.uff.br

Formada em Psicologia pela UFF. Doutora em Educação pela USP. Professora do Curso de Graduação em Psicologia da UFF e dos Programas Stricto Sensu em Psicologia e em Ensino de Ciências da Natureza (UFF).

O presente trabalho tem por objetivo compreender como o racismo pode ser problematizado a partir de uma prática pedagógica desenvolvida na interface entre geografia e literatura, conforme orientação do Referencial Curricular da Rede Pública Municipal de Ensino de Itaboraí, e a sua relevância para os sujeitos escolares. Trata-se de uma atividade vinculada ao Projeto “Sala Beatriz Nascimento – Ações contra o racismo e o capacitismo na formação da infância e da juventude” (UFF). Essa prática foi realizada na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Professora Marly Cid Almeida de Abreu, em Itaboraí, município que apresenta 68,80% (IBGE, 2022) de população negra. Diante desse cenário e de um sistema de opressão racial (FANON, 2015) que ainda impera em nossa sociedade, é essencial viabilizar ações antirracistas no espaço escolar. O trabalho, inserido em uma metodologia qualitativa, fez uso da literatura como elemento disparador do debate por considerar sua força humanizadora e sua capacidade de transposição, conciliando-a ao ensino da geografia. Nesse sentido, foi usado o conto “Záita esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo para problematizar a questão da violência que atinge predominantemente os corpos negros, objetivando a análise e o entendimento dos problemas urbanos atrelados ao racismo estrutural e ao racismo ambiental. A realização dessa prática pedagógica, associada a outras ações do projeto, mostrou-se relevante para viabilizar a formação integral dos sujeitos, seus processos de representação e de identidade, além de contribuir para a construção de uma educação alicerçada em princípios libertadores, com vistas à transformação dos status quo.



| 147 | ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA: A INFLUÊNCIA DO POVO CIGANO NA CULTURA DE CARANGOLA, MG

Silvia Maria Valente Silva(Universidade do Estado de Minas Gerais) -

silvia.121633@dicente.uemg.br

Graduanda de Geografia da Universidade do Estado de Minas Gerais.

A geografia histórica de Carangola, município da Zona da Mata Mineira, revela uma diversidade de influências na sua formação territorial e cultural, com registros da presença de povos indígenas e povos quilombolas. No entanto, Carangola apresenta indícios da influência cultural do povo cigano que ainda não foram plenamente reconhecidos ou documentados. Desta forma, este trabalho busca abordar essa lacuna, explorando as relações históricas e geográficas do povo cigano com o território carangolense, ressaltando como essas interações moldaram práticas, crenças e manifestações culturais específicas do município. Considerando que este presente trabalho faz parte do desenvolvimento inicial de uma pesquisa de conclusão de curso, objetiva-se mapear elementos culturais ciganos incorporados pela comunidade local, além de analisar a interface entre as tradições ciganas e práticas religiosas afro-brasileiras. Para compreender a sua contribuição para a cultura local – e uma suposta desvalorização imbuída de preconceito – investiga-se a falta de registros sobre a presença da comunidade cigana no município, promovendo um levantamento de dados e informações sobre a presença cigana na geo-história do município de Carangola. A influência cigana na cidade pode ser observada na promoção de uma festividade, que durou por décadas, dedicada à cigana “Sulamita”, no terreiro de Umbanda “Oxóssi Caçador”, do Pai de Santo Louzada. A festividade modificava todo o espaço da rua, promovendo uma interação social que agregava uma diversidade de participantes em comum união. A fim de resgatar a memória ancestral e identificar traços culturais que permanecem vivos na região, fomenta-se a diversidade cultural e se fortalece o respeito às tradições.



| 111 | BIOMAS BRASILEIROS E OS ORIXÁS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM DA COSMOVISÃO AFRICANA

Daiane da Silva Gonzaga(CEFET) - daianesgonzaga@gmail.com

Formada em geografia pela UERJ/FEBF. Pós-graduada em Saberes e Práticas na Educação Básica pela UFRJ. Mestra em Relações Étnico-raciais pelo CEFET/RJ. Professora de ensino fundamental na Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro.

Tatiana Portes da Silva(UERJ) - tatiana.psp.geo@gmail.com

Licenciada e bacharela em geografia pela UFRJ. Pós-graduada em Saberes e Práticas na Educação Básica pela UFRJ. Mestranda em geografia pela UERJ.

O presente trabalho apresenta uma prática pedagógica desenvolvida na perspectiva da Lei 10.639/03 com o 6º ano do ensino fundamental e demonstra como a cultura afro-brasileira enriquece a compreensão geográfica do Brasil e promove o respeito à diversidade cultural. O objetivo central foi compreender as características dos biomas brasileiros relacionados aos elementos da natureza associados à religiosidade de matriz africana no Brasil: os orixás. Os objetivos específicos são: identificar os principais biomas brasileiros e suas características físicas (clima, vegetação, relevo, fauna); reconhecer os elementos naturais associados aos orixás e suas representações simbólicas dentro da cultura afro-brasileira e relacionar os biomas brasileiros aos orixás com base em elementos naturais como rios e florestas, valorizando a diversidade cultural e religiosa como parte do espaço geográfico. A metodologia utilizada foi a revisão de bibliografia. Os resultados apontam que os alunos desenvolveram o pensamento crítico, o respeito à diversidade cultural e ambiental, além da compreensão da natureza como algo interconectado, o que ressoa com a cosmovisão de mundo africana ao integrar os orixás ao estudo dos biomas.



| 96 | CAMINHOS PARA A LEI N°10.639/03 VIA MEMÓRIAS TERRITORIAIS NEGRAS: EXPERIÊNCIAS PELO RJ

Daniel Pires Mendes(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) - teste de escrita de minicurriculo

teste de escrita de minicurriculo

Camila Reis Tomaz(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

corporalidadeafroindigena@gmail.com

Bacharel em Educação Física pela UFRJ. Especialista em Psicanálise Clínica pela FMU. Mestre em Ecoturismo e Conservação pela UNIRIO. Doutoranda em Geografia pela UFRJ. Integrante GeoCorpo/UERJ.

Pammella Casimiro de Souza(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

pammellacasimiro@gmail.com

Bacharel em Ciências Ambientais pela UNIRIO. Mestre em Geografia pela UERJ. Doutoranda em Geografia pela UERJ. Educadora Socioambiental na AYO. Integrante GeoCorpo/UERJ.

Nilton Abranches Junior(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

niltonabranches07@yahoo.com.br

Graduado em Geografia - Bacharelado e Licenciatura pela UERJ. Mestre em Geografia pela UFRJ. Doutor em Geografia pela UFRJ. Docente no Programa de Pós Graduação em Geografia - PPGEO/UERJ. Líder GeoCorpo/UERJ.

A partir de pesquisas de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UERJ), construiram-se propostas de debates acerca dos corpos-territórios negros, indígenas e afroindígenas presentes em Itaocaia (Maricá-RJ), Irajá (Rio de Janeiro - RJ) e Campos Elíseos (Duque de Caxias - RJ), na Baixada fluminense. As territorialidades antepassadas aos que estão hoje em idade escolar foram responsáveis pela manutenção de culturas pretas e afro indígenas nos fazeres cotidianos que produziram o espaço vivido por eles na atualidade. A investigação teve por objetivo identificar elementos identitários de territórios pretos, indígenas e afroindígenas na memória dos autores. Sendo a autoria diversa étnico-racialmente, partiu-se da hipótese de que todo corpo carrega em si memórias da diferença e, portanto, toda memória pode recontar a história preta e indígena, se analisada sob lentes de reparação. Realizou-se a construção de relatos individuais com memórias de símbolos e práticas espaciais das infâncias dos autores que, em seguida, trocaram entre si e analisaram as produções. Em territórios tão distintos e por vezes distantes, deu-se destaque às espacialidades confluentes encontradas. Das análises realizadas construíram-se galerias compostas por imagens autorais, listas de músicas e de receitas gastronômicas, todas agrupadas pela relação com o território de origem e congruentes no que tange ao atravessamento do afeto por tias negras e avós indígenas e negras. A experiência embasou atividades pedagógicas em escolas da rede pública, oficinas em eventos acadêmicos e reflexões teóricas acerca dos limites e potencialidades da memória docente na construção de propostas de aplicação da Lei 10.639/2003 durante os anos de 2023 a 2025.



| 134 | ENSINANDO CARTOGRAFIA EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA

Victor Leonardo Silva Santos(UFF/IEAR) - vleonardo@id.uff.br

Licenciando em Geografia, Bolsista PIBID e PIBIC em Ensino Diferenciado Quilombola, Coordenador do Pré Vestibular Social ILÉ ÈKÔ, integrando do Comitê Municipal do Plano Municipal de Redução de Risco de Angra dos Reis

Milene Rosa Vicente Luiz(UFF/IEAR) - milener@id.uff.br

Cursando Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentro do ambito da universidade foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) no Quilombo do Bracuí na Escola Aurea Pires da Gama. Estagiária na Secretaria de

Gabriel Santana Costa Ambrosio(UFF/IEAR) - gambrosio@id.uff.br

Formando em Licenciatura em Geografia, foi bolsista do Núcleo de Estudos em Agroecologia AIPIM (NEA), com bolsas da Fundação Euclides da Cunha (FEC) e do PIBITI. Também foi bolsista do PIBID, atuando no quilombo do Bracuí, na Escola Áurea Pires da Gama

Cristóvão de Queiroz Damasceno(UFF/IEAR) - cristovaoqueiroz@id.uff.br

Projeto de extensão: Atlas Cachoeira de Macacu; Monitoria em Cartografia e Geotecnologia aplicada ao Ensino; Monitoria em Agrária; PIBID

Mila Ferreira(UFF/IEAR) - milafb@id.uff.br

Licenciatura em Geografia na Universidade Federal Fluminense. Durante a graduação, participei do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), onde pude aprofundar meus conhecimentos na prática pedagógica e no cotidiano escolar. Tam

A proposta pedagógica, realizada como atividade do PIBID, foi desenvolvida na Escola Municipal Áurea Pires da Gama, localizada no território Quilombola Santa Rita do Bracuí, com o objetivo de trabalhar conceitos básicos de cartografia. Tema esse proposto afim de proporcionar debates críticos a cerca do território localizado em Angra dos Reis, costa verde do Estado do Rio de Janeiro, que foi palco de muitos conflitos no período de escravização. A metodologia incluiu produção de mapas, maquetes e jogos para facilitar o aprendizado dos alunos. Na primeira aula utilizou-se o jogo Batalha Naval para ensinar latitude e longitude de forma lúdica. Na segunda, os alunos trabalharam com mapas, desenvolvendo a leitura cartográfica e a orientação espacial. A terceira aula focou na construção de uma maquete de curvas de nível, representando a região do colégio no Quilombo do Bracuí, para ensinar relevo e dinâmica hidrográfica. Durante a sequência didática algumas dificuldades foram encontradas devido à heterogeneidade da turma, exigindo adaptações na abordagem pedagógica. No entanto, a participação dos alunos foi positiva, e, conforme compreendiam as atividades, o aprendizado fluía melhor. A experiência em sala de aula contribuiu para a formação dos educadores e proporcionou um ensino geográfico contextualizado e decolonial, valorizando a identidade quilombola e a relação dos alunos com o território.

The pedagogical proposal, carried out as a PIBID activity, was developed at the Áurea Pires da Gama Municipal School, located in the Santa Rita do Bracuí Quilombola territory, with the aim of working on basic cartography concepts. This theme was proposed in order to provide critical debates about the territory located in Angra dos Reis, on the green coast of the state of Rio de Janeiro, which was the scene of many conflicts during the period of enslavement. The methodology included the production of maps, models and games to facilitate the students' learning. In the first lesson, the game Batalha Naval was used to teach latitude and longitude in a playful way. In the second, the students worked with maps, developing cartographic reading and spatial orientation. The third lesson focused on building a contour model, representing the school's region in the Quilombo do Bracuí, to teach relief and hydrographic dynamics. During the didactic sequence, some difficulties were encountered due to the heterogeneity of the class, requiring adaptations to the pedagogical approach. However, the students' participation was positive and, as they understood the activities, learning flowed better. The classroom experience contributed to the training of educators and provided contextualized and decolonial geographical teaching, valuing quilombola identity and the students' relationship with the territory.



| 165 | ENSINO ANTIRRACISTA EM GEOGRAFIA: O TRÁFICO NEGREIRO COMO FLUXO MIGRATÓRIO FORÇADO E A RESISTÊNCIA DOS POVOS AFRICANOS EM NUANG

Lucas Nichyson Silva Cremoneze(Instituto Federal de Educação, Ciêncas e -

lucascremoneze@gmail.com

Licenciado em Geografia pelo IF Fluminense. Especialista em Educação Digital pela FACUMINAS. Mestrando em Ensino e suas Tecnologias pelo IF Fluminense

Este trabalho apresenta uma prática pedagógica antirracista desenvolvida na disciplina de Geografia com estudantes da terceira série do Ensino Médio em uma escola pública do Espírito Santo. A proposta tem como objetivo promover uma abordagem antirracista e decolonial sobre os fluxos migratórios forçados relacionados ao tráfico negreiro e da "passividade" de tais povos perante o processo escravagista utilizando como base a obra "Nuang: Caminhos da Liberdade", da autora preta Janine Rodrigues. A atividade se estruturou através de leitura mediada, rodas de conversa e produção de representações visuais, proporcionando reflexões críticas sobre os processos de escravização a partir do ponto de vista dos sujeitos africanos escravizados. O método qualitativo fundamenta-se na observação dos participantes e na escuta ativa, permitindo uma análise sensível dos aprendizados e sentimentos despertados nos alunos. Os resultados demonstraram que a proposta mobilizou os estudantes quanto a necessidade de práticas antirracista, fortaleceu a identidade negra e promoveu um reposicionamento crítico sobre a história oficial. Conclui-se que práticas pedagógicas interdisciplinares e antirracistas são fundamentais para a formação de sujeitos críticos e conscientes.



| 53 | GIRO PATRIMONIAL: EXPLORANDO O PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO E INDÍGENA COM AS CRIANÇAS

ANA CAROLINA LACORTE LIMA(Universidade Federal Fluminense) -

ancarolina@id.uff.br

Mestra em Educação; Docente nos anos inciais do ensino fundamental no COLUNI-UFF;

ancarolina@id.uff.br

O trabalho com aulas passeio foi organizado a fim de criar novos espaços de aprendizagem para a compreensão do processo de formação histórico, geográfico e social do município de Niterói, localizado no estado do Rio de Janeiro, contemplando a lei 11.645/08. A ampliação do repertório cultural dos estudantes só foi possível mediante práticas pedagógicas que evidenciam a diversidade, compreendendo que o processo formativo, em uma educação integral, é viabilizado a partir de diversas ações em torno do tema “diversidade e diferença”. Esta pesquisa parte do que compreendemos como patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro e indígena, onde os espaços de produção e criação, construídos por pessoas negras e indígenas, é vista sobretudo sob a égide da ancestralidade e da memória. O objetivo foi relatar sobre o projeto Giro Patrimonial, aplicado na turma do 4º ano do ensino fundamental 1, do Colégio Universitário Geraldo Reis, unidade da Universidade Federal Fluminense, durante os anos de 2023 e 2024. A pesquisa se designa como um relato de experiência, onde o trabalho foi planejado e acompanhado por profissionais que atuam no segmento. Foram utilizados autores como: Freinet (1975; 1996), Nilma Lino Gomes (2017), Luiz Rufino (2021; 2023) e Oliveira (2001). Como resultados, percebemos o quanto os estudantes se sentem pertencentes aos espaços da cidade, sobretudo no que se refere aos espaços de produção cultural. Ainda, a postura durante as visitas foi se modificando, ao passo que os registros no caderno de campo foram tomando o sentido para os mesmos.



| 105 | LEI 10.639: UM DIAGNÓSTICO A PARTIR DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ FRANCISCO SALLES

Julio Cesar Tuller Campista(UFF Campos) - juliotuller@id.uff.br
Graduando em Geografia na UFF Campos e Bolsista do PIBID.

O presente trabalho, feito por equipe de bolsistas do PIBID 2025, como parte das atividades vinculadas ao projeto Quilombinho do Camilinho, propõe um breve estudo de caso sobre a aplicação da Lei 10.639, que regulamenta o ensino de história e cultura afro-brasileira. Para isso, realizou-se um levantamento de dados no Colégio Estadual José Francisco Salles, nas modalidades EJA e ensino médio regular, através de um questionário que atestou o nível de satisfação dos estudantes com o acúmulo de conteúdos expostos relacionados à história e cultura afro-brasileira, bem como o grau de interesse dos mesmos em aprofundar o conhecimento destes temas. Verificou-se ainda, o impacto de variáveis como religiosidade, auto-identificação racial e antiguidade em escola pública para se chegar a um diagnóstico inicial sobre a aplicação da Lei 10.639. Este trabalho objetiva contribuir como amostra para formulação de estratégias de educação antirracista, partindo da realidade concreta de uma escola pública inserida em contexto social periférico na cidade de Campos dos Goytacazes.



| 76 | MATERIAIS DIDÁTICOS EM GEOGRAFIA E AS LEIS 10.639/03 E 11.645/08: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Adriani Lameira Theophilo de Ameida(Universidade Federal Fluminense) -

adrianitheophilo@id.uff.br

Formada em Geografia pela UFF. Mestre em Geografia pela UERJ/FFP. Doutoranda em Geografia pela UFF. Professora da Rede Estadual de Minas Gerais - SEE/MG.

Danielle Faria Peixoto(Universidade do Estado de Minas Gerais) -

danielle.peixoto@uemg.br

Formada em Geografia pela UFRJ. Mestre em Geografia pela UFRJ. Doutoranda em Geografia pela UFF. Professora da UEMG.

Gabriel Romagnose Fortunato de Freitas Monteiro(Universidade Federal

Fluminense) - gabriel.romagnose21@gmail.com

Formado em Geografia pela UERJ/FFP. Mestre em Geografia pela UFF. Doutor em Geografia pela UFF. Professor Adjunto da UFF.

Este artigo é fruto de uma oficina realizada durante a III Semana Afro-Carangolense, em novembro de 2023, promovida na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, unidade de Carangola. A atividade teve como objetivo apresentar concepções teóricas e propor a confecção de materiais didáticos voltados para o ensino de Geografia, com enfoque nas Relações Étnico-Raciais na escola. A proposta foi pensada para estudantes do curso de licenciatura em Geografia, como uma forma de contribuir para a formação docente crítica, comprometida com uma educação antirracista e plural. O trabalho, apresentado aqui sob a forma de relato de experiência, busca compartilhar as reflexões, os métodos utilizados e os produtos elaborados durante a oficina, destacando a importância de abordagens didáticas que integrem o debate étnico-racial ao conteúdo geográfico. Além disso, evidencia-se a relevância de ações formativas que incentivem os futuros professores a problematizar questões históricas, sociais e culturais da população negra e indígena no Brasil, promovendo práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras. A atividade proporcionou um espaço de diálogo coletivo, construção de saberes e valorização da diversidade, reafirmando o papel da universidade pública como promotora de debates necessários à superação das desigualdades raciais e sociais no ambiente escolar.



| 88 | MULTICULTURALISMO PÓS-COLONIAL FOCADO EM FORMAÇÃO INICIADA E CONTINUIDADE EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA

Grayce do Nascimento e Priscila Moreira da Silva(Universidade Federal Fluminense)

- gracyellin@id.uff.br e silva_priscila@id.uff.br

Formação Acadêmica: Cursando Licenciatura em Geografia Ensino Médio Completo Experiência Acadêmica: Participação no Projeto de Desenvolvimento Envolvimento no Projeto de Cuidado da Horta do Quilombo de Camilo Jose Gomes.

Leticia Souza Soares da Silva(Universidade Federal Fluminense) - Leticiasss@id.uff.br

Ensino Médio completo; Cursando Licenciatura em Geografia

Sunamita Nascimento Rodrigues(Universidade Federal Fluminense) -

surodrigues@id.uff.br

Experiência Acadêmica: Envolvimento no Projeto de Cuidado da Horta do Quilombola de Camilo José Gomes Pibid Experiência Profissional: Estágio voluntário no Colégio Estadual Thiers Cardoso Pibid no Colégio Estadual Nilo Peçanha Habilidades: Boa comuni

Priscila da Silva Toleto(Universidade Federal Fluminense) - toledopriscila@id.uff.br

Formação Acadêmica: Cursando Licenciatura em Geografia Ensino Médio Completo Experiência Acadêmica: Envolvimento no Projeto de Cuidado da Horta do Quilombola de Camilo José Gomes Pibid Experiência Profissional: Estágio voluntário no Colégio Municipa

Jhenifer Oliveira do Rosário(Universidade Federal Fluminense) - jrosario@id.uff.br

Formação Acadêmica: Cursando Licenciatura em Geografia Ensino Médio Completo Experiência Acadêmica: Envolvimento no Projeto de Cuidado da Horta do Quilombola de Camilo José Gomes Pibid Experiência Profissional: Estágio Pibid no Colégio Estadual Nilo

Carlos Daniel Teixeira Braga Oliveira(Universidade Federal Fluminense) -

Cabraga@id.uff.br

Formação Acadêmica: Cursando Licenciatura em Geografia Ensino Médio Completo Experiência Acadêmica:Envolvimento no projeto de Cuidado da Horta do quilombola de Camilo Jose Gomes Experiência Profissional: Estágio Pibid no colégio Estadual Nilo Peçan

Vanessa Barbosa Sales(Universidade Federal Fluminense) - vbsalesgeo@gmail.com

Formação Acadêmica: Normal Superior (Instituto de Educação Professor Aldo Muylaert) Graduação em Geografia (Universidade Salgado de Oliveira) Pós em PROEJA(Instituto Federal Fluminense) Mestre em Geografia (Uff) Experiência Professora de Geografi a da

O presente trabalho, baseado na perspectiva multiculturalista, defendida por autores como Candu (2022), Moreira (2013) e Ana Ivenick, discute a importância de uma educação antirracista no cerne da formação docente em Geografia. A partir da atuação no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), faz-se uma reflexão sobre práticas pedagógicas que possam desconstruir o racismo estrutural e promover a valorização da diversidade cultural. Assim, o currículo é analisado como um espaço de disputa simbólica e política que possui amparo legal na Lei 10.639/2003 na qual torna-se obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Sendo assim, é necessário formar professores críticos que compreendam a Geografia como ciência que possibilita a leitura do mundo e o questionamento das identidades culturais dominantes. Desse modo, o multiculturalismo se apresenta como ferramenta que, associado à tecnologia social, traz importantes contribuições à formação docente e ao ensino de Geografia. Nesse contexto, destaca-se o uso de tecnologias sociais e metodologias inclusivas, como o trabalho com fantoches representando personagens negros, que auxiliam na construção da identidade étnico-racial de estudantes, permitindo experienciar o multiculturalismo no ambiente escolar que se dará a partir da representatividade, baseada na bibliografia de Camilo José Gomes, um ex-escravizado de Campos dos Goytacazes, no município do Rio de Janeiro, que retrata historicamente sua história com o teatro de fantoches para o público-alvo da educação básica. Nessa perspectiva, a união entre multiculturalismo e educação antirracista surge como caminho para superar a educação eurocêntrica e construir práticas pedagógicas mais inclusivas, democráticas e representativas da diversidade brasileira.



This paper, grounded in a multiculturalist perspective as advocated by authors such as Candu (2022), Moreira (2013), and Ana Ivenicki, discusses the importance of anti-racist education in the context of teacher training in Geography. Drawing from participation in PIBID (Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships), the research reflects on pedagogical practices that confront structural racism and promote the appreciation of cultural diversity. The curriculum is analyzed as a space of symbolic and political dispute, highlighting the need to train critical teachers who understand geography as a tool for interpreting the world and questioning dominant cultural identities. The tool of multiculturalism associated with social technology in teacher education. Based on the representation found in the bibliography of Camilo José Gomes, a formerly enslaved person from Campos dos Goytacazes, in the municipality of Rio de Janeiro. He historically portrays his story through puppet theater for the target audience in basic education. This has a correlation with the development of PIBID in schools.

The proposal aligns with the principles of ERAGE, advocating for an anti-racist and decolonial geography by promoting the historical recognition of the violence experienced by Indigenous and African peoples. In this context, the use of social technologies and inclusive methodologies—such as puppet activities featuring Black characters—is emphasized, supporting the construction of ethnic-racial identity among students in basic education, particularly in quilombola communities. Based on Law 10.639/2003, which mandates the inclusion of Afro-Brazilian and African history and culture in the school curriculum, the project reaffirms the transformative role of education. Thus, the union of multiculturalism and anti-racist education emerges as a path to overcome Eurocentric education and build more inclusive, democratic, and representative pedagogical practices that reflect Brazil's cultural diversity.



| 92 | O ENSINO DA GEOGRAFIA E OS JOGOS TEATRAIS.

Júlia Ladislau Maciel de Almeida(Universidade Federal Fluminense) -

julialadismaciel@gmail.com

Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense- Campus Campos Centro, Mestranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

Edimilson Antônio Mota(Universidade Federal Fluminense) - uffmota@gmail.com

Professor Associado II do Departamento de Geografia da UFF campus Campos dos Goytacazes, Doutor em Educação pela UFRJ e Mestre em Políticas Sociais pela UENF.

Ao longo da história da Geografia Escolar são intensos debates a respeito do seu objeto de estudo, o ensino de geografia. A base conceitual do ensino de geografia se constitui com as principais categorias, são elas: espaço, lugar, território e paisagem. A aplicação dessas categorias em sala de aula exige habilidades e competências. A presente pesquisa tem como proposta experimental para o ensino de geografia no Ensino Fundamental e Médio acompanhar o desenvolvimento do raciocínio geográfico do aluno por meio do uso de jogos teatrais como estratégias lúdicas e pedagógicas. Os jogos teatrais serão aplicados no formato de oficinas pedagógicas como estratégia metodológica cuja finalidade é estimular o ensino de geografia aplicado às categorias geográficas, espaço, lugar, território e paisagem, de acordo com a proposta do currículo da educação básica. Os jogos teatrais podem possibilitar a inserção do aluno em espaço pedagógico significativo e torná-lo sujeito ativo, criativo e conhedor da realidade mundo por meio da linguagem teatral. Aplicadas as oficinas pedagógicas teatrais, no segundo momento serão transcritas as narrativas discentes e docentes conforme a proposta de Bogdan e Biklen (1994). Acredita-se que, compreender a integração entre jogos teatrais e o ensino de geografia representa possibilidade para o desenvolvimento cognitivo e social discente, e, ao mesmo tempo a linguagem teatral enriquecerá a prática docente.



| 144 | O RACISMO ESTRUTURAL DESVELADO PELO LETRAMENTO RACIAL

Olivia Gomes da Silva Ribeiro(Universidade Federal Fluminense) - Oliviasilva@id.uff.br
teste de escrita de minicurriculo

Drª Regina Célia Frigério(Universidade Federal Fluminense) - Drª Regina Célia Frigério

Resumo

Esta narrativa discorre sobre 'quando e como' compreendi que o racismo estrutural foi responsável por vários desafios enfrentados por mim, uma mulher universitária, preta, quilombola, mãe e trabalhadora. No início da graduação, as limitações com a linguagem acadêmica utilizada pelos professores, pelos colegas e pelas obras (muitas vezes escritas em outros idiomas que eu não dominava) me diziam que eu não pertencia àquele mundo. Contudo, com o letramento racial, compreendi que o racismo estrutural, presente nos espaços (incluindo o universitário) e nas relações sociais ali estabelecidas, era a causa do meu distanciamento do mundo acadêmico. Através do letramento racial resgatei minha identidade quilombola e entendi como o racismo estrutural marcou a minha vida, mesmo quando eu ainda não o reconhecia em meu dia-a-dia. Por isso, este trabalho tem como objetivo compreender como os códigos do racismo estrutural, presentes no meio universitário, podem dificultar o desenvolvimento acadêmico dos discentes pretos. A presente pesquisa lançou mão da minha escrevivência visando mostrar que mulheres pretas que escrevem sua história podem simplificar o entendimento cotidiano das vivências de outras mulheres. Os estudos apontam que compreender esses códigos, é entender de direitos e de políticas públicas sociais. É um resgate à ancestralidade, e parte da construção da identidade. Logo, o letramento racial é necessário e urgente, pois contribui para a reparação da história de pessoas negras.

Palavras-chave: Letramento racial; racismo estrutural; Universidade.

Abstract

This narrative explores 'when and how' I came to understand that structural racism was responsible for numerous challenges I faced as a Black, quilombola, university-educated woman, mother, and worker. At the beginning of my undergraduate studies, the limitations imposed by the academic language used by professors, peers, and scholarly works (often written in languages I did not master) reinforced the notion that I did not belong in that world. However, through racial literacy, I recognized that structural racism—embedded in institutional spaces (including academia) and social relations—was the root cause of my alienation from the academic sphere. Racial literacy allowed me to reclaim my quilombola identity and comprehend how structural racism had shaped my life, even when I was unaware of its daily manifestations. Thus, this study aims to examine how the codes of structural racism within university environments can hinder the academic development of Black students. The research employs escrevivência to demonstrate that Black women who document their narratives can facilitate a deeper understanding of the lived realities of other women. Scholarly findings indicate that decoding these structural mechanisms is essential to grasping social rights and public policies. It is both a reconnection with ancestry and a step toward identity construction. Therefore, racial literacy is necessary and urgent, as it contributes to the historical reparations owed to Black communities.

Structural Racism Unveiled Through Racial Literacy

Keywords

Racial literacy; structural racism; university.



| 100 | REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE COMBATE AO RACISMO INSTITUCIONAL

Breno Corrêa Valadares Jardim(Universidade Federal Fluminense) -

correabreno@id.uff.br

Graduando em Políticas Públicas com habilitação em bacharel pela Universidade Federal Fluminense, cursando o 7 período do curso. Foi bolsista PROEX no projeto Escolas do Território e atualmente faz parte do grupo de pesquisa JUÇARA - Grupo de Estudos das

Milene Rosa Vicente Luiz(Universidade Federal Fluminense) - milener@id.uff.br

Cursando Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentro do ambito da universidade foi bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e estagiária na Secretaria de Proteção e Defesa Civil do município de Angra dos

Através do texto “Sem romantizar e sem amnésia: História da Educação como ferramenta para uma educação antirracista”, da autora Surya Aaronovich Pombo de Barros, é possível criar um plano de fundo para construção do debate sobre educação antirracista nas escolas do Brasil e a necessidade de políticas públicas voltadas para o tema em questão. O processo de formação e estruturação do Brasil foi marcado por extrema violência e racismo, considerando a colonização que o país sofreu desde sua invasão. Com o passar dos anos, existiram muitos processos de apagamento e reclusão social da população preta, parda e indígena, que atualmente configura 56,5% da população brasileira, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022. Os movimentos negros receberam visibilidade 100 anos após Lei Aurea, criada em 1888. No século XXI foi criada a Lei Nº10639, de 09 de janeiro de 2003, que argumenta sobre a obrigatoriedade do ensino a respeito da cultura afro-brasileira no sistema educacional básico do país, que até então, era deixado de lado para seguir o regimento do ensino pela visão eurocêntrica e excludente da história. Desta forma, faz-se necessário a criação de mais políticas públicas educacionais que dialoguem com a ideia de um ensino antirracista em todas as áreas de atuação, para fornecer ao estudante um pensamento crítico sobre a construção da história brasileira, através dos verdadeiros fatos históricos que permeiam nossa sociedade.

Abstract

The text “Without romanticizing and without amnesia: History of Education as a tool for anti-racist education”, by the author Surya Aaronovich Pombo de Barros, provides a background for building the debate on anti-racist education in Brazilian schools and the need for public policies focused on the issue in question. The process of forming and structuring Brazil was marked by extreme violence and racism, considering the colonization that the country has suffered since its invasion. Over the years, there have been many processes of erasure and social reclusion of the black, brown and indigenous population, which currently makes up 56.5% of the Brazilian population, according to the 2022 census by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). Black movements were given visibility 100 years after the Aurea Law, created in 1888. In the 21st century, Law No. 10639, of January 9, 2003, was created to make it compulsory to teach about Afro-Brazilian culture in the country's basic education system, which until then had been left aside to follow the teaching regimen's Eurocentric and exclusionary view of history. In this way, it is necessary to create more public educational policies that dialogue with the idea of anti-racist teaching in all areas of activity, in order to provide students with critical thinking about the construction of Brazilian history, through the true historical facts that permeate our society.



| 169 | REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE COMBATE AO RACISMO INSTITUCIONAL

Breno Corrêa Valadares Jardim(Universidade Federal Fluminense) -

correabreno@id.uff.br

Graduando em Políticas Públicas, na Universidade Federal Fluminense de Angra dos Reis, pelo Departamento de Geografia e Políticas Públicas

Milene Rosa Vicente Luiz(Universidade Federal Fluminense) - milener@id.uff.br

Graduando em Geografia, na Universidade Federal Fluminense de Angra dos Reis, pelo Departamento de Geografia e Políticas Públicas

Através do texto "Sem romantizar e sem aminésia: História da Educação como ferramenta para uma educação antirracista", da autora Surya Aaronovich Pombo de Barros, é possível criar um plano de fundo para construção do debate sobre educação antirracista nas escolas do Brasil e a necessidade de políticas públicas voltadas para o tema em questão. O processo de formação e estruturação do Brasil foi marcado por extrema violência e racismo, considerando a colonização que o país sofreu desde sua invasão. Com o passar dos anos, existiram muitos processos de apagamento e reclusão social da população preta, parda e indígena, que atualmente configura 56,5% da população brasileira, de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022. Os movimentos negros receberam visibilidade 100 anos após Lei Aurea, criada em 1888. No século XXI foi criada a Lei Nº10639, de 09 de janeiro de 2003, que argumenta sobre a obrigatoriedade do ensino a respeito da cultura afro-brasileira no sistema educacional básico do país, que até então, era deixado de lado para seguir o regimento do ensino pela visão eurocêntrica e excluente da história. Desta forma, faz-se necessário a criação de mais políticas públicas educacionais que dialoguem com a ideia de um ensino antirracista em todas as áreas de atuação, para fornecer ao estudante um pensamento crítico sobre a construção da história brasileira, através dos verdadeiros fatos históricos que permeiam nossa sociedade.



GT3

Geografia, Desigualdades Sociorraciais e Desafios Ambientais



| 50 | "ONTEM COMEMOS MAL, E HOJE PIOR": UMA ÁNALISE DOS SIGNIFICADOS DA FOME A PARTIR DE CAROLINA MARIA DE JESUS

João Victor Bergamo de Siqueira(Universidade Federal Fluminense) -

joaobergamo@id.uff.br

Formado pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestrando pela Universidade Federal Fluminense

O I e II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Brasil, realizados pela Rede PENSSAN, apontam que a insegurança alimentar varia conforme fatores como cor, gênero, renda e escolaridade. Os dados indicam que as mulheres negras são as mais impactadas pela fome, com um aumento considerável da insegurança alimentar nas famílias lideradas por pessoas negras. A pesquisa revela que a fome afeta de maneira mais grave as famílias com menor poder aquisitivo, especialmente as chefiadas por mulheres. A desigualdade entre os gêneros é evidente, com uma taxa de fome maior em lares liderados por mulheres, refletindo desigualdades salariais e sociais. A obra "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus, é utilizada neste estudo como uma fonte importante para compreender a experiência da fome, principalmente em contextos de vulnerabilidade social e racial. A análise dos diários de Carolina, por meio da metodologia de Análise Textual Discursiva, busca entender a relação entre a fome e os fatores socioeconômicos, históricos e políticos. O estudo destaca como a fome não é apenas um problema biológico, mas uma questão social que está ligada a um modelo econômico desigual, que afeta principalmente mulheres negras. A experiência de Carolina revela a fome como uma vivência marcada pela exclusão, reforçando a importância de uma abordagem crítica e multidimensional para combater esse problema.



|97| A DIVISÃO TERRITORIAL DO BRASIL: COMPREENDENDO AS ATRIBUIÇÕES E OS DESAFIOS DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS

Bruno de Souza Silva(Universidade Federal Fluminense) - brunosouzasilva@id.uff.br

teste de escrita de minicurriculo

Ricardo Abrate Luigi Junior(Universidade Federal Fluminense) - ricardoluigi@id.uff.br

O presente trabalho apresenta uma análise sobre a conformação municipal no Brasil, suas principais características e atribuições administrativas em relação à sociedade. O objetivo geral desse trabalho é compreender os impactos da organização territorial na dinâmica socioeconômica dos municípios brasileiros. Os objetivos específicos são analisar as dificuldades na esfera pública para a distribuição de serviços no território e investigar as implicações da autonomia municipal e os desafios enfrentados para garantir a equidade no desenvolvimento regional. As metodologias aplicadas são revisão bibliográfica, com base em referenciais teóricos que abordam os assuntos propostos e a análise documental, pautada na constituição e documentos complementares. A partir da Constituição Federal de 1988, compreende-se que o território brasileiro está organizado hierarquicamente em três níveis político-administrativos: União, Estados e Municípios. Compara-se historicamente o território do Brasil com os seus vizinhos regionais sul-americanos, observando que, apesar de terem sido colônias no mesmo período, acabaram tomando rumos diferentes, pois o território do Brasil manteve-se coeso, formando um só país, enquanto os demais fragmentaram-se. Por fim, abordam-se as críticas direcionadas aos municípios, alegando mal funcionamento no cumprimento de suas atribuições, por motivos de desigualdade na arrecadação, impactando na desigual oferta de políticas públicas e tornando alguns municípios dependentes de aporte financeiro de esferas de maior hierarquia.



| 106 | AGENTES, ESTRATÉGIAS E PERFIS IMOBILIÁRIOS. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO VERTICALIZADO NOS BAIRROS PELINCA E TAMANDARÉ (CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ): (2010–2020)

Pablo Rangel Domingos(Universidade Federal Fluminense) - pablorangel@id.uff.br

Formado em Licenciatura Plena em Geografia pela UFF Campos em 2024, Atualmente Mestrando pelo Programa de Pós Graduação (PPG) UFF Campos

Leandro Bruno dos Santos(Universidade Federal Fluminense) - leandrobruno@id.uff.br

Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente (2005). É mestre (2008) e doutor (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Facu

Este projeto visa analisar a produção do espaço urbano verticalizado nos bairros Parque Avenida Pelinca e Parque Tamandaré, em Campos dos Goytacazes/RJ, no período de 2010 a 2020. A pesquisa parte da identificação dos principais agentes produtores do espaço — incorporadoras, construtoras e Estado — e das suas estratégias de atuação no território. A metodologia envolveu levantamento de dados secundários (SIDRA/IBGE, Secretaria Municipal de Obras, portais públicos) e primários (pesquisa de campo e entrevistas com agentes do setor). Os dados de "Habite-se" e de mercado imobiliário foram analisados para estabelecer padrões de localização, tipologia, densidade, metragem e altura dos imóveis construídos no período. Como resultado, identificou-se um processo de verticalização seletiva, com forte valorização imobiliária, predominância de edifícios destinados às classes média e média-alta, e concentração nas principais vias e áreas de maior acessibilidade. A atuação estatal, direta ou indiretamente, viabilizou esse processo por meio de políticas de crédito e permissividade regulatória. O estudo contribui para a compreensão crítica das formas de apropriação do espaço urbano e reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à democratização do acesso à moradia.



| 26 | ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS E COMPORTAMENTAIS RELACIONADOS À OCORRÊNCIA E AO NÚMERO DE CASOS DE DENGUE NA PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO RÁPIDA

Débora Gaspar Soares(UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JAN) -

deborags@id.uff.br

Formada em Professora de Matemática pela UFRRJ. Mestra em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Especialista em Análise Ambiental e Gestão do Território pela Escola Nacional de Ciências e Estatística - ENCE/IBGE, Membro do g

Wederson Fernandes Pereira(Fundação Oswaldo Cruz do Mato Grosso do) -

fernandeswfp957@gmail.com

Especialista em Vigilância e Cuidado em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 e de outras doenças virais pela Fundação Oswaldo Cruz de Mato Grosso do Sul, fernandeswfp957@gmail.com.

Ivan Paulo Biano da Silva(Universidade Federal Rural do Rio de Jan) -

ivanrural@gmail.com

Mestre em ciências pelo Programa de Pós Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos da UFRRJ com foco em microbiologia de alimentos (2015). É especialista em Entomologia Médica pela FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ(2005) mesmo ano e instituição que conc

Esta Resposta Rápida discute os aspectos socioambientais e comportamentais que podem estar relacionados à ocorrência de dengue na pandemia da COVID-19 nos países do Sul Global. A conjuntura pandêmica de desigualdades que não evidenciou nada de novo, desvelou a ineficiência de saneamento ambiental dos países mais pobres. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi investigar quais aspectos socioambientais e comportamentais que podem estar relacionados à ocorrência de dengue na pandemia da COVID-19. Essa busca destacou que não é suficiente a identificação de fonte, modo de propagação e o agente causador na cadeia de transmissão da dengue durante a pandemia. Uma vez que, haver a possibilidade da infecção concomitante entre a dengue (que é sazonal) e a COVID-19 em áreas endêmicas nos países do Sul Global, pode contribuir fortemente, para o alastramento da COVID-19 em virtude do aumento do tempo para conclusão de um diagnóstico.



| 80 | CAPOEIRA E(M) GEOEDUCAÇÃO: ENTRE PATRIMÔNIOS CULTURAIS, AMBIENTAIS E ANCESTRAIS

Camila Reis Tomaz(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

corporalidadeafroindigena@gmail.com

Bacharel em Educação Física pela UFRJ. Especialista em Psicanálise Clínica. Mestre em Ecoturismo e Conservação pela UNIRIO. Doutoranda em Geografia pela UERJ. Professora de Capoeira no CSTJ.

A Capoeira pode ser um espaço civilizatório, visto que foi criada pelas e para sociedades pretas e afroindígenas há pelo menos 400 anos e as mantém aliançadas até hoje. Seus valores incluem a Conservação da Natureza estando nessa Natureza integrados os seres humanos e suas memórias indissociáveis integradas a de morros, montanhas, rios e beira-mares. A partir de experiência com a temática, perguntou-se quanto às possíveis contribuições da Capoeira para a GeoConservação em orlas, vales e cuja paisagem contém cadeia de montanhas local. Diante disso, busca-se com o presente trabalho apresentar alguns resultados de uma revisão bibliográfica inicial com esse tema, aproximando de cantigas da Capoeira com elementos pedagógicos voltados à proteção e reconhecimento das identidades desses espaços e seus elementos, e a identificação da Capoeira Angola como fonte ancestral dessas ações. Destaca-se a ausência de trabalhos anteriores sobre a prática, ensino ou uso da Capoeiragem vinculado à GeoConservação no Google Acadêmico e Scielo. Considera-se de alta relevância a publicização de mais um caminho geoeducativo replicável a partir da integração com comunidades tradicionais e originárias locais, visto serem delas a origem e a continuidade da cultura da Capoeira.



| 99 | CENTRAIS DE NEGÓCIOS E AS DINÂMICAS ESPACIAIS E DE CONCORRÊNCIA DO RAMO SUPERMERCADISTA: ANÁLISE DAS REDES SMART E REDECONOMIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

Lucas da Silva Pessanha(Universidade Federal Fluminense) - silva_pessanha@id.uff.br

Formado em Geografia pela UFF. Mestrando em Geografia pela UFF. Aluno associado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Nas últimas décadas do século XX, o avanço das técnicas e a internacionalização da economia impulsionaram a mundialização do capital, transformando o espaço e a economia. Esta pesquisa analisa as instâncias produtivas do espaço (produção, circulação e consumo) e sua importância no ciclo do capital e na transformação do espaço. O aumento da circulação e a aceleração da criação de mais-valor são evidentes, sobretudo nas grandes corporações, que se tornaram protagonistas na organização do espaço. No Brasil, as políticas econômicas dos anos 1990 impulsionaram a consolidação de grandes redes supermercadistas, resultando em aquisições, fusões e centralização do mercado. A concentração econômica no setor supermercadista fez com que empresas de pequeno porte recorressem a centrais de negócios, como a Rede Smart e a Redeconomia, para garantir sua sobrevivência. O estudo objetiva-se investigar essas centrais (suas origens, estratégias e impactos nas dinâmicas de concorrência e espaço) no estado do Rio de Janeiro. A metodologia baseia-se no levantamento bibliográfico, pesquisa de dados primários e secundários, levantamento documental, sistematização e análise de dados.



| 156 | CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO E CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO: PROPOSTA DE ANÁLISE DA CAFEICULTURA DO SUL DO ESPÍRITO SANTO

Marco Túlio Moraes Velasque Silva(PPG-UFF) - teste de escrita de minicurriculo
teste de escrita de minicurriculo

Erika Vanessa Moreira Santos(UFF) - erikamoreira@id.uff.br
Professora associada da Universidade Federal Fluminense, Departamento de Geografia de
Campo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFF/Campos

A cafeicultura está presente no Espírito Santo desde o princípio do processo do povoamento, após 1850, mais de cento e cinquenta anos se passaram e muita coisa mudou, destarte o próprio meio geográfico. As transformações conduziram a novas formas de organização e uso do espaço por empresas, organizações, bancos, corporações transnacionais, estados nacionais, etc., que pressupõem aumento de fluidez na comunicação e circulação de pessoas, de mercadorias e, principalmente, de informação pelo espaço, tendo como suporte e condição as infraestruturas de comunicação e transporte enquanto meio catalizador. Este trabalho propõe identificar as possíveis implicações socioespaciais da inserção da cafeicultura do Sul do Espírito Santo nos circuitos espaciais produtivos e círculos de cooperação no espaço, através de uma aproximação com a Cooperativa dos Cafeicultores do Espírito Santo – CAFESUL. Metodologicamente, o trabalho se apoia em técnicas de pesquisa qualitativa, como a revisão bibliográfica narrativa de teses, livros, artigos, reportagens e outros documentos oficiais de organizações públicas, empresariais ou associativas; a coleta de dados secundários em instituições públicas e outras organizações; e campo exploratório na cooperativa. O desejo de se estudar a cooperativa surge do instinto do autor que, em contato com a informação acerca das transformações em andamento na política da agricultura estadual em 2023 – propondo o “desenvolvimento sustentável da cafeicultura” com suporte num sistema de certificações vinculado à Nestlé – observa na CAFESUL um movimento distinto de “modernização” de suas práticas e normas após a inserção na Rede Fairtrade International ainda em 2008.



| 27 | DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS, (I)MOBILIDADE URBANA E O USO DAS GEOTECNOLOGIAS: O DESAFIO DO NÃO PERTENCIMENTO E DA EXCLUSÃO SOCIAL EM CAMPO GRANDE, RIO DE JANEIRO.

Ciça Kaline Cruz Rosa(Programa de Engenharia de Transportes (P) -

ckalinecruz@gmail.com

Ciça Kaline Cruz Rosa, Formada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), com Licenciatura em Geografia pela Universidade Cidade Verde (UniCV), Mestre em Urbanismo pelo Programa de Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduaçã

O estudo tem como objetivo geral analisar as desigualdades socioespaciais de Campo Grande a partir de um recorte racial, considerando questões ambientais, o uso de geotecnologias e o impacto das políticas públicas no bairro. Para isso, busca-se identificar como as desigualdades raciais se manifestam no território, avaliar os desafios ambientais enfrentados pela população local e suas relações com a questão racial, explorar o uso de geotecnologias na análise das dinâmicas socioespaciais e examinar o papel das políticas públicas na mitigação ou perpetuação dessas desigualdades. A pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, baseada na revisão bibliográfica de autores referência no tema, análise de dados socioeconômicos e ambientais, uso de geotecnologias para mapeamento territorial e levantamento de políticas públicas aplicadas ao bairro. Os resultados evidenciam que as desigualdades socioespaciais em Campo Grande possuem um forte componente racial, sendo agravadas por problemas ambientais e pela ausência de políticas públicas eficazes. Nesse sentido, o uso de geotecnologias se mostra fundamental para a compreensão dessas dinâmicas e para a formulação de estratégias de planejamento urbano mais inclusivas e equitativas.



| 95 | JUIZ DE FORA E SUAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS: IMPACTOS SOBRE A GEOGRAFIA DA CIDADE EM PROL DA INICIATIVA PRIVADA

Flávio Silvério da Silva(Universidade Federal Fluminense) - flaviosilverio@id.uff.br

Formado em Arquitetura e Urbanismo pela UFJF. Mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela UFSJ. Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela UFF. Professor adjunto do UNICSUM.

Taís da Costa Moraes(Centro Universitário do Sudeste Mineiro) -

taiscosta.arqueurb@gmail.com

Formada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário do Sudeste Mineiro. Pós-graduada em Projeto de Paisagismo pela Universidade Metropolitana de São Paulo.

O texto expõe o modelo contemporâneo neoliberal de urbanização, que promove a exclusão e privatização dos espaços públicos citadinos. O mesmo tem como recorte de análise a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, com aproximação para a relação de vizinhança entre a Região Oeste do município e o bairro Dom Bosco, revelando processos desiguais de organização do solo, das duas áreas, que conflitam e chegam à um cenário contemporâneo de segregação socioespacial e racismo ambiental. O estudo demonstra como políticas públicas favoreceram os interesses do capital, apagando a territorialidade de determinados grupos sociais sobre a área da Curva do Lacet, superfície fronteira entre as duas regiões citadas, antes usada por comunidades vizinhas e, recentemente, convertida em um local de simples acesso à um empreendimento privado. Isso posto, o trabalho evidencia como os processos de crescimento urbano moldados por políticas neoliberais se voltam a grupos sociais privilegiados, marginalizando as populações negras e pobres.



| 28 | O NÃO-VIVER DO NEGRO DETRÁS E ALÉM DO SANEAMENTO BÁSICO: A MACROMETRÓPOLE PAULISTA COMO INSTRUMENTO TERRITORIAL DO RACISMO AMBIENTAL

Luiz Felipe dos Anjos(Universidade Federal do ABC (UFABC)) - anjossluiz@gmail.com
Bacharel em Ciências & Humanidades e Bacharel em Planejamento Territorial pela UFABC.

O presente trabalho discute o saneamento básico como uma dimensão do racismo ambiental no território da Macrometrópole Paulista (MMP) na construção de uma política ambiental de morte para a população negra. Primeiramente, analisamos a territorialização da MMP pelos processos de descentralização industrial e urbanização dispersa, bem como as contradições de seu contexto socioeconômico, vinculado a políticas neoliberais descoladas de sua realidade e geradoras de desigualdades. Em seguida, abordamos o lugar das relações raciais no planejamento territorial, destacando que estas são concebidas como transversais, em vez de serem tratadas como um fundamento, dada a presença do dispositivo da racialidade. Posteriormente, questionamos o saneamento básico e suas dimensões, enfatizando a necessidade de sua construção plena na política ambiental brasileira devido à sua influência na elaboração de um não-viver para a população negra. Por fim, evidenciamos o espaço macrometropolitano como instrumental ao racismo ambiental, considerando o papel do saneamento básico como um elemento central nas desigualdades socioambientais entre brancos e negros (pretos e pardos) tanto nas infraestruturas quanto na vida cotidiana. Ao final, encontra-se uma correlação entre saneamento, raça, mortalidade e envelhecimento em uma reelaboração do lugar transescalar do negro em determinadas sub-regiões clusterizadas da Macrometrópole Paulista. Dessa maneira, discorre-se sobre o saneamento básico como uma dimensão do racismo ambiental no território da Macrometrópole Paulista (MMP) na construção de uma política ambiental de morte para a população negra. Assim, o saneamento básico se torna uma ferramenta de racismo ambiental que sustenta a lógica de morte e envelhecimento diferencial dentro da Macrometrópole Paulista.



| 29 | OS NEGROS E FAVALADOS, SEMPRE NAS BUSCAS POR SUA CIDADANIA HISTÓRICA NO BRASIL COMPARTILHAM SUAS TERRITORIALIDADES POPULARES, SUSTENTADO POR LAÇO COMUM DA MISÉRIA E OPRESSÃO ECONÔMICA

Oliveira, Wagner da Silva(PPGEO FFP UERJ) - vagnerfiageo@gmail.com

Pesquisador de favelas no PPGEO/UERJ-FFP(2025), Geógrafo, formado em geografia pela UERJ, licenciado(1998), bacharel(2004) é Consultor Ambiental, Conselheiro no CREA-RJ, membro da Coordenação da CEAGRI, Comissão de Meio Ambiente (CMA) Comissão de Educ

É notório que, os bons encontros geram consideração, dignidade, caridade, segurança, empatia, troca, comoção, compaixão, esperança e amor. A luta anticolonial e antirracista tem mobilizado tanto os afetos tristes, como raiva, como instrumento de restituição da humanidade destituída pelo projeto colonial (FANON, 2006) quantos afetos alegres como a empatia, compaixão, comoção e esperança no enfrentamento ao ecocídio, epistemicídio, etnocídio e genocídio, mas numa sociedade de mais de 388 anos de escravidão, como a brasileira, os afetos também foram alvos do projeto colonial. Em uma leitura rápida em geografiando afetos escritos, imagens, intensidades [et al.], 2022. O artigo: "entre a geografia dos afetos e a espacialidade das relações raciais no Brasil" (OLIVEIRA, 2020 pp.125-154), o autor recupera a ideia que vêm desenvolvendo á muito tempo, principalmente na contemporaneidade por outros pensadores que tem como base a reflexão da raça negra e a suas contradições vistas pelo pensamento da branquitude escravocrata colonial e também na espacialidade acadêmica atual, que ao meu modo de refletir são fundamentais para ampliar o horizonte de espaço e a territorialidade da raça negra sobre o pensamento em nossa Geografia e outras áreas acadêmicas. Para este intelectual a nossa ciência nas mais variadas visões tinha uma forma de analisar, mas carecia de conteúdo, mas aos poucos passou a ser uma geografia com a visão da espacialidade das relações raciais no Brasil (OLIVEIRA, 2015, 2019, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d) mas que algumas práticas acadêmicas, através das reflexões "desprezou" a forma e o cotidiano em mostrar a sociedade mais ampla. Sabe-se que essas nos parecem uma boa reflexão e nos remetem, em parte, ao esforço intelectual que nos é proporcionado sempre nos conceitos geográficos em espaço, territorialidade, o poder, a raça em geografia e na sociedade com a natureza.

Os encontros proporcionados em aulas, me possibilitaram um aprofundamento sobre o discurso geográfico do tema, reafirmando o meu campo de estudo em minha pesquisa. Isso foi algo extraordinário para um pesquisador oriundo da favela da Cotia, em Niterói, que já se encontrava afastado há um bom tempo dos debates acadêmicos. Atravessamos ainda bons debates e reflexões sobre "espaço, poder e raça". É bom enfatizar, que esse tema foi fundamental na leitura geográfica atual, ou seja, empreender o esforço de pensar os recortes históricos e atuais que os debates e as reflexões de como a raça negra, e o surgimento das favelas foram ao longo do processo civilizatório de construção da república federativa do Brasil. Como esse tema vêm desde do período da colonização. A substituição dos escravos negros pelos imigrantes livres foi acompanhada de um discurso que difundia a solução como alternativa progressista, na medida em que os "europeus civilizados" e laboriados trariam sua cultura para ajudar a desenvolver a nação. A alternativa implicou também a formulação de uma teoria racial: a raça estava condenada pela bestialidade da escravidão e a vinda de imigrantes europeus traria elementos étnicos superior que através da miscigenação, poderiam branquear o país, numa espécie de transfusão de puro e oxigenado sangue de uma raça livre. Só que a marginalidade dos negros foram associadas a um conjunto de gestos, um jeito de corpo. Se para a comunidade negra, a linguagem do corpo é elemento de ligação e sustentação do código coletivo que institui a comunidade. Para a classe dominante branca, "cristã", e familiar a frequência como se dança, o umbigo, a requebra e o ato de abraçar, desafiam os padrões morais. A presença nos terreiros e as práticas religiosas africanas completam os estigmas: O candomblé é marginal porque é "crendice" é religião primitiva, que afronta a religião oficial. A perversidade não está na ilegalidade, senão no fato de que essa atividade é umbilicalmente ligada e indissociável do modo de vida e modelo de cidade que se opõem à favela. Está, portanto, na armadilha que transforma um devir autônomo, um



quilombo, em zona escrava de qualquer forma parecidas com á violência das incursões policiais nesses locais, onde ser tem contribuindo como zona inimiga e, consequentemente, para estigmatizá-la ainda mais. A existência de uma comunidade afro-brasileiro, não o fizemos a partir de uma visão que opõe tal nação aquela de sociedade moderna ou como referência a qualquer tipo de arcaísmo que perduraria insistentemente, apesar da industrialização e a metropolitização. É sim de um grupo diferenciado e singular, de especificidades culturais e de repertório comum, que de comum que vai se forjando e transformado através da História humana e que, também, assim como toda a sociedade, é dividida, em campos de tensões e conflitos mais diversos. A História negra é marcada pela estigmatização de seus territórios na formação da cidade: se no mundo escravocrata, o devir negro era sinônimo de sub-humanidade e barbárie, na república do trabalho livre, o negro virou marca da marginalidade, o estigma foi formulado a partir de um discurso ethocêntrico e de uma prática repressiva, do olhar vigilante do senhor na senzala ao pânico do sanitarista em visita, ao cortiço do registro esquadrilhador do planejamento urbano através da violência nas viaturas policiais³ como nos mostrou (Rolnik, 1989 pp.75-90 IBIDEM):

“ Em que cita que é comum, nas referências que são feitas á posição dos pretos e pardos nas cidades brasileiras a menção a inexistência de guetos. Bairro onde são confinados certas minorias, por imposições econômicas e ou raciais – como sinal de ausência de qualquer tipo de segregação racial. No Brasil, pretos, e brancos pobres compartilham o espaço das vilas e favelas, numa espécie de promiscuidade racial sustentada pelo laço comum da miséria e da opressão econômica. A partir do final da escravidão, e atentado para a sua particular inscrição nas cidades ao longo do tempo. Existe um território negro específico nessas cidades, território que tem uma história, uma tradição. A História do RJ e de SP é marcada pela marginalização do território negro”.

Mas ser formos discutir o próprio conceito de território urbano, espaço vivido, obra coletiva construída peça á peça por um certo grupo social pensarmos em seus processos de constituição, em suas escalas e, sobretudo, nos contextos dos sujeitos para os quais estes recortes são construídos e dirigidos como empreendimento voltado para compreensão da realidade. Um dos suportes mais sólidos desse repertório negro foi, desde a senzala, o próprio corpo, o espaço de existência, continente e limite do escravo. Arrancado do lugar de origem e despossuído de qualquer bem ou artefato, era o escravo portador – nem mesmo proprietário - apenas de seu próprio corpo que era através dele, que também, que as memórias coletivas podem ser transmitidas, nas ritualidades. Foi assim que o pátio da senzala símbolo de segregação e controle, transformou-se em terreiro, lugar de celebração das formas de ligação da comunidade a partir dali passou a ser um elemento espacial fundamental na configuração dos territórios negros urbanos. (Rolnik, 1989 pp.76-77) ainda falando do “próprio corpo, espaço de existência” que nos remetem a obra de M.Foucault, em tábula Rasa nº 16, 2012 p.81 - onde o mesmo diz que o racismo surgiu no século XIX como uma apropriação estatal conservadora do discurso da “guerra racial”, ou seja, da ressignificação desse discurso pelo Estado em discurso de “pureza racial”, justamente no momento em que o discurso de lutas raciais se radicaliza e se transforma em discurso de luta de classes.



| 116 | PROJEÇÕES DE LINHAS DE COSTA FUTURAS DA PRAIA DO AÇU, SÃO JOÃO DA BARRA/RJ

Mariana Gomes Barbosa(Universidade Federal Fluminense (UFF Cam) -

marianagb@id.uff.br

Formada em Geografia pela PUC-Rio. Mestranda em Geografia pela UFF Campos. Consultora ambiental.

Eduardo Manuel Rosa Bulhões(Universidade Federal Fluminense (UFF Cam) -

eduardobulhões@id.uff.br

Formado em Geografia pela UFRJ. Mestre em Ciências pela UFRJ. Doutor em Geologia e Geofísica Marinha pela UFF. Professor no Departamento de Geografia da UFF Campos.

As praias são ambientes dinâmicos e sensíveis, formadas por sedimentos inconsolidados como areia e cascalho e junto com as dunas costeiras, atuam como proteção natural contra a erosão costeira. Diante da elevação do nível médio do mar, do crescimento populacional e das estruturas artificiais no litoral, o litoral pode se transformar em área de risco em um futuro próximo. Assim, projetar o avanço ou recuo da linha de costa torna-se fundamental para o planejamento costeiro. O objetivo desta pesquisa é construir possíveis cenários futuros da linha de costa na Praia do Açu, em São João da Barra (RJ), onde se localiza o Porto do Açu. A metodologia adotada consiste no mapeamento das linhas de costa entre 1973 e 2023, o cálculo da taxa de evolução costeira (TEC) por regressão linear com uso da ferramenta DSAS e projeções futuras da linha de costa no software ArcGis. Os resultados do mapeamento histórico indicam tendências contrastantes entre o período anterior e posterior às intervenções do Porto, que influenciaram a dinâmica da linha de costa. Foi constatado que as intervenções tiveram influência na variabilidade da linha de costa ao longo do tempo e que a praia do Açu e da Barra do Açu apresentam suscetibilidade natural à erosão costeira. Serão apresentados gráficos com estimativas da variação da linha de costa e mapas das áreas de erosão e progradação que foram mapeadas ao longo dos 50 anos. Neste momento, a pesquisa está na fase de aplicação de ferramentas de geoprocessamento para realizar a projeção futura.



| 60 | RACISMO AMBIENTAL E INDUSTRIALIZAÇÃO: DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS EM CAMPOS ELÍSEOS, DUQUE DE CAXIAS

Pammella Casimiro de Souza(Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -

pammellacasimiro@gmail.com

Formada em Ciências Ambientais pela UNIRIO. Mestra em Geografia pela UERJ. Doutoranda em Geografia pela UERJ

O presente texto apresenta o Racismo Ambiental e(m) sua relação com a produção/organização do espaço geográfico no bairro industrial em Duque de Caxias - Baixada Fluminense. Campos Elíseos é um exemplo emblemático dos impactos do desenvolvimento industrial, onde a Refinaria de Duque de Caxias (Reduc) se impõe como símbolo de progresso e exclusão. O bairro, de maioria negra, evidencia a necessidade das interseções entre raça, espaço e meio ambiente, reimaginando futuros possíveis que incluem bem-estar para todos os sujeitos e territórios. O objetivo central é dialogar como o Racismo Ambiental se manifesta na industrialização de um bairro periférico, analisando seus impactos sobre a população e os processos territoriais. Para isso, traça-se o perfil histórico-social do território, identificam-se os agentes envolvidos na organização do espaço urbano e social, e relacionam-se conceitos acadêmicos com as vivências locais. A metodologia combina as escrevivências da pesquisadora, observação participante e análise documental. A pesquisa articula Racismo Ambiental, apresentado como a desigualdade na aplicação de políticas e práticas ambientais que prejudicam, intencionalmente, comunidades negras, sendo reforçada por instituições governamentais, econômicas e políticas, com conceitos geográficos, como território, territorialidade e zonas de sacrifício, evidenciando como a lógica capitalista perpetua desigualdades raciais, ambientais e territoriais. Os resultados apontam desconexão entre agentes – Estado, indústrias, moradores – e a ausência de planejamento territorial que priorize a qualidade de vida dos sujeitos. Essa lacuna amplia os impactos negativos, como poluição, doenças e baixa autoestima territorial.



| 126 | RACISMO AMBIENTAL NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE PROBLEMAS URBANOS QUE AFETAM A POPULAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Lorena de Castro Braga da Costa(Universidade Federal Fluminense) -

Lorena_castro@id.uff.br

Formada em Bacharelado em Geografia pela Universidade Fluminense

Profa. Dra. Maria Carla Barreto Santos Martins(Universidade Federal Fluminense) -

maria_carla@id.uff.br.

aculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Geografia (Bacharel) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestra e Doutora em Geociências (com foco em Geoquímica Ambiental) pela UFF.

Fruto de uma expressão cunhada por ativistas negros norte-americanos, o racismo\r\nambiental se manifesta no cotidiano trazendo prejuízos não apenas ao grupo afetado\r\nndiretamente por suas consequências, mas para toda a sociedade brasileira. O\r\nnpresente trabalho tem por objetivo apresentar o conceito de racismo ambiental,\r\nndiscutir como ele se manifesta na sociedade e como pode ser observado por meio de\r\nnreportagens jornalísticas. A metodologia utilizada teve como primeira etapa um\r\nnlevantamento bibliográfico e, em seguida, uma busca por identificar notícias sobre\r\nnproblemas ambientais urbanos no Rio de Janeiro nas matérias do site de notícias G1.\r\nAs matérias do ano de 2023 foram compiladas e categorizadas, com ênfase nos\r\nnrelatos de problemas ambientais urbanos e seus desdobramentos. O discurso\r\nutilizado pela mídia ao tratar do assunto escolhido foi analisado e foi observada a\r\nnpresença do racismo ambiental nas reportagens. Por fim, a pesquisa apresenta a\r\nnrelevância do incremento e da continuidade dos estudos sobre racismo ambiental\r\nncomo forma de enfrentamento e empoderamento dos negros e negras brasileiros.



| 87 | REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO FERRAMENTAS DE EXTENSÃO E INOVAÇÃO: O USO DO INSTAGRAM NA DIVULGAÇÃO DE CONTEÚDOS INFANTIS SOBRE AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR

Vitória Rego Vollú Silveira(Universidade Federal Fluminense) - vitoria_rvs@id.uff.br
Bacharelanda em Geografia e membro do Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos (NERU).

Erika Vanessa Moreira Santos(Universidade Federal Fluminense) -
erikamoreira@id.uff.br
Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP de Presidente Prudente/SP
no ano de 2012. Concluiu a graduação em Geografia no ano de 2003 e o mestrado em
Geografia concluído em 2007.

O presente trabalho é um desdobramento da pesquisa de Iniciação Científica (PIBITI/UFF), cujo foco é apreender estratégias de informação e comunicação sobre hortas urbanas. Criou-se, em novembro de 2022, o perfil @agriculturaurbanacamposrj no Instagram, com o objetivo de divulgar os projetos, atividades e agricultores(as) das hortas urbanas de Campos dos Goytacazes. Por meio das publicações e da interação com os seguidores, identificou-se a ausência de materiais voltados ao público infantojuvenil que abordassem agroecologia e agricultura familiar. Diante dessa necessidade, iniciou-se, em 2024, a produção de conteúdos educativos para esse público. A partir de levantamentos bibliográficos sobre as temáticas centrais, foi lançado o primeiro livro digital. As etapas envolveram escrita, organização e edição no Canva, revisão ortográfica, registro de propriedade do governo federal e divulgação na rede social em formato PDF. O primeiro livro, "Alfabeto da Agroecologia", traz em cada letra do alfabeto um conceito relacionado ao tema. Posteriormente, foi lançado o livro "Professora Lia e a Agricultura Familiar", com o intuito de valorizar os agricultores(as) familiares. Também foi elaborada a "Cartilha de Atividades", reunindo propostas práticas para o público infantil e para uso docente nas escolas. Todos os materiais foram produzidos e disponibilizados gratuitamente para download no Instagram. A interação com professores da educação básica de Cordeiro, Cantagalo e Campos resultou em convites para apresentar os materiais em escolas públicas. Assim, surgiu o projeto "Agroecologia na Escola", que promove visitas, palestras, rodas de conversa, contação de histórias e atividades lúdicas, unindo conhecimento acadêmico e saberes populares.



| 145 | SE A ESCOLA FOSSE MINHA: ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS NA ESCOLA MUNICIPAL PLANETA NOVO – CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Pedro Henrique Rodrigues Pimentel(Universidade Federal Fluminense/Campos d) -
pedrohenriquerodriguespimentel@id.uff.br

Licenciado em Geografia pela UFF/Campos. Mestrando em Geografia pela UFF/Campos

Regina Célia Frigério(Universidade Federal Fluminense) - reginafrigerio@id.uff.br

Licenciada e bacharel em Geografia pela UFES. Mestre em Educação pela UFF. Doutora em Geografia pela UNICAMP. Professora Adjunta da UFF/Campos

A Geografia da Infância é um campo recente da ciência geográfica, surgido na década de 2000, em território brasileiro. A partir das contribuições teórico-metodológicas dos Estudos da Infância, reconhecem-se as crianças como sujeitos ativos das suas relações sociais, produtoras de cultura e, sobretudo, agentes que produzem espaço. Teve-se como objetivo comparar as diferentes formas de planejamento do espaço escolar entre adultos e crianças. A pesquisa teve abordagem qualitativa de cunho etnográfico, juntamente às técnicas que esta dispunha (cadernetas de registro de narrativas, fotografias, entrevistas e outros) entre os meses de outubro de 2023 a junho de 2024. Como resultado, reconheceu-se que as crianças da Escola Municipal Planeta Novo – Campos dos Goytacazes/RJ – desejavam realizar alterações simbólicas e estruturais na instituição onde estavam inseridas.



| 56 | SEGREGAÇÃO SOCIAL E SUB-REPRESENTAÇÃO NEGRA NO LEGISLATIVO: O IMPACTO DO FINANCIAMENTO ELEITORAL NA DESIGUALDADE REPRESENTATIVA.

Marco Antônio da Mota Maciel(UFRRJ) - marco0811991@gmail.com

Graduação em História (2019-presente) UFRRJ.

Edmir Amanajás Celestino(UFRRJ) - amanajas@ufrj.br

Oceanógrafo (UFPA), Mestre em Antropologia Social (PPGA/UFPA), Doutorando em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária (PPGCTIA/UFRRJ).

Este trabalho investiga a sub-representação da população negra no legislativo brasileiro, analisando como a concentração de recursos eleitorais em candidatos brancos impacta a desigualdade política. A distribuição de financiamento eleitoral historicamente favorece candidatos brancos, limitando o acesso da população negra aos espaços de decisão. Essa desigualdade está intrinsecamente ligada a um contexto mais amplo de segregação social, refletido em índices alarmantes: a população negra é a principal vítima da letalidade policial, apresenta taxas desproporcionalmente altas de encarceramento. Embora o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Supremo Tribunal Federal (STF) tenham estabelecido diretrizes para a destinação proporcional de recursos para candidaturas negras, suas atuações não são consistentemente contramajoritárias, pois muitas vezes atuam de forma lenta diante das desigualdades raciais no acesso à política. A pesquisa é baseada em referencial bibliográfico e documental, artigos e notícias jornalísticas, fontes normativas e informações legislativas. Busca demonstrar como o financiamento desigual afeta a representatividade negra no campo político, perpetuando, portanto, as desigualdades raciais, visto que não são pessoas negras que estão preenchendo os espaços de criação de políticas públicas que visem redução da desigualdade racial no Brasil.



| 51 | UMA DISCUSSÃO PARA ALÉM DOS LIMITES DA MOBILIDADE URBANA

Gabriel Guanabará Lemos Marques(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) -
guanabaran@gmail.com

Formando em Geografia pela UFF, Mestre em Geografia pela UFF, Especialista em Arquitetura da Cidade pelo IFF e Coordenador de Segmento da escola particular Canto dos Pássaros - Cabo Frio.

Fernanda Pereira dos Santos,(Universidade Veiga de Almeida) -
fee.psantos@gmail.com

Formada em História pela UFF

Paula Magalhães Barroso(Universidade Federal Fluminense) -
paulabmagalhaes@live.com

Formada em Geografia pela UFF

Este trabalho tem como objetivo iniciar uma discussão sobre os limites da mobilidade urbana para além da simples circulação. A mobilidade não se restringe ao deslocamento do ponto A ao ponto B; em nossa realidade periférica no Sul Global, ela representa o transporte de corpos negros e não negros periféricos a serviço do capital. Diante disso, torna-se fundamental pensar e criar alternativas de circulação que garantam a esses grupos o pleno direito à cidade e ao usufruto do espaço urbano.



| 154 | YOUTHMAPPERS UFF CAMPOS - MAPEAMENTO COLABORATIVO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ, POR MEIO DO OPENSTREETMAP

Poliana Rezende Costa(Universidade Federal Fluminense - Instit) -

polianacosta@id.uff.br

Graduanda em Geografia pelo Instituto de Ciências Sociais e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Campos dos Goytacazes. Monitora bolsista em Cartografia Básica e Escolar. Atua como presidente da seção YouthMappers UFF

Gabriel Igor do Carmo(Universidade Federal Fluminense - Instit) -

gabriel_igor@id.uff.br

Gabriel Igor do Carmo, formado em Geografia Licenciatura, agora graduando no Bacharel em Geografia na Universidade Federal Fluminense no campus de Campos dos Goytacazes RJ. Atuou como bolsista de iniciação científica PIBIC CNPq e PROPI e no projeto Casa d

Marcos Chagas Couto(Universidade Federal Fluminense - Instit) -

marcoschagascouto@id.uff.br

Graduando em Geografia (Bacharelado) na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. Atua como Estudante Apoiador no setor de Acessibilidade da UFF Campos.

Integra o Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos (NERU), o Núcleo de Estudos em Eco

Danielle Pereira Cintra(Universidade Federal Fluminense - Instit) -

daniellecintra@id.uff.br

Professora Adjunta do Departamento de Geografia de Campos (GRC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Integra o Laboratório de Geotecnologias da UFF Campos (LAGEOT), onde desenvolve projetos de pesquisa, ensino e extensão nas áreas de Geotecnologias,

Este resumo apresenta o projeto de extensão YouthMappers da Universidade Federal Fluminense - campus Campos dos Goytacazes, no qual se realiza um mapeamento colaborativo por meio da plataforma digital da comunidade OpenStreetMap (OSM). O projeto tem como objetivo mapear a arborização urbana no perímetro do primeiro distrito de Campos dos Goytacazes/RJ, a fim de incentivar a prática do mapeamento colaborativo, através da utilização da plataforma digital e formação por baseada da cartografia digital, visando contribuir para a alimentação do banco de dados da plataforma do próprio OpenStreetMap, que oferece dados abertos de fácil acesso. Essa iniciativa possibilita a elaboração de pesquisas em áreas específicas, em cujos os dados são de difícil acesso, devido à falta de atualização ou pela própria burocracia dos órgãos públicos em compartilhá-los. Além de proporcionar uma cartografia social, apoiando projetos sociais, de desenvolvimentos sustentáveis e de gestão de riscos, especialmente em regiões vulneráveis. Trata-se, portanto, de uma ferramenta para obtenção de dados de forma gratuita e democrática, fundamental para desenvolvimento de projetos e pesquisas acadêmicas.



|33| A MORTE LENTA DO RIO ITABAPOANA: HIDRELÉTRICAS, CAPITALISMO E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS

Marcos Chagas Couto(Universidade Federal Fluminense) -

marcoschagas930@gmail.com

Graduando do Bacharelado em Geografia

Manoel Almeida de Jesus(Universidade Federal Fluminense) - majesus@id.uff.br

Graduando da Licenciatura em Ciências Sociais

Este artigo analisa os impactos socioambientais causados pela exploração do rio Itabapoana, com ênfase nas consequências das hidrelétricas na região. O objetivo é apresentar uma análise crítica das observações realizadas durante a visita de campo, destacando os principais problemas ambientais e socioambientais que afetam o rio e as comunidades locais. A pesquisa foi realizada durante o "Seminário de Conflitos do Norte e Noroeste Fluminense", em junho de 2024, com uma saída de campo para os municípios de Bom Jesus de Itabapoana (RJ) e Bom Jesus do Norte (ES), onde foram observadas as consequências das hidrelétricas na pesca artesanal e na qualidade do rio. A metodologia adotada envolveu a coleta de dados primários por observação direta e entrevistas, além de dados secundários obtidos por meio do sistema SIDRA/IBGE e levantamento bibliográfico. O estudo destaca a importância dos rios para o equilíbrio ecológico e a vida humana, mas evidencia que sua exploração excessiva, motivada pela lógica capitalista, tem causado danos irreversíveis. A pesquisa identifica a perda de biodiversidade, a degradação da qualidade da água e os impactos sociais, como o desemprego e a perda de sustento das comunidades pesqueiras. O artigo sugere a necessidade urgente de repensar a gestão dos recursos hídricos, priorizando fontes de energia renováveis e alternativas sustentáveis, e alerta para os riscos de um modelo econômico que coloca os lucros acima da preservação ambiental e do bem-estar social.



| 103 | A PARTICIPAÇÃO PÚBLICA NOS PROCESSOS DE IMPLEMENTAÇÃO E GESTÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: O CASO DO REFÚGIO DA VIDA SILVESTRE DA LAGOA DO TAÍ (REVITAI).

Luana das Chagas Abrêu(UFF) - luanaabreu@id.uff.br

Mestranda em Geografia

Maria Carla Barreto Santos Martins(UFF) - maria_carla@id.uff.br

Doutora em Geociências - UFF

A legislação ambiental brasileira garante a participação social nos processos decisórios sobre a implantação e gestão de Unidades de Conservação (UCs). Porém, em muitos casos, esses processos são excludentes e afetam diretamente a vida de populações vulneráveis e periféricas. A perspectiva preservacionista, voltada principalmente para a contemplação da natureza, frequentemente ignora as territorialidades de populações tradicionais e resulta em conflitos socioambientais. O presente trabalho tem como objetivo analisar a participação pública nos processos decisórios relacionados à implementação e à gestão de UCs de proteção integral, com foco no Refúgio da Vida Silvestre da Lagoa do Taí (Revitaí), localizado no município de São João da Barra, RJ. A pesquisa, ainda em desenvolvimento, pauta-se na revisão bibliográfica, na análise documental da legislação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), em dados secundários do Cadastro Nacional de Unidades de Conservação, na ata da consulta pública e no decreto de criação da Revitaí. Ressalta-se que a ausência de um processo participativo efetivo e a limitação no diálogo com a população contribuem para a invisibilizar grupos sociais historicamente marginalizados. Com isso, o estudo busca refletir sobre os impactos das políticas ambientais na vida das populações locais.



| 153 | A REGIÃO NORTE FLUMINENSE E AS AÇÕES DA ELITE SUCROALCOOLEIRA EM CRISE UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DO JORNAL MONITOR CAMPISTA (1980-1985)

Carolinne Barcellos de Carvalho Azevedo(Universidade Federal Fluminense) -

carolinnebarcellosa@gmail.com

Licenciada em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense.

Zandor Gomes Mesquita(Instituto Federal Fluminense) -

zandor.mesquita@gsuite.iff.edu.br

Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense, Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e Doutor em Geografia pela Uni

Na atualidade, o Norte Fluminense possui destaque no cenário nacional devido à exploração de petróleo na Bacia de Campos e ao Porto do Açu, atividades estas que compõem as principais dinâmicas dessa região. Entendendo a região como conformada e conformadora de processos, inicia-se um questionamento acerca das dinâmicas que a conformaram. Verificou-se que suas bases estão diretamente ligadas à cana-de-açúcar. O objetivo deste trabalho foi identificar como o conceito de região era mobilizado e materializado no jornal ligado a elite canavieira do Norte Fluminense no período de declínio produtivo. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, utilizando as capas do Jornal Monitor Campista durante os anos de 1980, 1983 e 1985 para identificar quais ações foram mobilizadas pela elite canavieira local por meio da mídia impressa.



| 57 | AÇÕES PARA CONSCIENTIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIOESPACIAL PARA JOVENS E ADOLESCENTES PERIFÉRICOS

Jéssica Samecima(UFF) - teste de escrita de minicurriculo

teste de escrita de minicurriculo

Eliane Melana(UFF)

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (2006), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), doutorado em Geografia (conceito 7) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016) e doutorado

A partir de trabalhos de campo e atividades culturais, foi possível observar a falta de perspectivas da juventude periférica do bairro Camorim Grande, em Angra dos Reis-RJ, especialmente no que se refere à permanência no ensino básico e ao acesso ao ensino superior. Diante desse cenário, surgem questionamentos fundamentais: como a linguagem utilizada impacta a comunicação com essa juventude? Quais são as raízes da vulnerabilidade enfrentada por esses jovens? Quais estratégias podem ser adotadas para promover debates que sejam acessíveis e engajadores? A presente pesquisa busca respostas a essas questões por meio de uma abordagem que integra dimensões políticas, técnicas e humanas, visando fortalecer a participação juvenil e ampliar horizontes educacionais.



| 121 | ANGRA DE TODOS OS SANTOS – UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE COMBATE À VIOLÊNCIA A POVOS DE TERREIRO EM ANGRA DOS REIS

Lucas Ribeiro de Andrade(Universidade Federal Fluminense) -

lucasribeiroandrade@id.uff.br

Graduando de Política Pública na UFF, Pesquisador de Iniciação Científica pela FAPERJ, Técnico em Administração pelo IFRJ

Dibe Salua Ayoub(Universidade Federal Fluminense) - dibeayoub@id.uff.br

Dibe Salua Ayoub é professora do Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a tese intitulada "Entre jagunços e valentes:

Junya Vicente Ferreira(Universidade Federal Fluminense) - vicentejunya@id.uff.br

Graduando de Políticas Públicas na UFF

Livia Alves da Silva(Universidade Federal Fluminense) - alveslivia@id.uff.br

Graduanda de Políticas Públicas na UFF

A pesquisa investiga o racismo religioso enfrentado por comunidades tradicionais de povos de terreiro em Angra dos Reis, mapeando 18 terreiros em 12 bairros. Utilizando métodos qualitativos como entrevistas e observação participante, o estudo revela a falta de políticas públicas voltadas à proteção desses espaços como patrimônio cultural e memória negra. Aponta ainda a atuação de coletivos e lideranças na resistência antirracista e conclui pela necessidade de políticas construídas com participação comunitária, que reconheçam os terreiros como espaços de saber, cidadania e cultura, além do aspecto religioso.



|42| AS MARGENS DO IMEDIATO: CONTORNOS ANALÍTICOS DAS PERIFERIAS

Dayana da Silva Ferreira(UERJ - Universidade do Estado do Rio de) -

dayana.ppgecc.uerj@gmail.com

Doutoranda em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias - UERJ/FEBF. Militante antirracista em perspectiva marxista-comunista. Integrante - Educação & Insubmissão FE/UFRJ. Integrante do Grupo de Pesquisa THEPE - Trabalho, História, Educação e Política

Ensaisticamente, pinçadas sobre história, economia e subjetividade entoam as linhas que situam as periferias no atual cenário político-democrático brasileiro. Partindo de uma breve análise sócio-histórica, localizo o sujeito periférico nos meandros da democracia liberal em colapso. Na esteira da história do neoliberalismo, aloco as teorizações de Fukuyama sobre os fins - históricos e políticos - que promoveram os avanços do modo econômico na dinâmica planetária, praticamente sem rival ideológico. Perante as observações realizadas no transcorrer do texto, o método marxiano encaminha os fios descritivo-expositivos que fundamentam a imediaticidade do ser social da "quebrada". Ao deparar-se com as margens da materialidade, o sujeito periférico demonstra certa radicalidade difusa, ao cambiar posições políticas num solo de despolitização e de desorganização profunda das massas populares. Na inflexão entre a esquerda progressista e a extrema-direita, o argumento que norteia o estudo teórico é o papel da imediaticidade econômica nas decisões tomadas por grupos periféricos. Entre escolhas ideológicas e fatícas, Tiarajú (2020) nos encaminha para a práxis periférica como algo extremamente dinâmico, mediante às apreensões da materialidade. Sendo o sujeito negro ampla composição populacional dos territórios marginalizados, é possível que percebamos concepções racistas e eugenistas na figuração do "pobre de direita" como burro e dissociado da realidade macroeconômica. Ao permear caminhos analíticos técnico-acadêmicos e teórico-experimentais, o presente trabalho se propõe a tecer os diálogos necessários entre classes e racismos sob o lócus das periferias.



| 25 | AS PEÇAS NO TABULEIRO: A PAUTA RACIAL NA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL SOB A POÉTICA DO XADREZ.

Carlos Henrique Ribeiro Salviano(Universidade Federal da Paraíba) - teste de escrita de minicurriculo
teste de escrita de minicurriculo

Este trabalho visa relacionar o fenômeno da segregação socioespacial à pauta racial na conjuntura urbana brasileira, de forma a traçar analogias com as dinâmicas do jogo de xadrez. Buscou-se, para tanto, examinar o tabuleiro, as estratégias, as hierarquias e os movimentos das peças no jogo e no meio urbano. O estudo é motivado na reflexão sobre a situação social e geográfica da população negra nas cidades brasileiras, cujo interesse é ampliado ao constatar-se o baixo protagonismo negro no pensar e planejar a cidade, mesmo estando em maioria na população. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica com posterior análise qualitativa das informações coletadas. O estudo indicou que existem relações concretas entre a segregação socioespacial e a pauta racial, uma vez que a "raça" é um fator relevante no quadro de exclusão. Tais processos são resultantes de um processo histórico de estabelecimento de um estado sobre fortes raízes racistas.



| 128 | BASES CONCEITUAIS E TÉCNICAS PARA ANÁLISE DA FRAGILIDADE AMBIENTAL EM CONTEXTOS DE RISCO

Fábio Gil Machado(Universidade Federal Fluminense) - machadofabio@id.uff.com.br
Formado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas - MG

Gustavo H. Naves Givisiez(Universidade Federal Fluminense) - gh_naves@id.uff.br
Formado em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG. Doutorado em Demografia pela UFMG.
Professor da UFF.

Cláudio Henrique Reis,(Universidade Federal Fluminense) - claudioreis@id.uff.br
Formado Geografia pela UFF. Mestrado em Sensoriamento Remoto INPE. Doutorado em
Geografia UFRJ. Professor da UFF.

A fragilidade ambiental constitui um conceito fundamental para compreender os limites e a resiliência de sistemas naturais frente às pressões antrópicas e aos eventos extremos. Apesar de amplamente empregado em estudos de planejamento territorial e gestão de riscos, o termo ainda é frequentemente confundido com conceitos correlatos, como vulnerabilidade, suscetibilidade e perigo, o que exige constante aprimoramento conceitual e metodológico. Este trabalho tem por objetivo revisar criticamente os principais aportes teóricos sobre fragilidade ambiental, com ênfase em sua interface com os desastres naturais. São analisadas as contribuições sobre a concepção de fragilidade desenvolvida com base nas abordagens clássicas de Ross e Crepani incorporando revisões de técnicas apropriadas a estimativas de indicadores. Especial destaque será dado às abordagens técnicas da lógica fuzzy e da análise multicritério, como discutido por Burrough e Skidmore. Como resultado, espera-se sistematizar uma base conceitual e metodológica que oriente futuras aplicações empíricas e contribua para a construção de modelos mais sensíveis às transições e incertezas espaciais. O trabalho será apresentado em formato de pôster, com a expectativa de mapear os avanços e lacunas da literatura, subsidiando etapas posteriores de delimitação espacial e aplicação prática.



| 142 | DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCORPORAÇÃO DAS TECNOLOGIAS 4.0 NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES -RJ

Thailson Carvalho Reis(Universidade Fluminense Federal) - teste de escrita de minicurriculo

teste de escrita de minicurriculo

Leandro Bruno Santos(Universidade Federal Fluminense) - leandrobruno@id.uff.br

Formado em Geografia pela UNESP. Mestre pela mesma Instituição. Doutor pela mesma Instituição. Professor da UFF

A Indústria 4.0 caracteriza-se pela integração de tecnologias digitais, físicas e biológicas nos processos produtivos, promovendo maior eficiência, redução de custos e controle da cadeia produtiva. Países como Alemanha, Estados Unidos, China e Japão lideram essa transformação, investindo em Internet das Coisas (IoT), Big Data, Inteligência Artificial e sistemas ciber-físicos para otimizar a produção, inovação e conectividade. No Brasil, entretanto, a adoção dessas tecnologias é incipiente, com empresas enfrentando desafios estruturais, falta de capacitação e apoio governamental limitado, especialmente fora dos polos econômicos do Sudeste e Sul. Em Campos dos Goytacazes, a indústria de transformação apresenta baixa disseminação das tendências da Indústria 4.0, refletindo o cenário nacional. Embora algumas iniciativas locais desenvolvam tecnologias digitais, a maioria das empresas de bens de capital não possui setores dedicados à pesquisa e desenvolvimento, nem incorporam soluções digitais em seus processos. A relação entre empresas, universidades e centros de pesquisa é fraca, dificultando o avanço tecnológico regional. O estudo baseia-se em entrevistas e análise de dados de polos tecnológicos e empresas locais, destacando a necessidade de ampliar a integração e capacitação para impulsionar a transformação digital. Novas pesquisas são recomendadas para explorar setores como serviços, onde há maior aplicação de tecnologias digitais. Este trabalho contribui para compreender os obstáculos e oportunidades da Indústria 4.0 no contexto brasileiro e regional, evidenciando a urgência de políticas públicas e investimentos para acelerar a modernização industrial.



| 84 | DESIGUALDADES RACIAIS NA MOBILIDADE URBANA: UM ESTUDO SOBRE FEIRA DE SANTANA (BA).

Antonio Alberto Pereira de Almeida(Universidade Federal da Bahia) -

almeida.antonio@ufba.br

Graduado em Licenciatura em Geografia, pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

Especialização em Produção de Mídia para Educação, pela Universidade Federal da Bahia.

Mestrando do Programa de Pós - Graduação em Geografia, da Universidade Federal da

A mobilidade urbana nas cidades brasileiras, especialmente naquelas classificadas como centros regionais pelo IBGE (2018), representa um desafio crescente diante da ineficiência do transporte público. Em Feira de Santana (BA), o modelo de mobilidade adotado apresenta limitações significativas, desde falhas no planejamento até a inadequação em atender às demandas da população, refletindo-se no aumento do tempo de deslocamento urbano. Assim sendo, este trabalho busca analisar como os problemas de mobilidade urbana afetam de forma diferenciada a população negra e branca da cidade, considerando fatores como acesso ao transporte e tempo de deslocamento. Para isso, adotamos o método dialético para compreender os conflitos socioespaciais inerentes à reprodução da sociedade capitalista e as formas espaciais que dela resultam. A pesquisa fundamenta-se teoricamente nos conceitos de produção do espaço, conforme Santos (2006) e Corrêa (2000), e no "direito à cidade" de Lefebvre (1969, 2001), que defende o acesso igualitário e a apropriação ativa dos espaços urbanos por todos os cidadãos. Com isso, parte-se da hipótese de que a população negra enfrenta maiores dificuldades de mobilidade no município. Para validar essa hipótese, será utilizada a técnica de observação direta intensiva, incluindo coleta de dados por meio de observações e entrevistas, conforme Marconi e Lakatos (2010). O estudo pretende, assim, contribuir para a compreensão das desigualdades raciais na mobilidade urbana e propor caminhos para uma cidade mais justa e acessível.



| 110 | ENTRE CORPOS, ESPAÇOS E IMAGENS EM MOVIMENTO: INTERSECCIONALIDADES NO FILME “GAROTA NEGRA”, DE OUSMANE SEMBÈNE

Kevin Pinheiro Tinti(Universidade do Estado de Minas Gerais-U) -

contatotinti@gmail.com

Formando em Licenciatura em Geografia pela UEMG

Danielle Faria Peixoto(Universidade do Estados de Minas Gerais-) -

danielle.peixoto@uemg.br

Mestra e Bacharela em Geografia pela UFRJ. Doutoranda em Geografia pela UFF. Professora de Geografia Humana da UEMG

Helena Azevedo Paulo de Almeida(Universidade do Estado de Minas Gerais-U) -

helena.almeida@uemg.br

Bacharel, licenciada, mestra e doutora em História pela UFOP. Professora de História da UEMG

O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações acerca das relações interseccionais entre gênero, raça, colonialidade e espaço presentes na obra Garota Negra (1966), do diretor Ousmane Sembène. Através da metodologia da análise filmica semiótica (Bordwell, 1985) e sob a ótica de leituras decoloniais (Quijano, 2000; Lugones, 2008), observa-se a trajetória de Diouana, uma jovem senegalesa que se desloca de Dakar para a França cativada pelo ideal civilizatório europeu ancorado a uma lógica colonialista e de dependência econômica persistente entre os dois países. O presente artigo dialoga com o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso que permeia a relação Geografia-Cinema com ênfase nas representações espaciais presentes nas imagens em movimento, sendo parte da bibliografia deste texto uma composição do mesmo trabalho. Identificou-se três espacialidades representadas na obra: a Riviera Francesa, no filme, uma região idílica dotada de beleza cênica que se apresenta como terra de oportunidades; a cidade de Dakar, que se relaciona com as origens da protagonista e sua ancestralidade; e o apartamento dos patrões, um lugar que se materializa enquanto dispositivo espacial de dominação. A partir do debate do corpo-território (Zaragocin, 2020; Cabral, 2013), explora-se a dinâmica da corporeidade da protagonista ora como território colonizado, ora como território de resistência. O filme transparece as múltiplas camadas de opressão que incidem sobre corpos racializados e feminizados no contexto do pós-colonização, com o espaço representado – do Senegal pós-colonial ao ambiente doméstico francês –, reflexo e condicionante das relações coloniais e desigualdades estruturais preexistentes.



| 104 | GESTÃO DO DESCARTE DAS CARTELAS DE COMPRIMIDOS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS REDES DE DROGARIAS.

Mateus França Pessanha(Universidade Federal Fluminense - UFF Ca) -

mateusfranca@id.uff.br

Bacharel em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), polo Campos dos Goytacazes. Atualmente, mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG) da mesma instituição

Maria Carla Barreto Santos Martins(Universidade Federal do Estado do Rio de) -

maria_carla@id.uff.br

Doutora em Geociências com ênfase em Geoquímica Ambiental pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Atua como Professora do Departamento de Ciências Ambientais (UNIRIO) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPG da UFF Campos.

As indústrias farmacêuticas desempenham um papel fundamental na economia global, sendo responsáveis pela produção de medicamentos — desde a pesquisa e o desenvolvimento de novos princípios ativos até o controle de qualidade final —, além da gestão estratégica de suas embalagens, que são produzidas por fornecedores especializados sob rigorosos padrões regulatórios. No Brasil, de acordo com o Anuário Estatístico do Mercado Farmacêutico de 2022, foram comercializadas cerca de 5,7 bilhões de embalagens, o que reflete o grande volume de cartelas de remédios (blisters) circulando no mercado. No entanto, do ponto de vista ambiental, essas embalagens apresentam um desafio significativo para a gestão de resíduos sólidos. No município de Campos dos Goytacazes, o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS), publicado no primeiro semestre de 2024, revela que apenas algumas farmácias possuem programas de coleta de blisters, o que agrava a problemática do descarte inadequado desses resíduos. Esta pesquisa justifica-se pela experiência prévia do autor, adquirida em seu trabalho de conclusão de curso, que abordou o descarte e a coleta de lixo eletrônico em Campos dos Goytacazes, permitindo identificar semelhanças entre a invisibilidade desses resíduos e o ocultamento dos blisters na gestão dos resíduos sólidos urbanos. O projeto busca analisar, sob a perspectiva quanti-qualitativa, a logística de cartelas de comprimidos pós-consumo nas redes de drogarias no município, além de investigar o processo de destinação final das cartelas de comprimidos coletadas e verificar a existência de pontos de coleta municipais destinados aos blisters em Campos dos Goytacazes. Para isso, serão aplicados questionários aos responsáveis pelas drogarias do Centro da cidade, utilizando a técnica de amostragem intencional. A análise dos dados permitirá compreender melhor as dinâmicas de coleta de blisters e propor soluções que contribuam para a melhoria da gestão desses resíduos, em alinhamento com as diretrizes ambientais e de saúde pública.



| 107 | MUNDO EM CENA: FILMES E DOCUMENTÁRIOS NO APRENDIZADO ESCOLAR

Ana Marony Viana Pontes(Universidade Federal Fluminense) - pontesana@id.uff.br

Discente do curso de Licenciatura em Geografia-UFF/Campos

Leandro Bruno Santos(Universidade Federal Fluminense) - leandrobruno@id.uff.br

Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, Departamento de Geografia de Campo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFF/Campos

As transformações político-econômicas das últimas décadas nos colocam o desafio de entender a organização espacial do mundo contemporâneo. Este projeto parte desse desafio e propõe abordar, por meio da exibição de filmes e documentários em turmas de ensino médio do Colégio Estadual Rotary II, temas como globalização, neoliberalismo, financeirização, redução do papel do Estado, precarização do trabalho, consumismo e degradação ambiental etc. O projeto busca criar espaços para que os alunos da educação básica possam debater criticamente as novas formas de organização do espaço. A metodologia adotada abrange levantamento e leitura bibliográficos, reuniões com os professores, análise dos conteúdos bimestrais, seleção dos filmes e documentários, exibição e discussão do material audiovisual e aplicação de survey. O formato de exibição de filmes e documentários é relacionado aos temas de cada bimestre e busca estimular o debate, de modo a criar uma atmosfera dialógica, em que a universidade apenas serve como núcleo aglutinador, respeitando os diferentes saberes dos alunos, professores e gestores escolares envolvidos. Os resultados mostram que a inclusão de debates sobre a compreensão do mundo em sala de aula não apenas contribui para a formação dos jovens, mas também reforça o papel da geografia como uma disciplina essencial para entender criticamente os fenômenos econômicos. A exibição de material audiovisual estimula os alunos a debater e refletir sobre como as temáticas discutidas se relacionam com seu cotidiano. No terceiro ano do projeto, o survey aplicado revelou melhorias nas participações dos alunos e uma eficácia crescente nos debates realizados.



| 136 | O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NOS TERRITÓRIOS ESCOLARES EM ITAPERUNA-RJ

Sávio Rodrigues de Oliveira(Universidade Federal Fluminense) - teste de escrita de minicurriculo

teste de escrita de minicurriculo

Ricardo Abrate Luigi Junior(Universidade Federal Fluminense) - ricardoluigi@id.uff.br

Formado em Geografia pela UFRJ e em Relações Internacionais pela UNINTER. Mestre em Geografia pela UERJ. Doutor em Geografia pela UNICAMP. Professor adjunto da UFF - Campos dos Goytacazes.

O processo de construção e caracterização de um território é permeado pela apropriação do espaço por intermédio do exercício de poder (Martins; Chagas, 2021). Em tal processo, não há neutralidade, ao contrário, há intencionalidades. O território trata-se do espaço onde esse poder é exercido, mas também é onde ocorre o desenvolvimento da cultura e da identidade de um grupo. As pessoas surdas constituem uma minoria linguística no território escolar, requisitando que uma educação bilíngue seja considerada, conforme indica a Lei nº 14.191/2021. Tal legislação trouxe alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabelecendo a implementação da modalidade de educação bilíngue de surdos. Dessa forma, parte-se da hipótese de que a ausência de adequações institucionais e pedagógicas para a efetivação da educação bilíngue pode resultar em uma exclusão simbólica e material das pessoas surdas no território escolar (Silva; Júnior; Santos, 2019). Assim, a pesquisa tem como objetivo investigar qual é a importância da língua na constituição dos territórios dos alunos surdos na educação básica de Itaperuna-RJ. A investigação contribui para o debate sobre inclusão escolar sob a perspectiva geográfica, ampliando a compreensão da demarcação linguística na escola. A metodologia proposta consiste em uma revisão bibliográfica e abordagem exploratória com levantamento de dados, junto às secretarias de educação, sobre os alunos surdos.



| 135 | ONDAS DE TEMPESTADE E EROSÃO COSTEIRA NA ORLA MARÍTIMA DO NORTE FLUMINENSE: ANÁLISE DE DADOS METEOCEANOGRÁFICOS (1984 - 2016)

Karen de Almeida Oliveira(Universidade Federal Fluminense) - karenalmeida@id.uff.br
Formada em Geografia pela UFF.

Eduardo Manuel Rosa Bulhões(Universidade Federal Fluminense) -
eduardobulhões@id.uff.br

Bacharel em Geografia e Mestre em Ciências pela UFRJ. Doutor em Geologia e Geofísica Marinha pela UFF. Professor do Departamento de Geografia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPG UFF Campos.

O litoral do Norte Fluminense, situado entre as desembocaduras dos rios Macaé e Itabapoana, enfrenta processos significativos de erosão costeira, impulsionados principalmente pela ação de ondas oceânicas de alta energia, frequentemente associadas a sistemas ciclônicos extratropicais. Embora estudos prévios reconheçam a erosão na região, ainda existem lacunas acerca do comportamento das ondas durante eventos de tempestade e sua influência na intensificação dos processos erosivos. Este estudo tem como objetivo principal analisar o grau de participação das ondas oceânicas na evolução da erosão costeira sob condições de tempestade, visando à identificação dos padrões meteoceanográficos que contribuem para o avanço desses processos. A metodologia adotada compreende três etapas: análise exploratória do clima de ondas e definição de cenários; simulação da propagação de ondas em águas rasas, por meio de modelagem numérica; e análise dos padrões de energia das ondas nas áreas de erosão previamente mapeadas. A investigação fundamenta-se em simulações computacionais para a avaliação dos impactos ondulatórios nas áreas de interesse. Espera-se que os resultados obtidos contribuam para o aprofundamento do conhecimento sobre a dinâmica costeira regional e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de gestão, mitigação de riscos e conservação dos ambientes marinhos e costeiros.



| 114 | PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE FIGUEIRAS NA AMÉRICA LATINA – SEÇÃO PHARMACOSYCEA

Kadhija Laura de Oliveira Manhães Barreto(Universidade Federal Fluminense Institut) - kabarreto@id.uff.br

Graduanda em Geografia pela UFF Campos.

Tatiane Moraes dos Santos Miranda(Universidade Federal Fluminense Institut) - t_miranda@id.uff.br

Graduanda em Geografia pela UFF Campos.

Leandro Cardoso Pederneiras(Universidade Federal Fluminense Institut) - leandropederneiras@id.uff.br

Professor do magistério superior da Universidade Federal Fluminense (Adjunto) e bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado - FAPERJ N 21/2023. Doutor em Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente (IBt-SP) com ênfase nas linhas de pesquisa de Biogeografia, Filog

Quaisquer duas distribuições de organismos podem ser comparadas, mas são necessários critérios biogeográficos específicos para identificar distribuições que apresentam as mesmas características espaciais formando semelhanças, por mais distintas que pareçam. Com a Pan Biogeografia além de comparar essas distribuições, se compara as semelhanças de fatores abióticos para analisar a existência de sua evolução de um ancestral em comum. Seja por uma barreira física intransponível, uma separação ou submersão de terra, o que conta também com uma análise histórica da crosta terrestre, para identificar o que leva os indivíduos de uma mesma comunidade a evoluir separadamente levando a novas espécies. Isso nos leva a uma melhor compreensão da diversidade biológica, e com os dados de distribuição de 35 espécies de figueiras, seção Pharmacosycea, por apresentar revisão taxonômica concluída, utilizando ferramentas de geoprocessamento (como programas do QGIS) deve-se encontrar traços e nós Pan Biogeográficos que mostre um pouco da evolução do planeta também. O método da Pan Biogeografia, de Croizat (1962), possibilita analisar e mapear traços, conectando os pontos de onde cada unidade da espécie é encontrada, e assim poder estudar mais profundamente quais são as condições favoráveis naquela área para as figueiras.



| 81 | PANORAMA GEOGRÁFICO DAS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2006-2024)

Ruan Carlos Alves Silva(Universidade Federal Fluminense) - ruanalves@id.uff.br

Bacharel em Geografia e atual mestrando do PPG/UFF

Erika Vanessa Moreira Santos(Universidade Federal Fluminense) -

erikamoreira@id.uff.br

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP e Professora adjunta da Universidade Federal Fluminense, Departamento de Geografia de Campo e do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFF/Campos.

O setor agropecuário do estado do Rio de Janeiro, embora caracterizado por uma produção diversificada, enfrenta desafios estruturais relevantes, como infraestrutura precária, baixa articulação entre os segmentos produtivos e limitada competitividade. Nesse cenário, as cooperativas agropecuárias emergem como uma alternativa estratégica de organização coletiva, contribuindo para o fortalecimento da atividade agropecuária. Com esta pesquisa, em fase inicial de desenvolvimento, tem-se como objetivo traçar um panorama geográfico das cooperativas agropecuárias do ERJ entre 2006 a 2024, no sentido de caracterizar a situação geográfica e seus portifólios. Para tanto, a metodologia empregada na pesquisa envolve, em âmbito geral, a revisão bibliográfica sobre cooperativismo, políticas públicas e região, levantamento de dados secundários junto ao Sidra/IBGE e a Organização das Cooperativas Brasileiras, levantamento normativo em sites institucionais, sistematização, construção de material cartográfico e análise do material. Os primeiros resultados sugerem que, em 2020, as cooperativas foram responsáveis por 10,5% do Valor Adicionado Bruto (VAB) do setor agropecuário no estado. O levantamento mais recente, de dezembro de 2024, identificou 28 cooperativas agropecuárias no ERJ, das quais 20 estão ativas, com destaque para as regiões administrativas Sul e Centro-Sul fluminense, onde se concentram 18 dessas cooperativas, majoritariamente voltadas à produção de derivados lácteos. Além disso, o número de empregos gerados cresceu de 630 em 2019 para 792 em 2022. Já o número de cooperados quase dobrou, passando de 6.023 para 12.710 no mesmo período. Conclui-se, ainda que de forma parcial, que as cooperativas agropecuárias desempenham papel estratégico no desenvolvimento do setor agropecuário no ERJ.



| 159 | PERIFERIA, LITERATURA E REFLEXÃO SOBRE VIVER A CIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

LIZ REGINA SILVEIRA BARBOSA(UERJ/FFP) - lizrbarbosa@gmail.com

Formada em Geografia pela UERJ/FFP e mestrandona pela UERJ/FFP.

Manoel Martins de Santana Filho(UERJ/FFP) - manoelsantanaprof@gmail.com

Manoel Martins de Santana Filho é Geógrafo/Educador, bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2000) e Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (Geo

Este ensaio tem por objetivo investigar as potencialidades da abordagem para explorar ideia de periferia no ensino de Geografia a partir do diálogo com a Literatura. As periferias urbanas brasileiras apresentam suas diferenças e similitudes, algo captado pelo olhar atento e sensível de escritoras e escritores. O trabalho explora a possibilidade do uso de textos literários comparativos para refletir sobre os espaços de habitação e circulação da classe trabalhadora no ambiente urbano, possibilitando a compreensão de diferentes recortes espaciais e temporais do Brasil.



| 174 | RACISMO AMBIENTAL NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE PROBLEMAS URBANOS QUE AFETAM A POPULAÇÃO DO RIO DE JANEIRO.

Lorena de Castro Braga da Costa(Universidade Federal Fluminense) -

Lorena_castro@id.uff.br

teste de escrita de minicurriculo

Profa. Dra. Maria Carla Barreto Santos Martins(Universidade Federal Fluminense) -

maria_carla@id.uff.br.

Fruto de uma expressão cunhada por ativistas negros norte-americanos, o racismo\r\nambiental se manifesta no cotidiano trazendo prejuízos não apenas ao grupo\r\nafetado diretamente por suas consequências, mas para toda a sociedade brasileira.\r\nO presente trabalho tem por objetivo apresentar o conceito de racismo ambiental,\r\nndiscutir como ele se manifesta na sociedade e como pode ser observado por meio\r\nde reportagens jornalísticas. A metodologia utilizada teve como primeira etapa um\r\nlevantamento bibliográfico e, em seguida, uma busca por identificar notícias sobre\r\nproblemas ambientais urbanos no Rio de Janeiro nas matérias do site de notícias\r\nG1. As matérias do ano de 2023 foram compiladas e categorizadas, com ênfase nos\r\nrelatos de problemas ambientais urbanos e seus desdobramentos. O discurso\r\nutilizado pela mídia ao tratar do assunto escolhido foi analisado e foi observada a\r\npresença do racismo ambiental nas reportagens. Por fim, a pesquisa apresenta a\r\nrelevância do incremento e da continuidade dos estudos sobre racismo ambiental\r\ncomo forma de enfrentamento e empoderamento dos negros e negras brasileiros.\r\n



| 131 | REESTRUTURAÇÃO DO SETOR DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL (P&G) E DINÂMICA DO MERCADO DE TRABALHO NO NORTE FLUMINENSE

Vanessa Emily da Silva Januário(Universidade Federal Fluminense) -

vanessaesj@id.uff.br

Graduanda em bacharelado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, atualmente no 7º período, com bolsa de pesquisa da FAPERJ.

Leandro Bruno Santos(Universidade Federal Fluminense) - leandrobruno@id.uff.br

Formado em Geografia pela UNESP. Mestre e doutor em Geografia pela UNESP, com estágio doutoral na BUAP (México). Atua nas áreas de Geografia Econômica, Geopolítica e Geografia Industrial.

Desde 2015, a Petrobras passou por uma reestruturação estratégica marcada pela adoção de um plano de desinvestimento, que resultou na progressiva retirada de operações da Bacia de Campos, com foco no redirecionamento dos investimentos para áreas consideradas mais rentáveis, como a Bacia de Santos. Esse processo envolveu a venda de ativos, transferência de operações e o encerramento de atividades em diversas instalações. Como resultado desse movimento, a Bacia de Campos teve 9 ativos vendidos e registrou 36 descomissionamentos por instalação, sendo a bacia com o maior número desse tipo de operação no país. Historicamente responsável por grande parte da produção nacional de petróleo, a Bacia de Campos passou a sofrer um esvaziamento operacional que impactou diretamente a economia do Norte Fluminense. Os municípios da região, que durante anos lideraram o recebimento de royalties e estruturaram suas economias em torno da cadeia petrolífera, enfrentaram perdas nas transferências, redução de postos de trabalho e enfraquecimento da atividade produtiva local. Este trabalho analisa os efeitos dessa retirada da Petrobras sobre a dinâmica econômica regional, evidenciando como as decisões corporativas da estatal repercutiram de forma desigual nos territórios produtores. No caso do Norte Fluminense, a saída da Petrobras revelou a vulnerabilidade socioeconômica de municípios fortemente dependentes da presença da empresa, destacando as consequências do repositionamento estratégico da companhia.



| 151 | TÍTULO: BELFORD ROXO E DUQUE DE CAXIAS: ESTIGMA, ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA E OS DESAFIOS DA BAIXADA FLUMINENSE

Sávio Dasaev de Araújo Reis(Faculdade de Educação da Baixada Flumine) -

dasaevreis25@gmail.com

Formado em geografia pela FEBF-UERJ. Estudante de Especialização em Cidades, Políticas urbanas e Movimentos Sociais IPPUR UFRJ. Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo ESDI-UERJ.

Ingrid Vitória Luciano Gomes de Souza(Faculdade de Educação da Baixada Flumine)

- ingridluci2911@gmail.com

Formada em licenciatura em geografia pela FEBF-UERJ. Professora de geografia na educação básica. Faz parte do Coletivo de Professoras Alfabetizadoras das Classes Populares.

O presente trabalho visa analisar o processo de estigmatização presente nos municípios de Belford Roxo e Duque de Caxias a partir de sua reverberação nas mídias digitais, desencadeando em uma construção simbólica desfavorável. Isso se dá a partir da existência de áreas valorizadas e áreas desvalorizadas, As primeiras, geralmente próximas das centralidades e das vias de transporte e as segundas, afetadas pela ausência de infraestrutura básica essencial, inundações, deslizamentos e outros problemas relacionados ao racismo ambiental. Buscamos analisar como esses municípios são retratados nas mídias digitais, especialmente através de notícias e memes relacionados à pobreza, violência e falta de infraestrutura. E deste modo evidenciar os impactos que essas representações causam no imaginário social, na percepção pública e consequentemente no sentimento de identificação e pertencimento dos moradores desses locais. A metodologia utilizada será a análise de conteúdos midiáticos relacionados a Belford Roxo e a Duque de Caxias nas principais redes sociais como Facebook e Instagram; entrevista a moradores de ambos os municípios com a finalidade de compreender os sentimentos desses moradores referentes a tais estigmas, quais são as ausências experimentadas por eles e o que poderia melhorar; além de fazer um mapeamento dos principais empreendimentos de ambos os municípios, observando quais são os eixos de expansão e relacionando-os com a infraestrutura existente. O desejo de fazer essa pesquisa veio do fato de sermos moradores dos municípios supracitados e considerarmos importante conhecer o espaço que habitamos para fortalecer o sentimento de identificação e lutarmos de forma consciente por melhorias e justiça social.



**| 143 | TÍTULO: CARANGOLA CIDADE-ENCRUZILHADA:
TERRITORIALIDADES SAGRADAS E ESPACIALIDADES DAS RELIGIÕES
DE MATRIZES AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS**

LARISSA RODRIGUES DE MORAES(Universidade do Estado de Minas Gerais U) -

larissarodriguesdemoraes23@gmail.com

Graduando de Licenciatura em Geografia pela UEMG- Carangola

Quando se fala em espaços sagrados e profanos, logo remetemo-nos a divisão que parte de uma construção Ocidental, ligada a Igreja Católica, entende-se que os espaços sagrados são pontos fixos onde ocorrem uma hierofanía, ou seja manifestação do Sagrado, enquanto o espaço profano é tudo que se tém ao entorno.

Este trabalho tem como objetivo discutir as espacialidades de axé a partir da articulação entre os conceitos de espaço sagrado e profano, espacialidades negras e territorialidades das religiões de matriz africana, investigando de que maneira os espaços sagrados das religiões afro-brasileiras – como terreiros, matas, rios, encruzilhadas – são constituídos como territórios de resistência, espiritualidade e identidade, sendo, muitas vezes, considerados espaços profanos por outras religiões dominantes, revelando a invisibilização, marginalização e apagamento dessas práticas no espaço urbano e rural.

Por meio uma abordagem teórico metodológica da geografia cultural e da geografia das religiões, o estudo se desenvolve em Carangola (MG) e traz um breve resumo geo-histórico local, que evidencia as relações entre a escravização, a cafeicultura e a formação das primeiras comunidades negras e terreiras na região; reunindo narrativas por meio de entrevistas com lideranças religiosas e agentes culturais da cidade, resgatando memórias e histórias das práticas de axé. E propõe por fim; mapeamento dessas espacialidades presentes no município.

Assim o trabalho contribui para uma abordagem antirracista e decolonial da Geografia, ao reconhecer essas territorialidades e suas formas de existência; e para valorização dos saberes negros, dos territórios sagrados e das diversidades religiosas na construção do espaço geográfico.



| 113 | TRABALHO DE CAMPO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO, UMA FERRAMENTA ANTIRRACISTA

charles de oliveira pimenta(IFRJ - Campus Arraial do Cabo) -

profcharlespimenta@gmail.com

Formado em Geografia pela UERJ - FFP. Pós graduando em Ciências Ambientais em Áreas Costeiras pelo IFRJ. Professor de Geografia da Rede Estadual do Rio de Janeiro no município de Cabo Frio.

Resumo

O acumulo teórico, metodológico e político alcançado pelas diversas vertentes das ciências geográficas possibilitou de forma robusta que as professoras e professores de Geografia compreendessem o espaço geográfico com todas as suas complexidades, limitações e possibilidades. Desta forma, a prática docente exige de forma diária e ininterrupta, um leque de conexões entre múltiplas áreas da Geografia, isso requer um arsenal de táticas pedagógicas para analisar e compreender um espaço urbano cada vez mais subordinado a égide capitalista, que transforma rapidamente o espaço geográfico e o racismo estrutural/ambiental em processos de gentrificação com inúmeras consequências socioambientais.

Palavras-chave: Trabalho de campo; Racismo; Urbanismo.

Abstract

The theoretical, methodological and political accumulation achieved by the various branches of geographical sciences has enabled Geography teachers to robustly understand geography space with all its complexities, limitations and possibilities. Thus, teaching practice requires, on a daily and uninterrupted basis, a range of connections between multiple areas of Geography. This requires an arsenal of pedagogical tactics to analyze and understand an urban space increasingly subordinated to the aegis of capitalism, which rapidly transforms geographic space and structural/environmental racism into processes of gentrification with countless socio-environmental consequences.

Keywords: Fieldwork; Racism; Urbanism.

O trabalho de campo é uma ferramenta geográfica muito valiosa que nos permite ensinar e ressignificar o olhar sobre a paisagem urbana. Essa fusão entre o conhecimento teórico da sala de aula e o empirismo do trabalho de campo, instigam e articulam o pensamento crítico de uma Geografia integradora de conhecimentos e transformadoras de sujeitos. Segundo Lacoste (1985): O trabalho de campo para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas. (LACOSTE, 1985, p.20)

Ainda nesse sentido,

A pesquisa de campo é um meio e não um objetivo em si mesmo. É a pesquisa indispensável à análise da situação social. Trata-se, repetimos, de situação social e não de situação espacial. O espaço não pode ser estudado pelos geógrafos como uma categoria independente de vez que ele é nada mais que um dos elementos do sistema social. São as relações dos homens com o espaço ou a respeito do espaço que preocupam hoje os geógrafos modernos: preocupação ou polarização científica insuficiente, de vez que não se pode compreender estas relações sem conhecer ou compreender as relações dos homens entre si, quer dizer, as relações sociais. (KAYSER, 1985, p.31)

A utilização do trabalho de campo como ferramenta pedagógica interseccional possibilita uma articulação entre docentes e discentes, instigando e fomentando nos alunos as problematizações dos fenômenos sociais, sobretudo aqueles relacionados ao racismo estrutural, ambiental e nos processos de gentrificação vividos por alunos da rede pública estadual num município turístico que territorializa e desterritorializa com base no seu projeto de branquapia. Os saberes construídos num trabalho de campo reconhecem saberes não hegemônicos que emergem nesse cenário capitalista e sobretudo, racista.



O papel da Geografia crítica é entre outros, construir nos discentes uma coletividade onde os sujeitos políticos que observam os conflitos de interesses entre as classes sociais, também sejam sujeitos capazes de organizar e lutar contra a realidade social e racial de Cabo Frio. O currículo, assim como as práticas pedagógicas precisam reconhecer a diversidade étnico-racial brasileira nas escolas públicas e tornar-se uma ferramenta imprescindível na resolução das contradições urbanas.

O trabalho de campo pode e deve estar contido num pacote de ações antirracistas, já que Cabo Frio é uma cidade turística de porte médio que vem potencializando as políticas higienistas e eugenistas. Esse espaço urbano efervescente é palco de inúmeros processos econômicos, territoriais e raciais que se desenvolvem de forma desigual e combinada. A geografia é essencial nesse projeto de compreensão e luta insurgente da distribuição dos benefícios e ônus do processo de urbanização e o papel do poder público na promoção de uma sociedade socialmente justa, radicalmente democrática e ambientalmente sustentável.